



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



JOSÉ BARROSO DE OLIVEIRA FILHO

SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ (SALIPI): história e desdobramentos

TERESINA
2023

JOSÉ BARROSO DE OLIVEIRA FILHO

SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ (SALIPÍ): história e desdobramentos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura, memória e cultura. Linha de pesquisa: Literatura, historiografia e memória cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva.

TERESINA
2023

O48s Oliveira Filho, José Barroso de.
 Salão do Livro do Piauí (SALIPI): história e desdobramentos / José
 Barroso de Oliveira Filho. - 2023.
 108 f.: il.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
 Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, Mestrado Acadêmico em
 Letras, *Campus* Poeta Torquato Neto, Teresina - PI, 2023.
 “Orientadora: Profa. Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva.”

 1. Salão do Livro do Piauí (SALIPI). 2. Leitura. 3. Livro. I. Título.

CDD: 469.02



TERMO DE APROVAÇÃO

SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ (SALIPI): HISTÓRIA E DESDOBRAMENTO

JOSÉ BARROSO DE OLIVEIRA FILHO

Esta dissertação foi defendida às 09:00h, do dia 06 de Julho de 2023, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO. (Aprovado, não aprovado).

Professora Dra. Raimunda Celestina Mendes da Silva – UESPI
Orientadora

Professor Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho– UESPI
Membro interno

Professora Dra. Joseane Maia Santos Silva–UEMA
Membro externo

Professor Dr. José Wanderson Lima Torres– UESPI

Visto da Coordenação:

Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

A meus pais, José e Maria (in memorian), presenças vivas em todas as minhas horas
A minha esposa, Thays Vanini Brustoloni Barroso de Oliveira
Aos meus filhos, Suzana e Paulo Estéfanos, minha alegria

O amor bate à porta
E tudo é festa.
O amor bate à porta
E nada resta.

(Cineas Santos)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, autor da Vida e ar que respiro, por ter permitido eu chegar até aqui; ser força para não desistir; inspiração e minha fé, para eu acreditar em uma sociedade “onde todos tenham vida plena”, com justiça, paz e alegria.

A minha família, José Barroso e Maria Barroso, irmãos e irmãs, esposa e filhos, a parte de mim mais sagrada, por ser fortaleza e aconchego, construção e evolução constante de minha formação, caráter e conhecimento; com quem divido essa conquista.

Agradeço imensamente a generosidade e sensibilidade da professora e escritora Auri Lessa pelo incentivo e por tudo que fizera para minha formação desde o ensino fundamental menor; aos meus primeiros professores que não esquecerei: Guido Campelo Leite, Maria Dagmar, Suzana Aragão e Francisca Olímpia de Carvalho que muito acreditaram em mim, e me incentivaram, sempre.

À querida família Coimbra que me “acolheu” em Teresina, quando aqui cheguei para estudar. À querida família Franco, que me “acolheu”, em São Paulo, quando lá cheguei para estudar e trabalhar.

À Comunidade uespiana em especial os colegas do Curso de Comunicação Social aos quais agradeço pelo incentivo e apoio; vocês me ensinaram e me ensinam que o conhecimento e a ciência têm mais força e coerência a partir do afeto.

Aos professores que compõem o mestrado acadêmico em letras, da UESPI.

Aos colegas da turma 2020, pelas contribuições ao longo do curso que poderiam ter sido mais robustas se presencialmente, mas por questão de saúde global - Pandemia Covid-19, não foi possível, como turma, nos conhecermos pessoalmente, o que considero grande perda; torço para que a pedagogia do encontro perdure!

A minha orientadora, professora Dra. escritora Raimunda Celestina Mendes da Silva, pela orientação, confiança nesse trabalho e desejo de vê-lo concluído. De igual modo agradeço aos professores fundadores e coordenadores do SALIPI pela contribuição para que essa pesquisa se concretizasse: Kássio Gomes, Jasmine Malta, Luiz Romero e Cineas Santos.

Ao professor Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho que muito contribuiu para o desenvolvimento desse trabalho.

À professora Dra. escritora Joseane Maia Santos Silva, por prontamente aceitar o convite para participar desta Banca, com contribuições valiosas.

Ao professor Dr. José Wanderson, que também gentilmente aceitou o convite.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O Salão do Livro do Piauí (SALIPI) é um evento literário reconhecido nacionalmente por sua extensão e impacto social, de modo a representar a cultura e a identidade do estado do Piauí. Ao longo de duas décadas de realização, o SALIPI tem despertado os olhares de muitos intelectuais que por ele passaram. Assim, como um produto cultural do estado do Piauí e como um mega evento que contribui para o incentivo à leitura e a formação de novos escritores, o salão vem a cada edição suscitando possibilidades de estudos sobre o projeto desenvolvido por meio da Fundação Quixote, mantenedora do evento. É sobre esse contexto que o presente trabalho tem como objetivo geral conhecer como se originou e se desenvolveu o evento Salão do Livro do Piauí, o maior evento lítero-cultural do Estado do Piauí, durante os vinte anos de existência, de 2003 a 2022, na capital piauiense Teresina. Para tanto, apresenta-se como objetivos específicos: relatar como se deu a criação, história, percalços e crescimento do Salão do Livro do Piauí; conhecer os parceiros e as alianças firmadas para a construção do Salão do Livro do Piauí; tornar conhecido os desdobramentos supervenientes na realização do Salão do Livro do Piauí. Diante do exposto, este estudo parte da seguinte questão norteadora: Qual a contribuição sociocultural do Salão do Livro do Piauí-SALIPI, para o Piauí e a capital Teresina? A opção por estudar o SALIPI se deu em função da sua magnitude e da possibilidade de despertar interesse pela leitura, pela formação de leitores, bem como novos escritores e gosto por manifestações culturais como a música, a dança, as artes plásticas, o teatro e o cinema, dentre outras manifestações artísticas. O evento traz em si evidências na formação da identidade cultural e intelectual piauiense. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental, com entrevista semi-estruturada desenvolvida em contato direto com o informante, a partir de um roteiro estruturado em tópicos, visando a opinião mais elaborada a alcançar o objetivo do estudo. Alguns teóricos auxiliaram na composição da pesquisa, na qual se destacam: Coutinho, (2008); Alfredo Bosi (2002); Ecléa Bosi (2003); Gaston Bachelard (1993); Mirian Scavone (2005); Sonia Kramer (1993); Vera Teixeira de Aguiar (1996); dentre outros. O estudo partiu da origem dos salões literários na Europa, em especial na França do Sec. XVII e XVIII, de modo a chegar até ao Brasil, com os saraus trazidos pela Família Real em 1808, narrando ainda os primeiros eventos literários realizados no Piauí que, segundo Filho (2010), começou com os saraus e sociabilidades oitocentistas, a partir do high-life, segmento social oriundo da elite rural, que se formou em Teresina, a partir da década de 1880. Assim, este trabalho traz uma narrativa dos salões literários até chegar ao Salão do Livro do Piauí, contando a história de 20 anos de realização, representando a cultura e a identidade do Piauí.

Palavras-chave: leitura; escrita; cultura piauiense; SALIPI; história.

RESUMEN

El Salão do Livro do Piauí (SALIPI) es un evento literario reconocido a nivel nacional por su extensión e impacto social, con el fin de representar la cultura y la identidad del estado de Piauí. A lo largo de dos décadas de realización, SALIPI ha despertado la mirada de muchos intelectuales que pasaron por él. Así, como producto cultural del estado de Piauí y como megaevento que contribuye a incentivar la lectura y la formación de nuevos escritores, el salón viene en cada edición planteando posibilidades de estudios sobre el proyecto desarrollado a través de la Fundación Quijote, patrocinadora del evento. Es en este contexto que el presente trabajo tiene como objetivo general conocer cómo se originó y se desarrolló el evento Salão do Livro do Piauí, el mayor evento literario-cultural del Estado de Piauí, durante sus veinte años de existencia, de 2003 a 2022, en la capital de Piauí Teresina. Para eso, presenta los siguientes objetivos específicos: relatar cómo fue la creación, historia, peripecias y crecimiento de la Feria del Libro de Piauí; conocer los socios y alianzas firmadas para la construcción del Salão do Livro en Piauí; dar a conocer los avances sobrevenidos en la realización del Salón del Libro de Piauí. Dado lo anterior, este estudio se basa en la siguiente pregunta orientadora: ¿Cuál es la contribución sociocultural del Salão do Livro do Piauí-SALIPI, para Piauí y la capital Teresina? La elección de estudiar SALIPI se debió a su magnitud y a la posibilidad de despertar el interés por la lectura, en la formación de lectores, así como de nuevos escritores y el gusto por las manifestaciones culturales como la música, la danza, las artes visuales, el teatro y el cine, entre otras manifestaciones artísticas. El evento trae en sí evidencia en la formación de la identidad cultural e intelectual de Piauí. Se trata de una investigación bibliográfica, documental, con entrevista semiestructurada desarrollada en contacto directo con el informante, a partir de un guión estructurado en temas, visando la opinión más elaborada para alcanzar el objetivo del estudio. Algunos teóricos ayudaron en la composición de la investigación, en la que se destacan: Coutinho, (2008); Alfredo Bosi (2002); Eclea Bosi (2003); Gastón Bachelard (1993); Mirian Scavone (2005); Sonia Kramer (1993); Vera Teixeira de Aguiar (1996); entre otros. El estudio partió del origen de los salones literarios en Europa, especialmente en Francia en el siglo XIX. XVII y XVIII, para llegar a Brasil, con las veladas traídas por la Familia Real en 1808, narrando también los primeros eventos literarios realizados en Piauí que, según Filho (2010), comenzaron con las sociabilidades del siglo XIX, del segmento social de la alta vida de la élite rural, que se formó en Teresina, a partir de la década de 1880. Así, esta obra trae una narrativa de los salones literarios hasta llegar al Salão do Livro do Piauí, contando la historia de 20 años de logro, representando la cultura y la identidad de Piauí.

Palabras clave: lectura; escritura; cultura Piauí; SALIPI; historia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Salão Literário em Paris	19
Figura 2 - Hôtel de Rambouillet	19
Figura 3 - Catherine de Vivonne	20
Figura 4 – Feira do Livro de Porto Alegre	31
Figura 5 - Feira do Livro de Brasília – FeLiB	32
Figura 6 - Feira Internacional do Livro – FIL	33
Figura 7 - Feira Literária Internacional de Paraty	33
Figura 8 - Bienal Internacional do Livro de São Paulo	34
Figura 9 - Feira do Livro de São Luís (FeliS)	34
Figura 10 - Feira do Livro da Editora UFPR	35
Figura 11 - Salão do Livro do Piauí – SALIPI	35
Figura 12 – Homenagem ao poeta Cineas Santos na 20ª Edição do SALIPI	54
Figura 13 – Palestra de José de Nicola e Lucas de Nicola no 25º Seminário Língua Viva	55
Figura 14 – Palestra de Lilia Schwarcz na 20ª Edição de SALIPI	55
Figura 15 – Lançamento do livro <i>A dança do Lili</i> , de Joseane Maia	56
Figura 16 – Estandes de Livros	62
Figura 17 – Escritor Assis Brasil no SALIPI	63
Figura 18 – 1ª Edição do Salipinho (2019)	69
Figura 19 – Salipinho	71
Figura 20 – Contação de História	72
Figura 21 – O Público Infantil no SALIPI	73
Figura 22 – Banda Validuaté na 18ª edição do SALIPI	79
Figura 23 – Participação da APL na 20ª Edição do SALIPI	83
Figura 24 - Show de Enceramento – SALIPI (2022)	89
Figura 25 – Divulgação da Abertura do SALIPI	90

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 CONCEPÇÃO DE LITERATURA AO VIVO	16
2.1 Os Salões de Livro na Europa	18
2.2 Os Salões de Livro no Brasil	26
3 A HISTÓRIA DO SALIPI	39
3.1 Do Seminário Língua Viva para o Salão do Livro do Piauí	39
3.2 O Surgimento do SALIPI	42
3.3 O SALIPI em suas Edições: uma história de 20 anos	48
4 A ORGANIZAÇÃO DO SALIPI	57
4.1. SALIPI: públicos de interesse	58
4.2 Jovens Escritores: novos escritores piauienses	64
4.3 O Salipinho e a Programação Infantojuvenil	69
5 O SALIPI E OUTROS DESDOBRAMENTOS	75
5.1 A Cultura Piauiense no SALIPI	75
5.2 A Importância do SALIPI para a Literatura Piauiense	81
5.3. A Aclamação do SALIPI pela Sociedade Piauiense	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A	99
APÊNDICE B	101
ANEXO I	102
ANEXO II	103

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta introdução, apresento o processo que me levou a esta pesquisa intitulada: SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ, SALIPI: história e desdobramentos. Compreendendo a escolha do objeto de estudo com o qual me envolvi, e, ao refletir sobre este objeto, o SALIPI, está diretamente relacionado ao percurso que fiz e farei para desenvolvê-lo, conforme escolha anteriormente feita em sala de aula como docente no curso de Comunicação Social na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como descrito a seguir.

Certamente, é esperado que desde cedo o homem busque superar-se, sempre, em uma perspectiva de preparação da vida e para vida. Nesse exercício, naturalmente, fui encaminhado a estudar Comunicação Social, e, graduado, a trabalhar na docência, arena em que se aprende e ensina a outros a também fruir a rica experiência em descobrir, afirmar-se e ser conduzido a uma área da vida adulta, - a uma profissão na qual possa realizar-se na sua existência. Para confirmar o raciocínio aqui exposto, tomo emprestadas as palavras de Guimarães Rosa que diz

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto (ROSA, 2001, p.114).

Surgiu, enfim, a oportunidade de pôr em prática o que me perseguira no meu ‘vivimento que eu real tive’, desde a juventude, quando, presidindo, abria eventos escolares, e em cuja sessão de um desses, fui visto, na minha cidade natal, por uma “olheira”, imagine, uma poetisa, *Auri Lessa*, por meio de quem dei prosseguimento aos estudos na capital, Teresina. Na docência, no curso de comunicação social da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), na condução da disciplina Técnicas de Organização de Eventos Cerimonial e Protocolo, percebi, ainda mais, o valor dos eventos, pequenos ou grandes, nos ambientes organizacionais, no contexto da comunicação interna e nas ações de endomarketing, desta, derivadas. Na academia, também fui instigado a pensar em eventos de formatos e categorias diferentes, maiores e de caráter eminentemente artístico-cultural. Com efeito, visualizava eventos na magnitude do Salão do Livro do Piauí - SALIPI.

Dentre muitos tipos e categorias de eventos elencados no calendário anual de eventos da prefeitura municipal e do Estado, constava o Salão do Livro do Piauí SALIPI, e pelo fato de eu estar diretamente envolvido e comprometido com educação formal, intelectual e cultural de discentes na área específica de eventos, o SALIPI chamou-me especial atenção uma vez que o mesmo trazia no seu bojo a cultura piauiense embutida na sua proposta.

Admirador e frequentador do SALIPI desde a primeira edição em 2003, veio, então, o interesse de compreender como este se apresentava, como era visto e percebido pelo povo piauiense, teresinense e autoridades do poder constituído, estadual e municipal que também contribuem para a realização do salão. Passei a cogitar da possibilidade de estudar e pesquisar esse fenômeno cultural, plural, e não apenas falar sobre ele em sala de aula na disciplina citada. Em uma postura mais proativa, e com real interesse pessoal de aprofundamento sobre o evento, convidei a professora Jasmine Malta, uma das representantes da Fundação Quixote, instituição responsável pela organização do SALIPI, a estar pessoalmente em sala de aula e fazer o convite à turma para participar como voluntária do SALIPI, edição 2009. Por acreditar ser uma experiência relevante enquanto pessoa e acadêmico de Comunicação social, a turma aceitou o convite. Servir voluntariamente em um evento como SALIPI, é, para além de uma efetiva atitude positiva cidadã, agrega vasta gama de conhecimento.

Por acreditar no desenvolvimento e no poder do conhecimento, na experiência e na troca que impulsionam desejos, o maior evento Literário do estado do Piauí nasceu, e como dito pelo professor e poeta Cineas Santos, “nasceu da teimosia de quatro engajados professores de língua Portuguesa e Literatura”. Abnegados, mesmo sem muitos conhecimentos técnicos na área de eventos, conseguiram, a partir de um evento menor, o Seminário Língua Viva, tornar um grande sonho em realidade, considerado orgulho do povo piauiense, o Salão do Livro do Piauí (SALIPI), chega em 2022 à vigésima edição, exitosamente realizada.

Para uma compreensão sobre eventos, existem nos dicionários da língua portuguesa dois significados para o termo evento: acontecimento e sucesso. No campo empresarial, pode-se dizer que um evento é um acontecimento programado que foge da rotina e que reúne pessoas para atingir determinados objetivos, sendo o sucesso um deles. Duarte (2009) caracteriza os eventos como atividades típicas de relações públicas, que demandam atenção especial; corroborado por (MATIAS, 2007, p. 81) que afirma ser os eventos, a “soma de ações, previamente planejadas com o objetivo de alcançar resultados definidos perante seu público-alvo”. No mundo dos eventos, as exposições abarcam diversos acontecimentos como as feiras, amostras e salões. Os salões literários, por sua vez, são eventos culturais voltados à leitura.

Assim, este estudo tem por objetivo compreender a criação, a história e os desdobramentos do Salão do Livro do Piauí em seus vinte anos de existência. Para tanto, faz-se necessário relatar como se deu a criação, história, percalços e crescimento do Salão do Livro do Piauí; conhecer os parceiros e as alianças firmadas para a construção do Salão do Livro do Piauí; tornar conhecidos os desdobramentos supervenientes na realização do Salão do Livro do Piauí. Diante do exposto, este estudo parte da seguinte questão norteadora: Qual a contribuição

sociocultural do Salão do Livro do Piauí-SALIPI, para o Piauí e a capital Teresina? Pode-se pensar, de imediato, que a compreensão da história e desdobramentos do Salão do Livro do Piauí nos vinte anos de existência é enxergá-lo apenas como uma feira de livros, evento cultural associado a interesses comerciais. Afirmar-se, no entanto, que o SALIPI, é mais que uma feira de livro com objetivos específicos de transações comerciais e da economia do livro. É um evento artístico cultural de grande porte do Estado do Piauí e um dos maiores eventos literários do Nordeste, com foco principal na leitura, mas também em outras manifestações culturais, como a música, a dança, as artes plásticas, o teatro e o cinema, entre outras. É um guardião no exercício da reflexão sobre a arte e cultura piauienses, em especial, da literatura aqui produzida.

Assim, busca-se entender e compreender o que Cineas Santos cita como “teimosia de quatro piauienses, engajados professores de língua Portuguesa e Literatura”, que, mesmo sem muitos aprofundamentos técnicos na área de eventos, conseguiram, a partir de um evento menor, trazer, “milagrosamente”, à existência, à vida, o Salão do Livro do Piauí, o maior evento literário do estado. Nessa compreensão, encontra-se subsídio para relatar a história, percalços e crescimento do salão. Quem são seus parceiros e alianças firmadas para essa construção e tornar conhecidos os desdobramentos supervenientes do planejamento, execução e realização de um grande evento.

A metodologia empregada neste trabalho com vistas a construção do conhecimento sobre o Salão do Livro do Piauí, sua criação, história e desdobramentos nos vinte anos de existência, faz uso da abordagem qualitativa. Essa abordagem nasceu de uma preocupação em entender o outro, como também a si mesmo (DENZIN; LINCOLN, 2010; VIDICH; LYMAN, 2010). Por isso, esse tipo de estudo propôs total envolvimento do pesquisador com os dados, bem como a utilização de técnicas diversificadas para suas análises (BAZELEY, 2013). Este estudo também faz uso das técnicas de pesquisa de campo para anotar toda e qualquer informação obtida por meio da observação, devendo estar acessível para a análise dos dados: fatos ocorridos, falas dos participantes, impressões, comportamentos, ou seja, todos os elementos que podem ser utilizados para análise dos dados. Também se utiliza da pesquisa bibliográfica que conta com a contribuição de teóricos como Bosi (1994), Bachelar (1993), Assmann (2011), Aguiar (1996), Comenius (1996), Zanella (2003), dentre outros.

Para a realização deste estudo sobre o SALIPI, foram feitas visitas virtuais e presenciais à Fundação Quixote para entrevistas com quatro organizadores do evento para complementação a todo material de pesquisa, como de livros, revistas, documentos, periódicos, relatórios, notícia e comentário da imprensa, registros fotográficos ou gravações, cartazes, mapas, desenhos, enfim, os demais materiais, serão todos utilizados como instrumentos para produção de dados.

Este estudo está dividido em cinco capítulos. No capítulo primeiro, que abre o trabalho, faz-se uma apresentação do percurso das vivências do pesquisador dando-se um tratamento intimista e mais pessoal ao objeto estudado, esclarecendo os motivos dos primeiros contatos e interesse em conhecer e pesquisar o objeto aqui posto, bem como evidenciar o valor dos eventos organizacionais e culturais para a construção de identidades socioculturais locais. Além disso, mostra-se também os contratempos para o SALIPI vir a existir como evento literário de grande porte no Piauí.

No segundo capítulo, faz-se uma incursão na tentativa de mostrar a evolução e o conceito da literatura ao vivo, passando pelos salões de livro da Europa na Paris do século XVIII, impulsionados pelo movimento pré-modernista conhecido como Belle Époque que impulsionou a chegada dos salões literários do Brasil, com início a partir da Semana de Arte Moderna de 1922 na cidade de São Paulo e uma rápida abordagem dos saraus literários e sociabilidades do “high-life” teresinense, no final do séculos XIX e início do XX.

No terceiro capítulo, descreve-se a história do Salão do Livro do Piauí, o surgimento, e dar-se a conhecer, em síntese, os patronos e homenageados em todas as edições, bem como o percurso e percalços enfrentados pelo Salão. No quarto capítulo, centra-se esforço em apresentar a organização e execução do evento em si, os muitos sujeitos e entes envolvidos, públicos e privados, editoras, expositores, livreiros, novos escritores e a programação voltada ao público infanto-juvenil no Salipinho.

No quinto e último capítulo, examinam-se os desdobramentos supervenientes do ato de realização do SALIPI, a manifestação da cultura piauiense para além da literatura, não esquecendo, no entanto, de averiguar qual a importância do SALIPI para literatura piauiense e a influência existente entre o Salão do Livro do Piauí e Academia Piauiense de Letras; bem como os lançamentos de livros de novos e antigos autores. Por fim, averigua-se a aclamação do Salão do Livro do Piauí pela sociedade piauiense: os impactos e influências sentidas.

Assim, este trabalho corresponde a uma narrativa que perpassa a história do Salão do Piauí ao longo de sua realização, abordando pontos que redefiniram os objetivos do evento desde suas primeiras edições, quando ainda se tratava do Seminário Língua Viva. Por tanto, aqui começa uma história que precisa ser compreendida desde o surgimento dos saraus literários, que é o que será discutido no capítulo a seguir.

2 CONCEPÇÃO DE LITERATURA AO VIVO

Neste capítulo, tem-se por objetivo apresentar a literatura em sua concepção ao vivo, ou seja, fora do seu suporte tradicional, o livro na biblioteca, no espaço íntimo do lar, ou noutros suportes. A literatura, exposta ao vivo, aproxima o leitor da experiência sensorial, sugere ruminação, fruição, direito, que segundo Candido (2011), todos têm que dela experimentar. Aqui, discutir-se-á acerca dos salões literários na Europa, envolvendo os espaços de memórias desses salões e seus principais representantes. Em seguida, tratar-se-á sobre os salões de livro no Brasil, das origens dos principais salões brasileiros, bem como os atuais, com breve passagem pela sociabilidade teresinense do sec. XIX.

Para encaminhamento deste capítulo, discute-se primeiramente a concepção de Literatura ao Vivo, com o apoio dos professores, Katia Suman e Diego Grando, organizadores do Sarau Elétrico, evento literário de literatura ao vivo, da cidade de Porto Alegre - RS. Em seguida, em uma incursão sobre os salões literários na Europa, verificamos os salões parisienses do século das luzes (XVIII) no Antigo Regime monárquico, em que a participação das mulheres (*salonnières*) nessas reuniões de sociabilidade e atitudes sustentava a existência dos salões franceses, que com o movimento Belle Époque e todos os avanços tecnológicos, políticos e sociais, somados a outros, criaram um clima de entusiasmo e com progresso refletia no dia a dia dos centros urbanos, na moda, no teatro, nas galerias de arte, nos cafés. Dessa efervescência na Europa, surgem os salões literários no Brasil, com a literatura ao vivo que tem seu início com os Saraus de inspiração francesa, trazidos junto com a Corte de D. João, em 1808. A Semana da Arte Moderna de 1922, em São Paulo, se torna o ponto de partida para as conquistas da literatura brasileira no século XX. A partir desse grande salão literário, no Teatro Municipal, promove-se com mais afinco, discussões em volta da literatura nacional.

A literatura, em seu sentido mais amplo, traz e leva ao mesmo tempo a representação de uma arte que suaviza o cotidiano por representá-lo de forma artística e sensível. Tal representação simboliza o pensamento humano ao sentir-se inquieto com a realidade que o cerca. Cristalizado esse pensamento na escrita de ficção, sua propagação vai para além dos livros e espaços cercados por pares. A literatura se faz em ruas, bem como espaços abertos. A literatura se faz nos grupos de discussões que tem como objeto a obra literária.

Para Barreto (1956, p.58)

[...] obra literária que se quer bela deve existir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso de nosso destino em face do infinito mistério que nos cerca e aluda às questões de nossa conduta na vida.

Para o citado autor, a literatura nasce da inquietação do homem frente a uma realidade que se faz satisfatória para ele mesmo. Foi na representação literária que o indivíduo se fez possível de apontar uma realidade pensada a partir de seus próprios anseios. Assim, o escritor é quem determina a realidade a ser ficcionalizada no texto literário.

Segundo Afrânio Coutinho (2008, p. 24), seguindo a mesma linha de raciocínio de Barreto (1956):

A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

Logo, percebe-se que a literatura espelha, com propriedades distintas do real, a realidade a qual o homem está inserido. Influências externas despertam no escritor a pulsão de ficcionalizar um mundo diferente, mas com traços da realidade. No entanto, é pela literatura que o homem se realiza quanto aos seus desejos mais ocultos. E é durante esse processo de realização que o homem cria um mundo segundo sua própria vontade.

Considerando o texto literário, de um lado está o escritor que realiza a sua própria vontade ao dar vida àquilo que o inquieta e tenta mudar segundo a sua própria vontade, e do outro lado está o leitor, que é quem recebe a materialização de uma possível realidade que com a qual se identifica de certo modo.

O leitor, ao se deparar com a literatura, deleita-se com uma realidade que também a anseia. Uma conexão de vontades se encontra, causando nele um despertar de sentidos que o satisfaz quanto à realidade que o cerca. Nesse sentido, Josefa Marinho (2018, p. 251) menciona o poder que a literatura tem ao afirmar que ela “possui um caráter humanizador, o texto que dialoga com o leitor, que interroga e faz refletir, no mais das vezes, tem a capacidade de despertar a sensibilidade, fazer refletir e criar conexões com a realidade. A autora traz à baila o poder da literatura como instrumento, como objeto de reflexão e de conexões com a realidade.

Considerando a concepção de Josefa Marinho (2018), pode-se coadunar com Barreto (1956), ao afirmar que a representação artística pode ser compreendida como um fenômeno social, uma vez que tal representação traz resquícios de elementos oriundos do meio social em que o artista está inserido.

Para Lima Barreto (1956, p. 19), o homem:

Por intermédio da Arte, não fica adstrito (limitado) aos preconceitos e preceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça. Ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo.

Desde os tempos mais remotos até os dias atuais, o homem anseia por compartilhar suas ideias, seus feitos com o semelhante. Sentimento que perpassa o gregário e é parte do seu processo de transformação. Além do que, limitar-se aos apegos e preceitos do seu tempo pode significar o não incorporar a sua vida no mundo. Com efeito, esse é um apelo da literatura ao vivo: proporcionar participação com arte, com a leveza de espírito do artista, e, sem preconceitos, expandir-se do sério, do carrancudo, ao penetrável, à festa a céu aberto, ao acessível, à conexão com a realidade, com a vida.

2.1 Os Salões de Livro na Europa

A memória desempenha um papel fundamental na construção da subjetividade e se configura como um campo propício à conservação das lembranças mais impactantes, individuais e/ou coletivas, como foi a história da sociedade parisiense do século XVIII sob a tutela do antigo regime monárquico. Para Bosi (2003, p. 53), “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Assim, percebe-se os rastros históricos de memória na sociedade parisiense a partir da participação ativa de homens e mulheres nos lugares de recreação, estudos e debates. Os salões literários desse período contribuíram para suscitar nos convidados e frequentadores desses espaços debates que giravam em torno da grande insatisfação advinda das injustiças sociais do poder monárquico. Evocando esses espaços de sociabilidade e debates que carregam memórias da cidade de Paris, leva-se à confirmação de Assmann (2011, p.317-318), que aponta as palavras de Cícero¹, ao relacionar os locais, e seu potencial de memória:

Grande é a força da memória que reside no interior dos locais – a frase de Cícero pode servir de impulso para quem se questiona a respeito de uma força específica da memória e do poder dos locais. O grande teórico da mnemotécnica romana tinha uma noção clara do significado dos locais para a construção da memória. [...] O próprio Cícero cumpriu a passagem dos lugares da memória para os locais de recordação, segundo sua própria experiência, que as impressões captadas em um cenário histórico “são mais vivas e atenciosas” que outras assimiladas por ouvir falar [...].

Toma-se aqui os salões parisienses como “locais” de memórias. Tais espaços são de invenção italiana ainda no século XVI, que floresceu na França ao longo dos séculos XVII e XVIII. A palavra “salão” apareceu pela primeira vez na França em 1664, derivado da palavra

¹ Estadista, orador e filósofo romano, Marco Túlio Cícero nasceu no ano 106 a.C. em Arpino, Itália, e morreu em 43 a.C. em Formia, Itália. Cícero é considerado o primeiro romano que chegou aos principais postos do governo com base na sua eloquência e no mérito que obteve nas suas funções de magistrado civil. É um dos maiores oradores e pensadores políticos romanos.

italiana *salone*, referindo-se à **ela** própria de sala, o grande salão de recepção das mansões italianas. Na imagem a seguir, pode-se observar a realização de um salão literário.

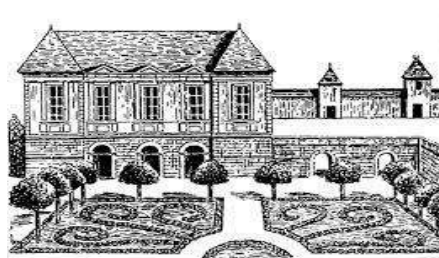
Figura 1 – Salão Literário em Paris



Fonte: Google imagens

O primeiro salão de renome na França foi o Hôtel de Rambouillet. O espaço de glamour era visitado pela alta classe parisiense em atividades sociais que discutiam cultura, política, economia, entre outros assuntos que interessavam à aristocracia do século XVIII. O Hôtel de Rambouillet era uma hospedaria parisiense conhecida pelo salão literário que Catherine de Vivonne, esposa de Angennes, Marquesa de Rambouillet, ocupou de 1608 até sua morte em 1665. Localizava-se na rue Saint-Thomas-du-Louvre, uma rua perpendicular à rue Saint-Honoré, ao sul, aproximadamente onde ficava o atual Pavilhão Turgot do Louvre. Lá, grandes discussões acerca não apenas de assuntos sócio-políticos emergiam, mas também se discutia sobre literatura e declamava-se poemas. Era um verdadeiro momento de glamour, de intelectualidade e de lazer para a alta classe parisiense do período. A figura a seguir ilustra o Hôtel de Rambouillet.

Figura 2 - Hôtel de Rambouillet



Fonte: Google imagens

O Hôtel de Rambouillet era administrado pela romana Catherine de Vivonne, marquesa de Rambouillet (1588-1665), de 1607 até sua morte. Catherine de Vivonne, marquesa de Rambouillet (1588 - 2 de dezembro de 1665), conhecida como Madame de Rambouillet, foi uma anfitriã da sociedade e uma figura importante na história literária da França do século XVII. A jovem, bela e espirituosa marquesa, achou a grosseria e as intrigas da corte francesa pouco a seu gosto e, em 1620, começou a reunir em torno de si o círculo que deu renome ao

seu salão. A seguir, apresenta-se a imagem de um quadro que ilustra a imagem de Catherine de Vivonne.

Figura 3 - Catherine de Vivonne



Fonte: Google imagens

No primeiro e renomado salão Catherine de Vivonne, a anfitriã estabeleceu regras de etiqueta que se assemelhavam aos códigos anteriores da cavalaria italiana. Regras que se replicaram nos salões parisienses, fazendo valer as práticas culturais de “refinamento francês”, que, mesmo sofrendo alterações, são mantidas até os dias atuais.

Cafés, restaurantes e, principalmente, os salões literários eram frequentados essencialmente pela elite burguesa e pelos intelectuais da época para conversar, estreitar laços, jogar, discutir política, fumar, jantar, ler jornais e recitar poemas. Esses eventos ocorriam em ambientes reservados, em casas privadas, que na concepção memorialística Bachelardiana seria “algo fechado [que] deve guardar as lembranças, conservando-lhe seus valores de imagens” (BACHELARD, 1993, p.25).

Para Bachelard (1993, p. 26), a casa

[...] abriga o devaneio [...] protege o sonhador [...] permite sonhar em paz [...], uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem [...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças está guardado. (BACHELARD, 1993, p. 27).

Assim, na investigação de Bachelard (1993), vê-se que nesses espaços de vivências e de sentido, há um elemento a mais no recôndito desses ambientes privados, a ser lembrado pelos ocupantes da casa, a grande sala, ou salão, especialmente ornamentado para esses encontros de estudos e debates. É importante lembrar, no entanto, que segundo Antoine Lilti, (2005), nos séculos XVII e XVIII, a palavra “salão” “não nomeava as reuniões, mas designava somente a peça da casa – a grande sala, para os convidados, a qual se impunha progressivamente nas casas urbanas desse período”, onde a arte da conversação e sociabilidade atribuída aos franceses progredira nos salões do século XVIII.

A partir do estudo mencionado, pode-se observar que os salões literários de Paris podem ser compreendidos como um momento que gerou registros do comportamento, pensamento e

produção intelectual que caracterizou a identidade de grupos sociais que movimentavam a antiga Paris durante o séc. XVIII. Logo, esses salões hoje trazem uma representação memorialística que narra um determinado período de efervescência cultural na Paris do séc. XVIII.

Nas vivências dos salões literários parisienses, era bastante necessário e imprescindível, haver, além dos assuntos, da programação, a presença de um anfitrião que recebesse os convidados e que de alguma forma os selecionava para estarem ali presentes ‘fisicamente’, um tipo de “cicerone”, ou seja, um mediador, pessoa que conduzia os visitantes. A prática de receber bem nesses encontros era levada a sério e, com efeito, evidenciava-se não somente a opulência e glamour nesses espaços literários, como a mobília, a decoração exuberante, etiqueta, bons modos, como também assentia sentido especial à presença dos participantes, convidados ilustres, geralmente intelectuais, pessoas de classe social alta, como se vê nos salões da França no século XVII, prática que perpassou séculos, alcançando os séculos XVIII, XIX e os dias atuais.

Nessas residências particulares, ambientes repletos de significados e com aura própria, damas inspiradoras, donas de salão conduziam e propiciavam aos visitantes, convidados e frequentadores, espontânea atividade criadora do espírito, gerando momentos de rica fruição, reflexão e de argumentação, como quer Proust (2018, p. 25):

[...] expressava pela centésima vez diante de alguns íntimos, no salão da rua de Berri, seu desejo de ingressar no exército, sua tia, a princesa Mathilde, desolada com essa vocação que lhe roubaria o mais amado dos seus sobrinhos, exclamou, dirigindo-se aos presentes: - Vejam só que obstinação! – Mas, infeliz, só porque tiveste um militar na família, isso não é motivo!... Ter um militar na família! Reconhecemos ser difícil lembrar com menos ênfase seu parentesco com Napoleão I. (PROUST, 2018, p.25)

Ali se formava a opinião pública e se iniciava a contestação ao poder monárquico e eclesiástico, sobretudo com relação à vida na urbe francesa. Nesse contexto, essas casas apresentam-se como um espaço de memória, pois trazem marcas do passado. Sentimentos de acolhimento e subjetividades percebidos segundo o autor supracitado.

Sobre isso, Ecléa Bosi (2003) destaca que as memórias pertencentes aos seres humanos privilegiam os questionamentos, sonhos e desejos que permeiam o seu íntimo, refletem os aspectos subjetivos e estão em constante diálogo com as ações desse indivíduo na sociedade. De acordo com a estudiosa,

pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “decola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, p. 36).

Percebe-se que na condução e vivências no espaço dos salões parisienses alocados em residências particulares, existem marcas de um lugar de memória que causam ressonâncias subjetivas surpreendentes do passado, triste ou agradável. Se agradável, adoçam a vida e deseja-se segurá-la pelo braço, como se vê em Proust (2018) no salão da princesa Mathilde, em que diz:

Quando se pensa que esse salão [...] foi um dos centros literários da segunda metade do século XIX; que Mérimée, Flaubert, Goncourt, Sainte-Beuve vieram ali todos os dias, com verdadeira intimidade, com uma familiaridade tão completa que a princesa chegava a convidá-los a almoçar de improviso; que eles não tinham segredos literários para com ela e ela não tinha reservas principescas para com eles; que ela lhes prestou favores até o fim – não somente favores cotidianos (Sainte-Beuve dizia: “Sua casa é uma espécie de ministérios das graças”), mas favores de grande repercussão, daqueles que põe fim a perseguições, dissipam preconceitos, facilitam o trabalho, auxiliam no sucesso, adoçam a vida, mudam um destino. (PROUST, 2018, p.30).

As expressões, “vieram ali todos os dias, com verdadeira intimidade” e “Sua casa é uma espécie de ministérios das graças”, confirmam o que diz Halbwachs sobre a importância do espaço familiar, o primeiro que se tem contato, de modo que os membros da família acabam fazendo parte da memória dos indivíduos que ali residem, em que ensinamentos são transmitidos, caracterizando aquilo que o autor denominou de memória coletiva.

Evidencia-se, também a importância da memória coletiva ao afirmar que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembrados por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Destaca-se que o autor não desconsidera a existência da memória individual, mas declara que em interação com o social, a memória do indivíduo está atrelada a diferentes contextos e a vários participantes. Quando os acontecimentos são partilhados pelo grupo, a memória deixa de ser individual para tornar-se uma memória coletiva. Assim, a memória do indivíduo é constituída pelas memórias dos diversos grupos de que ele participa e é influenciado.

Os salões literários de Paris, portanto, podem ser compreendidos como um momento que gerou registros do comportamento, pensamento e produção intelectual que caracterizou a identidade de grupos sociais que movimentavam a antiga Paris durante o séc. XVIII. Logo, compreende-se que os salões literários parisienses canonizaram mansões que iam desde as glamurosas organizações internas dos casarões, até o impecável comportamento da alta classe durante os encontros.

Hoje, esses casarões não possuem mais a função de moradia de seus primeiros donos, mas são lugares de memória, ecoam rastros históricos e reminiscentes que narram um período

da antiga Paris durante um período em que as mulheres passaram a emergir na sociedade impondo sua voz ao lado de pensadores do sexo masculino, seus cônjuges e intelectuais.

Segundo Rivière (2004), na década de 1990, consolidou-se na França a definição de sociabilidade como o conjunto das relações dos indivíduos na sociedade, considerando tanto as particularidades do sujeito e do contexto no qual ele se encontra, quanto às estruturas que ajudam a moldá-lo como ser social. Percebe-se que “A partir de relações concretas entre os indivíduos, [...] a análise da rede oferece os meios para pensar a sociabilidade por ela mesma, conferindo-lhe um valor explicativo para um conjunto variado de comportamentos sociais” (RIVIÈRE, 2004, p. 229). Pode-se afirmar que a sociabilidade é resultado do convívio entre seres que pretendem estabelecer vínculos e estreitar laços.

Nesse sentido, vê-se o esforço das mulheres parisienses para a construção desses laços, colocando-se na sociedade. Observa-se esse engajamento em Arendt (1994) na narrativa biográfica de Rahel Varnhagen, na qual ela constrói-se a si mesma num movimento seguido por outras mulheres ao longo do século XVIII, tão ou mais famosas do que ela.

Refiro-me à sociabilidade dos salões e à importância das relações de amizade para os homens, mas especialmente para as mulheres que desejavam mais do que o enaltecimento da maternidade e a condescendência das convenções sociais. [...] foi no seu salão que as relações de amizade se consolidaram e novas foram estabelecidas. Através das amigadas Rahel conseguiu criar um lugar para si não no sentido burguês e intimista, mas no sentido iluminista de um indivíduo social, dotado de personalidade, charme, “espírito” e conhecimento. [...] manjava bem os requisitos necessários para a vida social, sendo capaz de agregar com sua inteligência e personalidade, pessoas bastante diferentes ao seu redor; de estabelecer um espaço de conversação franca, de atualização, de trocas culturais e também do prazer de estar juntos. (ARENDR, 1994, p.25).

No viés aqui considerado, a sociabilidade feminina nos salões de Paris, salienta-se que estes eram instituições fundamentais para a vida literária dos séculos XVII e XVIII, organizados por mulheres proeminentes, que passaram a ser o centro da vida no salão e como reguladoras poderiam selecionar seus convidados e decidir os assuntos dessas reuniões sociais.

Dentre outros salões do século XVIII, que também atraíam pessoas para trocas culturais, aponta-se neste estudo quatro renomados salões e suas respectivas salonnières, que geravam admiração e atraíam personalidades:

- ✓ Madame Geoffrin (1699–1777) – Marie Thérèse Rodet Geoffrin, seu salão era frequentado por grandes filósofos e enciclopedistas de seu tempo, tendo sido representativo para a sociedade iluminista.
- ✓ Madame Necker (1737–1794) – Suzanne Curchod, Franco-Suíça era conhecida como Madame Necker, mas também por possuir o salão mais frequentado no Ancien Régime.

- ✓ Madame de Staël (1766–1817) – Anne Louise Germaine, importante mulher no iluminismo francês. Escritora e romancista, influenciou politicamente seu zeitgeist.
- ✓ Contessa Maffei (1814–1886) – Clara Maffei, exerceu papel importante de mecenas e seu salão recebeu grandes personalidades como seu amigo pessoal, Balzac.

Esses encontros de pessoas letradas eram comumente chamados de círculos, sociedades ou academias (quando se tratava de uma), sendo que o termo “salão” tomou o sentido que hoje utilizamos somente no início do século XIX. Porém, é importante deixar bem clara a diferença que havia entre os salões e as academias, porque destas as mulheres estavam excluídas.

Os encontros de homens e mulheres letrados que hoje chamamos de salões literários tinham o objetivo de proporcionar a leitura coletiva de textos literários, científicos ou filosóficos e a conversação amigável sobre os temas que essas leituras suscitavam. Normalmente eles tinham um dia fixo da semana para acontecer, como, por exemplo, aos sábados na residência de Madeleine de Scudéry e, às quartas-feiras, na de Madame de Sablé.

Disseminados depois da experiência famosa e bem sucedida de Catherine de Vivonne-Savelli, a Marquesa de Rambouillet, os salões foram espaços que colocaram em evidência as mulheres sábias, onde puderam romper barreiras ao seu crescimento intelectual e desenvolver a sua capacidade crítica, formular opiniões e debater os temas do conhecimento de igual para igual com os homens.

Os temas desses encontros giravam em torno de tópicos sociais, políticos literários. Compartilhavam-se pontos de vista e opiniões sobre o que essas leituras tratavam. Nessas discussões, igualmente interrogavam-se e colocavam em xeque a cultura parisiense institucionalizada do antigo regime; arraigada, cristalizada, impeditiva, prejudicando a participação das mulheres no cenário cultural em diferentes instâncias sociais, nas práticas culturais e representações coletivas. Nesse sentido, Dena Goodmann (1989, p. 333) aponta que ao criarem os salões, havia nas salonnières o anseio “o objetivo inicial e principal por trás dos salões era o de satisfazer as necessidades educacionais autodeterminadas das mulheres que os iniciaram”. Para essas mulheres, o salão era um substituto socialmente aceitável para a educação formal que lhes era negada, porquanto reduzia a marginalização das mulheres nesse quesito.

As limitações para as mulheres no acesso à educação, eram consideráveis na sociedade, pois “a distância entre a leitura e a escrita era ainda maior do que para os homens, porque segundo os padrões culturais vigentes, escrever poderia significar um aprendizado inútil para elas, além de perigoso” (ZECHLINSKI, ano, 2012 página 32).

Em relação a estas questões de disparidade cultural, no caso das mulheres, as diferenças em relação aos homens no acesso à educação e aos bens culturais levaram Peter Burke (1999) a concluir que as mulheres nobres formavam um grupo intermediário entre a elite, à qual pertenciam socialmente, e a não-elite, à qual pertenciam culturalmente. A opinião de Peter Burke (1999, p.385) converge com a de Anne E. Duggan

Por toda parte um vão estava se formando, que separava aqueles que possuíam capital financeiro e cultural daqueles que não possuíam. Mulheres da classe alta se encontravam nos dois lados do vão. Financeiramente separadas das mulheres e homens das outras “classes”, elas, no entanto, se encontravam às vezes do outro lado dos trilhos no que se referia ao capital cultural, para não mencionar direitos legais.

“Os trilhos” (“the tracks”), na expressão utilizada em inglês, é uma referência a um delimitador social, pois moram do outro lado dos trilhos dos trens as pessoas de condição social mais baixa, evidenciando divisão de classes e forte conotação de caráter econômico.

A memória cultural atua, portanto, preservando a herança simbólica institucionalizada, à qual os indivíduos recorrem para construir suas próprias identidades e para se afirmarem como parte de um grupo. Isso é possível porque o ato de rememorar envolve aspectos normativos, de modo que, “se você quer pertencer a uma comunidade, deve seguir as regras de como lembrar e do que lembrar”. Assim, as mulheres das classes mais privilegiadas, para alcançarem um nível cultural mais alto, tornando-se leitoras, possuidoras de livros e, mais ainda, para serem escritoras, deveriam somar à sua superioridade de classe outras vantagens pessoais, como ter, por exemplo, um pai humanista e preocupado com a sua educação. O estudo de Sara Gwyneth Ross sobre a República Veneziana mostra como era importante para uma mulher ser apoiada por uma figura masculina que acreditasse em seu potencial intelectual, para que ela pudesse entrar nos círculos de conhecimento.

Madeleine de Scudéry foi a primeira mulher a receber uma pensão real como escritora e muito de seu sucesso deveu-se justamente à sua habilidade em fazer amizades com homens influentes, como Valentin Conrart, um dos fundadores da Academia Francesa que prestavam serviços ao poder real e depois disso se tornavam conhecidos pelo público. Assim, os homens de letras, para obterem sucesso, dependiam não só do seu talento, mas também de uma rede de relações pessoais que compunha a orquestra da república das letras. Dessa forma, as instituições da vida literária, como as academias e os salões literários, passaram a ter uma importância fundamental no panorama do mundo da crítica e da palavra escrita na sociedade francesa do Antigo Regime monárquico.

Chama-se atenção de quem se aprofunda no estudo em questão, sentir o esforço empreendido pelas mulheres parisienses do século das luzes para colocarem-se na sociedade e

poder mostrar o quanto são capazes. O propósito ia para além do enaltecimento da maternidade, condescendência das convenções sociais, de boas esposas e boas donas de casa, uma vez que envolvia ainda o fato de questionarem seu lugar social, de elaborar e expressar suas próprias ideias e de serem filósofas, escritoras, atrizes de teatro, artistas plásticas.

Assim, surgiu em Paris os salões literários mais famosos e glamourosos que a história pode testificar. Foi a partir de lá que esses eventos passaram a ser copiados em outros lugares, em países distintos que possuíam camadas sociais que se interessavam em discutir assuntos políticos, sociais e culturais. Como a literatura abriga todas essas temáticas, tal arte estava sempre na programação dos salões literários.

O subcapítulo que segue apresentará o surgimento dos salões literários no Brasil, de sua origem até os dias atuais. Abordar-se-á as mais distintas feiras literárias que ocupam lugar de destaque nos eventos culturais brasileiros refletindo acerca dos aspectos sociais, políticos, históricos e culturais do país.

2.2 Os Salões de Livro no Brasil

Neste subcapítulo, discute-se acerca do surgimento dos principais salões literários no Brasil. Ao saírem das terras europeias e adentrarem no Brasil, esses eventos ficaram conhecidos como salões de livros. Alguns dos estados brasileiros passaram a ter um salão de livro que incrementou a cultura do estado. No início do século XIX, a Corte portuguesa trouxe para o Brasil o sarau. No romance *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, encontra-se um registro desse evento noturno de caráter artístico e social, celebrado entre amigos. No capítulo XVI da citada obra, intitulado justamente “O Sarau”, um diplomata desfila empunhando um copo de champanha, enquanto um dândi dirige finezas a uma senhora idosa, com os olhos pregados na sinhá sentada ao lado, durante uma reunião festiva, um dos programas mais atraentes da alta sociedade carioca, segundo confirma o narrador:

Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos. E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da Corte para a ilha de [...] senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto. (MACEDO, 2002, p. 93).

A palavra sarau não é recente. Diversas músicas, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX, da Europa e da América, fazem referência a essas luxuosas reuniões de amigos, artistas, políticos e livreiros, que, com frequência variada, encontravam-se em casas de certas figuras da alta sociedade ou em espaços exclusivos desses setores – como clubes e livrarias – para tornar suas criações públicas.

O termo sarau deriva etimologicamente do latim serum, que significa “tarde”, período em que justamente se davam os encontros. A dança, a música e a literatura eram as artes protagonistas das reuniões, apesar de a atenção dos presentes concentrar-se também na comida que era servida, na vestimenta dos convidados e nos modos de recepção” (PINHO, 2004, p. 238).

Diante do exposto, pode-se compreender que a literatura ao vivo no Brasil teve início com os saraus trazidos junto com a Corte de D. João, em 1808. Esses eventos reproduzem a lógica dos *salons de* ordem privada, nos quais a presença de músicos e poetas ajuda a conferir ares de requinte e delicadeza a um seletor público com pretensões aristocráticas.

Uma das situações mais comuns em romances e contos do século XIX são cenas passadas em algum espaço de sociabilidade privada, em que as famílias se encontram e os cortejos amorosos ocorrem. Nessa sociabilidade, os saraus cariocas (ou recitativos) seguiam os moldes dos salões franceses, porém, adaptados aos modos locais; como os saraus que foram apropriados por diferentes gerações e reinventou seu lugar na abertura para novas vozes de poetas e escritores. Os saraus saíram das casas chiques e eventos privados e ganharam praças, bares e ruas em uma nova dinâmica popular.

O movimento a que se convencionou chamar de *Belle Époque*, com atmosfera de modernização e progresso, trouxe entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas.

No Brasil, a Belle Époque pode ser colocada em 1889 com a Proclamação da República, mas apenas com o governo de Campos Sales (1898- 1902) e a sua reforma federalista – que deu mais estabilidade política e econômica ao Brasil – que a elite brasileira moderna das principais cidades realmente começou a se formar. Percorrendo o começo do século XX até a Semana de Arte Moderna de 1922, esse período foi marcado pelo recorrente esforço dessas elites de se modernizarem perante o mundo e com inspirações principalmente francesas. De acordo com Souza, (2008, p. 69), a implantação de um modelo de civilização moderna tropeçava na carência de correspondência com uma identidade existente, em que a nova visão de mundo tentava dar vida a um mundo desejável, porém fora do alcance de boa parte da população brasileira.

A *Belle Époque* trouxe intensas emoções, e, de acordo com Philipp Blom (2015, p.27), a chegada do novo século despertava insegurança; o desenvolvimento de novas tecnologias assustava algumas pessoas ao invés de maravilhá-las: “Era esmagadora a sensação de estar vivendo num mundo em aceleração rápida para o desconhecido” (BLOM, 2015, p.14). No

capítulo I de seu livro sobre a Primeira Guerra Mundial intitulado *Catástrofe: a Europa vai à guerra*, o historiador Max Hastings diz que, de 1900 a 1914:

[...] avanços tecnológicos, sociais e políticos alastravam-se pela Europa e pelos Estados Unidos numa escala nunca vista em qualquer outro período, um piscar de olhos da experiência humana. Einstein anunciou a sua teoria especial da relatividade, Marie Curie isolou o rádio, e Leo Baekeland inventou a baquelita, o primeiro polímero sintético. Telefones, gramofones, veículos motorizados, sessões de cinema e casas com eletricidade tornaram-se lugar-comum entre pessoas abastadas nas sociedades mais ricas. Jornais de circulação em massa adquiriram influência social e poder político sem precedentes. (HASTINGS, 2014. p. 40)

As fortes emoções provocadas pelas transformações culturais, artísticas e pelos avanços tecnológicos, arquitetônico, urbanístico, e o entusiasmo com o progresso, refletia-se na própria vida cotidiana dos grandes centros urbanos – principalmente no continente europeu, como Paris, Londres e Viena – era visto na moda, nos cafés, no teatro, nas praças e parques públicos, nas galerias; estar em ambientes como balés, livrarias, óperas e teatros passou a ser algo comum na rotina dos burgueses. A partir da efervescência intelectual da *Belle Époque* na Europa surgem os salões literários no Brasil, tentativa de alguns intelectuais em dar continuidade à prática europeia em terras brasileiras, como veremos a seguir.

O historiador Brito Broca lista uma dezena desses espaços boêmios e literários na virada do século XIX, como o Café Papagaio, em que Lima Barreto era assíduo; o Café Globo, entre outros. Nas décadas seguintes, surgiram cafés, restaurantes e bares, como o Villarino, espaços em que a literatura e as outras artes se misturavam tardes e noites adentro. Eram locais em que era possível encontrar Drummond, Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Djanira, Lúcio Cardoso, João Cabral de Melo Neto, Iberê Camargo, Ferreira Gullar, Portinari, Vinícius de Moraes, Rubem Braga e muitos outros nomes das décadas de 1940.

Ainda no Rio de Janeiro, na década de 1970, temos o salão promovido por Laurinda Santos Lobo no bairro de Santa Tereza. Nesse espaço de circulação cultural, encontros de artistas e mecenato, os saraus literários e musicais eram atividades recorrentes. Pelo casarão, transformado em Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo em 1979, passaram nomes como Villa-Lobos, João do Rio, Isadora Duncan e Tarsila do Amaral (MUSEU DO RIO, 2013).

A literatura era vista como uma das diversões principais nesses eventos. Os professores Diego Grando e Katia Suman, ambos integrantes do Sarau Elétrico, evento específico de literatura ao vivo, em Porto Alegre- RS, dão conta de que eram acontecimentos acanhados, que diziam mais respeito a uma tentativa de vida mundana do que literária. Ainda assim, expandem-se, ao longo do período imperial, para além do Rio de Janeiro: primeiro São Paulo, pelo desejo de afrancesamento de alguns fazendeiros e em outras capitais de províncias (SCAVONE, 2005).

No Piauí, conforme Castelo Branco (2006), as sociabilidades tradicionais entre os jovens até fins do século XIX se davam dentro de regras muito rígidas e sobre ferrenha vigilância de familiares. Nos relatos de memórias encontramos descrições de momentos de convivência e aproximações que ocorriam principalmente na prática das trocas de visitas, em passeios a fazendas e sítios onde os familiares promoviam piqueniques ou ainda bailes e saraus que ocorriam nas residências.

As sociabilidades nos saraus no Piauí, no entanto, não foram diferentes dos ocorridos em outros estados. Havia da parte da elite oitocentista piauiense uma tentativa de seguirem modelos desse tipo de evento já pré-estabelecidos em outros lugares. Diz-se dos que estudavam fora, como mostrado na tese de Alcebíades Costa Filho, *A GESTAÇÃO DE CRISPIM: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade*:

De volta ao Piauí, os bacharéis traziam consigo formas de convivência social assimiladas nos círculos sociais que frequentaram nos locais onde cursaram a faculdade a exemplo de cidades como Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Uma vez domiciliados em Teresina, passaram a imitar esses círculos sofisticados e elegantes. É o momento da formação do “high-life”, expressão estampada em jornais e revistas da época que [...] designa um segmento social oriundo da elite rural, que se formou a partir da década de 1880, distanciando-se das sociabilidades rurícolas.

Assim se formavam os eventos culturais no estado do Piauí. A influência de outros estados brasileiros contribuiu para a efervescência cultural piauiense. Grandes centros urbanos, como Recife, Salvador e Rio de Janeiro, mais desenvolvidos que a capital piauiense, fazia a cabeça dos jovens que iam estudar nas citadas cidades. Ao retornarem ao Piauí, esses jovens mostravam para os demais o que haviam vivenciado nas capitais onde estudavam. E assim, os eventos culturais se faziam cada vez mais presentes na agenda cultural do estado do Piauí.

No cenário contemporâneo, porém, século XXI, o sentimento unânime percebido e compartilhado por estudiosos e pesquisadores da área de letras é que os saraus literários ressurgiram em Teresina e trouxeram junto com as academias incentivos para publicações de obras, tanto de jovens autores como de autores que já têm suas obras esgotadas.

Os saraus tornaram-se mais democráticos e os objetivos tornaram-se outros. Hoje, qualquer pessoa pode participar desde que queira observar as manifestações artísticas e/ou que tenha algo a revelar, compartilhar e reivindicar, seja pela leitura, poesia, música ou performance artística. Percebe-se que esses eventos foram organizados de maneira mais informal, em pela cidade, para atingir mais pessoas ou, de acordo com a necessidade da localidade, por se tratar de uma ocupação política do tecido urbano: “Menos afrancesados, mais descontraídos. Menos esnobes, mais democráticos. Em um mundo onde o audiovisual ocupa cada vez mais espaço, estar em um lugar para ouvir bons textos e poesia é arejar o cérebro” (SCAVONE, 2005, p.58)

Com a ânsia de compartilhamento de cultura, em março de 1922 foi lançado na França, o Congresso do Espírito Moderno, um espaço que acalmaria de certa forma, os ânimos de quem demandava por um local onde se podia novamente respirar cultura. O fervilhamento desse ‘espírito moderno’ europeu chega ao Brasil – que também passava por um momento de transição –, nesse mesmo ano, o romancista e membro da Academia Brasileira de Letras, Graça Aranha, que havia recém-chegado da França – onde acompanhou de perto a agitação intelectual da Belle Epoque –, passou a pregar este novo conceito no país, ideia esta popularizada pelo futurismo e desenvolvida por Apollinaire. Ao saber da realização do Congresso do Espírito Moderno na França, em março de 1922, Graça Aranha se antecipa e programa a 1ª Semana da Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922 – que à semelhança do modelo francês, passa a se tornar também um importante ponto de encontro literário.

Com a inserção desse novo espaço cultural, Graça Aranha se coloca no centro do Movimento Modernista e a Semana da Arte Moderna se tornaria ponto de partida para as conquistas da literatura brasileira no século XX. Nesse momento, além da literatura europeia, esse grande salão literário promove com mais afincado discussões em volta da literatura nacional.

Os salões literários ocorridos na Europa do século XVII e os ocorridos do Brasil na primeira metade do século XX, tinham em sua forma, características semelhantes; eram pontos de encontro que comportavam apenas um seleto grupo de visitantes de elite, em ambientes opulentos, reservados, com fins específicos, - os debates razoáveis e conversas educadas em torno da literatura e da vida nacional. A respeito desses encontros, Dena Goodman (1989) afirma que, em vez de serem baseados no lazer ou 'escolas da civilidade', os salões estavam no 'próprio coração da comunidade filosófica' e, portanto, integrantes do processo do Iluminismo. Em suma, Goodman argumenta, os séculos XVII e XVIII viram o surgimento dos salões acadêmicos do Iluminismo, que saíram das "escolas de civilidade" aristocráticas.

No cenário atual, os salões literários ao vivo se popularizaram, oportunizando acesso a todos; nos últimos anos, tem aumentado significativamente o número de feiras literárias no Brasil. Em todos os Estados do país, elas têm ganhado visibilidade e conquistado outros espaços para além dos grandes centros urbanos, como as pequenas cidades. Aconteceu em São Paulo junho de 2022 a primeira edição da Feira do Livro na Praça Charles Miller, e contou na programação com cerca de 55 convidados, além de 120 editoras, livrarias, instituições ligadas ao mercado editorial. Para Paulo Werneck organizador da feira,

Você não tem nenhum país desenvolvido, nem economicamente, nem do ponto de vista democrático, que não tenha um mercado de livros forte. Isso está na Europa, nos Estados Unidos, no Japão. O livro não é só aquele objeto que se fecha para um pequeno clube, é uma maneira de a sociedade refletir sobre seus próprios problemas e encontrar soluções (WERNECK, 2022)

E acrescentou ainda Werneck, que o objetivo da feira foi valorizar a produção editorial brasileira e o espaço público, dando novas possibilidades de uso ao patrimônio histórico da cidade, e caracterizou,

A Feira do Livro é uma feira de rua, isso quer dizer que a gente vai ter nessas tendas aqui editores, expositores e livrarias trazendo os livros que foram publicados no Brasil para o público poder conhecer, comprar, assistir os autores na programação também. Então a gente quis fazer uma grande festa de rua ao ar livre em torno do livro (WERNECK, 2022).

Não deixa de ser surpreendente que, nesse contexto, esteja se consolidando uma cena de eventos em torno do livro e da literatura, sejam eles festas, feiras, festivais, bienais, salões ou jornadas, que se espalham pelas ruas e periferias de todo o Brasil, como o exemplo de São Paulo, com capacidade de mediar e captar renomados profissionais como a historiadora Brasileira, Lilia Schwarcz que recebeu o autor moçambicano, Mia Couto para discutir o tema “Livros em praça pública”. Em um país que ainda lê pouco, feiras e eventos apoiam a leitura. Para Vitor Tavares (CBL), “isso provoca uma atração. Naquele momento que, naquela cidade, está acontecendo um evento dessa magnitude, uma feira do livro, tenho certeza de que naquele período o índice de leitura naquela cidade aumentou”.

Considerada um dos grandes eventos culturais do Brasil, a Feira do Livro de Porto Alegre é o mais longo evento literário a céu aberto da América Latina. O evento nasceu em 1955 com o intuito de popularizar o livro e incentivar o público a procurar as livrarias, na época consideradas elitistas. A ideia surgiu com o então diretor secretário do Diário de Notícias, Say Marques. Inspirado por uma feira que visitara na Cinelândia, Rio de Janeiro, Marques convenceu editores e livreiros a participarem do evento. Tendo em mente o objetivo de tornar mais popular o acesso ao livro, os fundadores adotaram o lema “Se o povo não vem à livraria, vamos levar a livraria ao povo”. O local escolhido foi a Praça da Alfândega, por ser uma área muito movimentada na Porto Alegre dos anos 50, quando a cidade contava apenas quatrocentos mil habitantes. A primeira edição da Feira, realizada em novembro de 1955, continha quatorze expositores. A figura seguir ilustra uma das edições da Feira do Livro de Porto Alegre.

Figura 4 – Feira do Livro de Porto Alegre



Fonte: Google imagens

A Feira do Livro de Brasília-FeLiB, nasceu em 1982, com o propósito de contribuir para a criação de uma comunidade leitora e apaixonada pela literatura no Distrito Federal. Em 2002, foi incluída no Calendário Oficial de Eventos do DF. O evento ocorre no Complexo Cultural da República, na Esplanada dos Ministérios. Na 36ª edição da Feira, que foi de 17 até 26 de junho, 2022. A expectativa era receber um público em torno de 80 mil pessoas ao longo dos 10 dias, incluindo 8 mil estudantes de 14 regionais de ensino da Secretaria de Educação. A FeLib conta com a "Praça Família + Leitora" e os espaços "Sesc Vitrine Literária", "Quadrado + Autoral", "Beco dos Quadrinhos" e "Casa do Cordel". Os ambientes "Casa do Cordel", "Espaço do Autor" e "Beco dos Quadrinhos" abrigam mostras de xilogravuras e de HQs, além de sessões de autógrafos e de lançamentos literários.

A Praça "Família + Leitora" é um espaço de convivência intergeracional, destinado ao incentivo da leitura entre crianças e familiares. O "Território Senac" é composto por quatro carretas com ativações e oficinas de informática, gastronomia, beleza e moda. Já o "Vitrine Literária" recebe atividades artísticas, contações de histórias e oficinas formativas. Disponibiliza títulos em braile, e pessoas com deficiência e idosos prestarão atendimento ao público. Além disso, traz o espaço "FeLiB Sem Limites", voltado às pessoas com deficiência. A galeria a céu aberto, abriga exposições visuais feitas por artistas e estudantes de escolas públicas. A figura que segue ilustra uma das edições da Feira do Livro de Brasília.

Figura 5 - Feira do Livro de Brasília - FeLiB



Fonte: Google imagens

Feira Internacional do Livro - FIL, de Ribeirão Preto é organizada pela Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão. Hoje, na 21ª edição, é considerada a segunda maior feira a céu aberto do país, em formato híbrido. Recepciona, ao longo de nove dias, entre 280 a 500 mil visitantes. Com o tempo, a entidade ganhou experiência e, atualmente, além da Feira, realiza muitos outros projetos ligados ao universo do livro e da leitura com calendário de atividade durante todo o ano. A Fundação se mantém, a partir do apoio de mantenedores e patrocinadores, com recursos diretos e advindos das leis de incentivo, em especial do Pronac e do Proac. E está

se preparando para atuar em outras cidades, além de Ribeirão Preto, com projetos na área de formação de professores e mediadores de leitura. A figura a seguir ilustra uma das edições da Feira Internacional do Livro que acontece em Ribeirão Preto.

Figura 6 - Feira Internacional do Livro - FIL



Fonte: Google imagens

A Feira Literária Internacional de Paraty - FLIP, Rio de Janeiro, foi criada em 2003, e, em 2022 celebrou sua 20ª edição retomando as ruas e praças de Paraty. Em seus 20 anos de história, a Flip tem se posicionado como um laboratório de reflexão, em que encontros e atividades buscam pensar saídas para as crises contemporâneas. A cultura, por meio da literatura em seu conceito expandido, o que inclui todas as manifestações artísticas, permite alavancar narrativas que inspiram a cooperar e seguir em frente. Em 2022, a Flip seguirá conectando experiências por meio de uma rede de instituições parceiras pelo país. A imagem que segue ilustra uma das edições da FLIP.

Figura 7 - Feira Literária Internacional de Paraty



Fonte: Google imagens

A Bienal Internacional do Livro de São Paulo é o palco para o encontro das principais editoras, livrarias e distribuidoras do país. A Bienal de São Paulo celebra a transformação que os livros fazem na vida das pessoas, superando-se a cada edição, comercializando 100% do espaço disponível com diversos expositores trazendo novidades para todos os públicos. Para completar a edição histórica, terá como Convidado de Honra - Portugal, quando celebrou os

200 anos da independência do Brasil, unidos eternamente pela língua pátria. A seguir, tem-se uma figura que ilustra uma das edições da Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Figura 8 - Bienal Internacional do Livro de São Paulo



Fonte: Google imagens

A Feira do Livro de São Luís (FeliS) é o maior evento literário do Estado do Maranhão, concebido com o objetivo de fomentar a tradição literária e cultural da capital maranhense, bem como propiciar o maior acesso ao livro, estimular a formação de novos leitores e incentivar as cadeias produtivas em torno do livro e da mediação da leitura. Criado pela Lei Municipal nº 4.449, em 11 de janeiro de 2005, o evento é realizado pela Prefeitura de São Luís, por meio das secretarias municipais de Cultura (SECULT) e Educação (SEMED). A FeliS é realizada há 14 anos e oferece obras de todos os gêneros, promove centenas de atividades gratuitas para públicos de todas as faixas etárias por meio de programação cultural diversificada. A cada edição, seu público envolve mais de 200 mil visitantes. A figura que segue ilustra uma das edições da Feira do Livro de São Luís.

Figura 9 - Feira do Livro de São Luís (FeliS)



Fonte: Google imagens

O Sesc PR promoveu a 40ª edição da Semana Literária Sesc & XIX Feira do Livro da Editora UFPR, com o tema “Literatura: porque outro mundo é possível”. Na programação, diversas ações, debates e mesas-redondas relacionadas ao tema central, com reflexões literárias e também com o destaque fundamental a importância da literatura para manter a saúde mental saudável, especialmente nos tempos atuais de enfrentamento coletivo a pandemia. Ao promover o evento, aborda-se o sentimento de afeto que a literatura proporciona, a empatia do escritor

que, ao escrever, se coloca no lugar do leitor e sabe quais palavras serão como bálsamo no momento da leitura. A figura abaixo ilustra uma das edições da Feira do Livro da Editora UFPR.

Figura 10 - Feira do Livro da Editora UFPR



Fonte: Google imagens

O Salão do Livro do Piauí - SALIPI é patrimônio cultural e imaterial da cidade de Teresina e está integrado ao circuito cultural das principais Feiras e Bienais de Livros do Brasil e consta no Calendário Brasileiro de Exposições e Feiras, conforme publicação oficial do Governo Federal, através dos Ministérios das Relações Exteriores, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, bem como do Calendário Estadual divulgado pela SECULT/PI (Secretaria de Estado da Cultura). É o principal evento da Fundação Quixote desde 2003 e acontece sempre no mês de junho em Teresina, com duração de dez dias e o acesso é livre. A seguir, apresenta-se a imagem de uma das edições do SALIPI.

Figura 11 - Salão do Livro do Piauí - SALIPI



Fonte: Google imagens

Em algumas regiões, esses eventos estão substituindo as bibliotecas públicas no papel de juntar o leitor com os livros e os escritores, porque têm um poder maior de comunicação e interação com a comunidade. Trata-se, portanto, de um fenômeno que não pode ser desconsiderado no sistema literário brasileiro: a literatura feita ao vivo ou a presença da literatura ao vivo, isto é, fora de sua forma de apreciação tradicional, o livro impresso e a leitura individual e silenciosa.

Paulo Lins autor, do filme “Cidade de Deus”, diz:

[...] fico muito feliz que encontros literários tenham se tornado uma moda no país. Antes só havia eventos assim para o público rico, em escolas particulares, centros culturais. Agora tem feira literária em tudo quanto é cidade, e, como elas são gratuitas, todo mundo pode ir. Acredito que esses encontros são hoje o principal incentivo à leitura no Brasil. O GLOBO (2015).

Não obstante o crescimento de salões e feiras literárias que se tem verificado a cada ano no Brasil, esse fenômeno tem suscitado diferentes reflexões. O Brasil, ainda não atingiu os níveis de leitura satisfatórios para que possamos afirmar que temos um público comprometido com a leitura; como observou o escritor peruano Vargas Llosa (1936) “um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias”.

Dados mais recentes da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, divulgada em setembro de 2020 pelo Instituto Pró-livro, o país conta com 100,1 milhões de leitores. Nessa pesquisa, leitores são aqueles que leram pelo menos um livro nos últimos 3 meses. Essa parte da população busca não somente o hábito da leitura, mas também toda a experiência que ela envolve. A despeito de onde esteja a literatura, os livros, nos ambientes abertos, nas bibliotecas ou em suportes eletrônicos, dados da pesquisa do Instituto Pró-Livro (IPL), IBOPE Inteligência 2019/2020 na quinta pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, dão conta que a participação do leitor em algum evento literário, como bienais, feiras do livro ou festivais de literatura, nos últimos doze meses, por vontade própria, do total da amostra (8.076) brasileiros entrevistados, 14% foram espontaneamente em algum dos eventos elencados nos últimos doze meses que antecedeu a pesquisa, e 86% responderam que não foram. Para os leitores de livros, 22% responderam que foram sim, espontaneamente em algum desses eventos, 78% não. Dos leitores de livros de literatura, 27% responderam sim, 73% responderam não. Leitores de literatura em outros formatos, 14% responderam sim, e 86% responderam que não foram a eventos literários; percebe-se que a porcentagem ainda é pequena.

Na mesma pesquisa do Instituto Pró-Livro (IPL), IBOPE Inteligência 2019/2020, a quinta pesquisa Retratos da Leitura no Brasil revela um número deprimente: nosso país perdeu 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. Na quarta edição, período de 2011 a 2015, havíamos acrescido 16,6 milhões de brasileiros e brasileiras ao mundo da leitura. Se em termos percentuais estatísticos o número da perda pode parecer pequeno, quando transformamos as porcentagens em pessoas atingidas podemos entender melhor o alcance do dano. Infelizmente não temos o que comemorar nesta edição, pois a pesquisa aponta uma redução no percentual de leitores de 56% (edição

2015) para 52% e acende um alerta. Por que não avançamos? Por que mantemos um patamar próximo a 50% de não leitores desde 2007?

Para Vitor Tavares (2021), presidente da Câmara Brasileira do Livro – CBL

[...] mudar esta realidade requer não apenas o esforço dos livreiros, mas também de políticas públicas para incentivar novos leitores. E algumas saltam aos olhos. É preciso, por exemplo, fazer valer a Política Nacional de Leitura e Escrita, instituída em 2018 como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil. Isso provoca uma atração. Naquele momento que, naquela cidade, está acontecendo um evento dessa magnitude, uma feira do livro, tenho certeza de que naquele período o índice de leitura naquela cidade aumentou.

Compreende-se que se faz necessária uma ação conjunta para que a atual realidade da prática da leitura no Brasil mude. Políticas públicas devem ser pensadas de modo a fomentar cada vez mais as feiras literárias, por exemplo. O incentivo à leitura não deve partir apenas dos espaços escolares.

O crescimento vertiginoso de feiras literárias tem suscitado debates acirrados. Em 2015, a professora, escritora e produtora de eventos literários, Suzana Vargas publicou um breve texto na seção de Cultura de O Globo, cujo título “*O que se festeja nas festas literárias?*” chama a atenção. Dentre outras afirmações polêmicas, a autora declarou:

Eventos não levam ninguém a ler mais ou a comprar mais livros. Eventos literários sejam eles festas, feiras, bienais com maior ou menor projeção nacional, são fenômenos de marketing. Ou seja: eventualmente ouve-se falar num produto chamado livro, em seus autores, como quem anuncia uma nova marca de refrigerante. O cidadão escuta através da mídia que livros são essenciais, que ler faz bem, acorre às feiras, as escolas se movimentam, as prefeituras distribuem o vale livro ou que nome tenha essa ajuda essencial dos órgãos envolvidos. Na verdade, feiras e eventos cumprem essa missão de popularizar o objeto livro, divulgar alguns nomes da produção literária nacional e internacional, mas são, (...), eventuais. (VARGAS, 2015).

Das interrogações de Suzana Vargas sobre “Eventos não levam ninguém a ler mais ou a comprar mais livros, são fenômenos de marketing”, a professora Maria Ester Vieira de Sousa, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em seu artigo “*As feiras Literárias, o Livro e o Leitor: “Plumas emaranhadas”*”, afirma que

o vocábulo *feira* demonstra a presença de alguns itens lexicais que são comuns a todas as definições encontradas. Elas podem ser resumidas pela recorrência da alusão a um evento cuja finalidade é a venda, exposição ou divulgação de determinado produto ou serviço, ou seja, a finalidade comercial descreve a natureza do evento *feira*, cujo objeto da transação comercial vem sempre determinado por uma locução adjetiva (feira de gado, feira de livro, feira literária, etc.) (SOUSA, 2019, p. 10).

Acrescenta ainda que, seguindo esse raciocínio, em princípio, somos levados a concluir que, em feiras literárias, vende-se literatura, e, questiona: dentro da lógica mercadológica e da economia do livro e da leitura, o que seria “vender” literatura? Na análise dessa discussão

estabelece-se a diferença entre feiras literárias e feiras de livros e encaminha-se com maior clareza o que já é do conhecimento dos envolvidos em eventos literários, como bem define Sousa (2019), “feiras de livros possuem uma função mercadológica bem mais próxima daquela que defende Suzana Vargas,” enquanto

As feiras literárias têm, em geral, adotado uma configuração – com eventos dentro do evento (palestras com escritores, com pesquisadores e especialistas em leitura, lançamentos de livros, momentos de autógrafos, performances artísticas, música, dança, minicursos para diferentes públicos etc.) – que extrapola a função a que se refere a autora e ganham ares de um evento cultural, não meramente voltado para o marketing do livro e do autor, mas caracterizado pelo ideal de festa, festejo, confraternização, encontro (SOUSA, 2019, p.12).

Pode-se compreender que ambos são eventos de marketing que fazem promover a economia do livro, as feiras literárias, porém, vão além da popularização do “objeto livro” e à divulgação de “alguns nomes da produção literária nacional e internacional”. Considera Vieira Sousa (2019), nessa mesma perspectiva, os eventos autodenominados de festa e/ou de festival literários, que na programação de algumas feiras literárias, esses eventos culturais literários, em geral, caracterizam-se por contar com a participação efetiva de membros da comunidade ligados à educação e à cultura, a exemplo de professores e alunos de escolas municipais, estaduais e particulares e agentes culturais locais, sendo todos esses agentes também são o alvo principal dessas feiras.

Nessa perspectiva, as feiras literárias ou feira de livros, em toda sua história, buscaram alcançar o maior número de leitores, por meio de eventos organizados com objetivos claros da economia do livro. Na feira de livro do SALIPI, por exemplo, a tríade: autor, obra, leitor são elementos ao mesmo tempo intrínsecos da feira literária, dotada de feições que configuram uma festa, e, para além de uma feira de livros com interesse puramente comercial, é contemplada com todos os itens acima arrolados por Sousa (2019). Assim, compreende-se que o SALIPI contribui com a formação sociocultural do Piauí, tendo como foco o estímulo à leitura e à formação do leitor, com atividades culturais, celebrações e conagraçamentos entre autores e leitores, entre promotores culturais e o público local durante o evento.

A seguir, discutir-se-á acerca da história do SALIPI, levando em consideração desde o contexto social que levou a criação do projeto até a execução das vinte edições do evento ao longo de duas décadas de contribuição para fomento da leitura.

3 A HISTÓRIA DO SALIPI

Neste capítulo, objetiva-se apresentar a narrativa da criação do Salão do Livro do Piauí – SALIPI, evento literário cultural do estado Piauí. Para tanto, discorreu-se sobre a relevância do fenômeno enquanto evento literário que oferece possibilidades de mediar interesses e investir na inteligência cultural do povo piauiense por meio do livro e da leitura. A partir de entrevistas realizadas com os mentores do SALIPI, este capítulo aborda como se deram as primeiras investidas para a criação do evento literário. Portanto, buscou-se a história do SALIPI desde o Seminário Língua Viva, evento que deu à luz ao Salão do Livro do Piauí.

O SALIPI é um projeto que se preocupa com a formação cultural, política e social do Piauí, uma vez que investe na prática do letramento e do estímulo à leitura a partir de parcerias com os governos estadual e municipal. Como um projeto de cultura, o evento preza por uma construção de uma identidade leitora individual e de expressão coletiva para a cidade de Teresina e o estado do Piauí.

Para que se possa compreender o SALIPI enquanto um projeto macro, fez-se necessário discutir neste capítulo a criação do Seminário Língua Viva e como se deu o surgimento do Salão do Livro do Piauí a partir do Seminário Língua Viva, construindo uma narrativa acerca das vinte edições do evento. Constrói-se aqui a história do SALIPI desde seus primeiros momentos em 2003 até o ano de 2022. É o que será discutido no subcapítulo a seguir.

3.1 Do Seminário Língua Viva para o Salão do Livro do Piauí

Na década de 1960, para não ir mais longe, o Piauí possuía fronteiras no que diz respeito ao acesso à leitura, ao mundo dos livros, à intelectualidade representativa do Brasil da época. O estado, mais precisamente a capital piauiense Teresina, contava com um número ínfimo de livrarias e editoras, o que dificultava a comercialização de livros nas terras piauienses. Muitos escritores da Literatura Piauiense tiveram que publicar seus livros fora do estado, uma vez que no Piauí, as poucas editoras que existiam cobravam um valor alto para publicá-los.

Os professores da época, típico quadro da educação das décadas de 1960 a 1990, possuíam acesso a poucos livros. A leitura era uma prática de esforço e força de vontade de acesso ao conhecimento. No entanto, nem todos tinham esse acesso a seu alcance. As classes que possuíam menor poder aquisitivo ficavam à margem do mundo dos livros. E o estado do Piauí era formado majoritariamente pela classe mais pobre. Diante de um cenário marcado pelo atraso intelectual, Cineas das Chagas Santos², na época, professor de Língua Portuguesa e

² Conhecido como Cineas Santos, é poeta, cronista, intelectual, professor aposentado, agente cultural, advogado, editor e livreiro brasileiro.

Literatura em Teresina, sentiu-se inquietado com o atual cenário daquele lugar que Luiz Romero³ caracterizou como uma aldeia⁴ e criou em 1998 o Seminário Língua Viva. O evento, realizado em cinco edições, tinha como objetivo contribuir com a qualificação de professores a partir de encontros com gramáticos, professores de literatura e autores de livros. Cineas Santos buscava uma atualização não só para a educação piauiense, mas também expandir horizontes de pensamentos críticos voltados para a formação de opinião.

Com o passar das edições, o seminário expandiu o público envolvendo não só professores de Língua Portuguesa e Literatura. O Língua Viva voltou-se também para as discussões focadas na Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Brasileira, bem como História, Geografia, Arqueologia, Jornalismo, Artes e demais áreas do conhecimento humano.

Ao longo das cinco edições do Seminário Língua Viva, o mentor do evento, Cineas Santos, sentiu-se desmotivado de continuar com a atividade, pois a parceria entre o Seminário e as escolas da capital ficou difícil, uma vez que as instituições não liberavam seus professores para participarem. Sobre isso, Cineas Santos ressalta:

[...] eu fiz 5 edições praticamente só e era muito complicado porque as escolas não liberavam os professores para participarem do evento. Eu me aborreci um pouco e parei com isso. Mas o Wellington, o Nilson e o Romero, queriam porque queriam ressuscitar o Língua Viva.⁵

Romper com uma cultura cristalizada pelo comodismo não foi uma tarefa fácil. Desmotivado frente aquele cenário, Cineas Santos passou a contar com o apoio de outros nomes a saber: Luiz Romero, Wellington Soares e Nilson Ferreira. Quatro pensamentos distintos se uniram a um único objetivo: contribuir para que a leitura estivesse ao alcance de todos. Assim, deu-se início a uma nova fase do Seminário Língua Viva.

A partir do que foi exposto como um dos obstáculos que o Língua Viva enfrentou, vale refletir que a escola, antes dos anos 2000, sobretudo no Piauí, se portava como uma instituição incutida de políticas que deturpavam o que hoje se entende por ensino de leitura. É indiscutível a importância da escola no processo de ensino e aprendizagem, no entanto,

[...] a relação entre instituição escolar e atividade de leitura é complexa: varia conforme os indivíduos e seu meio social de origem, e conforme suas representações da instituição e dos professores. A escola dá condições de adquirir as aptidões necessárias para ler, é uma instância que dá legitimidade às leituras, mas, devido às normas que transmite, às coerções diretas e indiretas que exerce, corre o risco, ao mesmo tempo, de criar entraves para uma possibilidade de leitura como prazer e distração. (COMENIUS, 1996, p. 89)

³ Entrevista realizada com Luiz Romero para esta pesquisa.

⁴ Luiz Romero quis se referir ao Piauí enquanto um espaço limitado à intelectualidade advindo de Fortaleza - CE, Recife - PE e, em casos pontuais, São Luís - MA.

⁵ Entrevista realizada com Cineas Santos para esta pesquisa.

Era diante dessa realidade que Cineas Santos se deparava ao tentar contribuir para a qualificação de Professores em uma época escassa de livros para todos. Enquanto, de um lado, pessoas acompanhavam o fantástico mundo da leitura em suas mais diversas representações, do outro, havia a escola munida de pensamentos tradicionais que viam, a partir de um ensino engessado, a possibilidade da prática da leitura.

Se as escolas de Teresina, antes dos anos 2000, eram assim, os alunos escolarizados nessas instituições também saíam portadores de tal realidade. Logo, o Piauí era visto como um estado que estava bem distante de um dia chegar perto de produzir pelo menos metade da produção intelectual de outros estados, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, entre outros.

A maior correspondência intelectual realizada no Piauí abrangia em grande escala, quase que total, os estados de Pernambuco, Ceará e Maranhão. Em casos bem isolados, estavam Pará e Bahia. Percebe-se que as influências estavam centralizadas mais no eixo Norte-Nordeste. O acesso à produção intelectual oriunda do eixo Sul-Sudeste era uma realidade de difícil acesso para a classe piauiense que não pertencia a uma família nobre. Essa foi uma realidade que perdurou por décadas no Piauí.

O Seminário Língua Viva, indo de encontro a essa realidade, surgiu como uma proposta de intervenção a partir da reciclagem dos professores de Teresina. Para Luiz Romero, esses professores tinham a oportunidade de trocarem experiências com “grandes intelectuais, grandes personalidades formadoras de opinião pública, escritores, professores, artistas, poetas, que a convite, vinham ao Piauí uma a duas vezes ao ano.”⁶. Contudo, era preciso pensar em um público maior. Preocupar-se apenas com os professores não estava sendo o suficiente, uma vez que as escolas não estavam efetivamente abraçando o projeto pensado por Cineas Santos.

Nomes como Napoleão Mendes de Almeida, Antônio Houaiss, Ernani Terra, José de Nicola Neto contribuíram com o Língua Viva ao participarem como convidados mostrando um pouco da sua intelectualidade para os professores piauienses. Foram cinco anos tentando mostrar uma concepção viva e ativa sobre a prática do ensino de leitura e até mesmo a prática de senso crítico sobre o que se lê. Uma empreitada que já se mostrava cansativa em um ambiente que não estava muito interessado a usufruir de forma positiva da oportunidade.

No ano de 2002, Cineas Santos e Luiz Romero estavam participando de uma homenagem ao poeta H. Dobal na Academia Brasileira de Letras. Nesse período, a presidência da ABL estava com Alberto da Costa e Silva, filho do poeta piauiense Da Costa e Silva.

⁶ Entrevista realizada com Luiz Romero para esta pesquisa.

Estavam nesse dia, ainda, o próprio homenageado, H. Dobal, e o escritor, também piauiense, Assis Brasil. Da plateia, Cineas Santos e Luiz Romero contemplavam, em estado de êxtase, os grandes nomes que ocupavam as cadeiras da ABL da época.

Motivado por aquele momento e pelo cenário que estava a sua frente, Luiz Romero questionou Cineas Santos sobre por que não pensar em algo maior para o Língua Viva em Teresina. Nesse período, Cineas Santos estava quase desistindo do projeto do seminário por não receber apoio das escolas em liberarem seus professores para que pudessem participar do evento. Wellington Soares, Nilson Ferreira e Luiz Romero estavam buscando reacender a chama do propósito do Língua Viva.

Retomando ao momento na ABL, Luiz Romero provocou Cineas Santos a pensar algo maior para Teresina. Algo que envolvesse não o público docente, nem tampouco apenas a capital. Romero, com suas próprias palavras, explica o seu sentimento ao prestigiar aquele cenário repleto de intelectualidades do mundo das letras na ABL:

[...] pensar que estamos tão atrasados, mediocrizados naquela província. Como podemos pensar em trazer um Loyola brandão, um Ariano Suassuna conosco? [...] somos um Brasil diversificado, imenso, tão desnivelado, que a partir do Euclides da Cunha até agora a impressão que passa é que mudou, mas não mudou com aquela estampa toda que a gente queria. [...] vamos pensar numa feira, feira tá tão batido, vamos pensar noutro nome mais interessante.⁷

Ali, surgia a ideia de um evento voltada para um público mais amplo: professores, alunos, leitores. Não só teresinenses, mas piauiense de um modo geral. Mais tarde abarcaria públicos de estados vizinhos como Maranhão e Ceará. Uma ponte entre um estado provinciano no que tange ao acesso à produção literária e intelectual brasileira e grandes nomes do mundo das letras e pensadores se construía naquele momento.

Assim, surgiu o Salão do Livro do Piauí – SALIPI. Um evento lítero-cultural voltado para o incentivo à leitura e ao acesso ao conhecimento, bem como o que havia de novidade no mundo intelectual. O Seminário Língua Viva, aquele evento voltado para a qualificação de professores, passou a integrar o SALIPI como uma das atividades propostas pelo salão. Até hoje o Língua Viva faz parte da programação do SALIPI.

Com a mesma periodicidade, o SALIPI acontece anualmente envolvendo professores e alunos de todo o estado do Piauí. Para o atual presidente da Fundação Quixote, Kassio Gomes, um dos organizadores do SALIPI,

O seminário Língua Viva foi um divisor de águas, porque foi o primeiro movimento a incursionar e a trazer para o Piauí grandes nomes da literatura e da cultura nacional. Então isso fez com que houvesse uma demanda também de pessoas em busca de um evento nessa envergadura, só que era muito mais focado na língua portuguesa.

⁷ Entrevista realizada com Luiz Romero para esta pesquisa.

Quando o SALIPI surge em 2003, ele vem com uma pegada mais ampla, de modo que o Seminário língua Viva passa pra dentro do SALIPI como uma programação.⁸

Segundo o presidente da Fundação Quixote, a diferença entre o Seminário Língua Viva e o SALIPI está principalmente no objetivo de cada evento. Enquanto o primeiro estava voltado sobre a língua portuguesa, o segundo estava voltado para algo mais amplo, a formação de leitores no Piauí. Assim, o público do SALIPI se torna mais amplo. O Seminário Língua Viva não deixou de ser importante. No entanto, diante do cenário piauiense em 2002 e a influência daquela sessão solene realizada na ABL, pensou-se em um projeto mais amplo voltado para a prática da leitura em seu sentido mais amplo.

Pode-se se inferir que a preocupação do SALIPI também é uma das preocupações da sociologia da leitura. Segundo Lafarge e Segré (2010, p. 126) “A leitura é fonte de diálogos, de discussões; leitura e diálogo se nutrem e reforçam”. Assim, o SALIPI surge como uma fonte de diálogos, contribuindo para a formação de novos leitores nas mais diversas esferas da sociedade.

Por trás do SALIPI há toda uma história que se faz necessária vir a público, pois são anos de insistência no processo de incentivo à leitura e à formação de novos leitores. Narrativas que justificam o motivo da consagração do salão como patrimônio imaterial da cidade de Teresina. Assim como o salão em si, sua história também deve ser reconhecida como parte da cultura piauiense. É exatamente a História do SALIPI que será narrada no subcapítulo que segue.

3.2 O Surgimento do SALIPI

A história do Salão do Livro do Piauí começou em Teresina há vinte anos, com quatro amigos do Livro, da Leitura, da Língua e da Literatura. Quatro nomes assumem o compromisso de executar um evento que posteriormente se tornaria o maior evento lítero-cultural do Piauí. O SALIPI foi idealizado pelos professores piauienses Luiz Romero Lima, Wellington Soares e Nilson Ferreira, com o apoio de Cineas Santos. Quatro professores apaixonados pela língua portuguesa e pelo mundo da leitura. O evento surge com o objetivo de fomentar a leitura nos mais diversos grupos sociais do estado do Piauí.

O Seminário Língua Viva mostrou que seria necessário envolver além dos professores, os alunos e toda sociedade no mundo da leitura e dos livros. Em 2002, a ideia do salão veio à tona quando Cineas Santos e Luiz Romero vislumbravam o cenário cultural que estampava a

⁸ Entrevista realizada com Kassio Gomes para esta pesquisa.

ABL da época. No ano seguinte, em 2003, aconteceu a primeira edição do Salão do Livro do Piauí. Teresina passou a ser palco de recepção de grandes nomes do mundo das letras e intelectuais que passaram a dialogar com o cenário piauiense.

O SALIPI surgiu como um projeto que se assemelhava às principais feiras e bienais que ocorrem no Brasil. Para compreender a história do SALIPI, faz-se necessário pensar sobre o contexto social e o quadro sociológico de leitores no final do século XX e início do século XXI em Teresina. Sobre esse cenário o professor Luiz Romero, aponta o seguinte relato:

Desde que comecei frequentar lançamentos de livros em Teresina e isso tem mais de 40 anos, curiosidade de quem é apaixonado pelos livros; então lá para a virada do século eram as mesmas pessoas que iam aos lançamentos de livro. Olha a curiosidade: vai haver lançamento de livro em lugar tal, as mesmas pessoas. Em torno de 30 pessoas e isso me chamou atenção e como curiosidade, porque não ampliava o quadro de leitores, era praticamente as mesmas pessoas nos lançamentos de livros. Na virada do século Teresina era provinciana, pobre, precisando de desbravadores. Teresina estava fora dos circuitos do mundo dos intelectuais nos eventos das letras. Era Fortaleza, Recife e uma vez por outra São Luís. Com advento do SALIPI a coisa tomou um rumo diferente. Teresina era uma pobreza sem tamanho. Nós tínhamos livrarias mínimas, bibliotecas mínimas; principalmente a pública que não tinha um acervo. Não se conseguia um acervo atualizado para as bibliotecas de Teresina, (isso é o campo da sociologia). Nós não tínhamos, porque os gestores, imagine, na época tinham dificuldades de enxergar as coisas.⁹

Os eventos culturais na capital piauiense eram frequentados por um grupo seleto. O mundo da leitura não era uma realidade para todos, uma vez que muitos pertenciam a uma realidade diferente, ou até mesmo distante, do que os eventos culturais teresinenses propunham em suas realizações. A preocupação em conquistar novos adeptos não fazia parte do objetivo de grande parte do grupo que frequentava tais eventos.

Considerando o pensamento de Bourdieu e Chartier (2001), compreende-se que a prática de leitura deve ser concebida como uma prática cultural, e como tal, deve-se abranger uma pluralidade social. A leitura como produto cultural ascende uma sociedade de forma a torná-la mais crítica no que tange à construção social do meio em que vive. No entanto, a cultura enquanto intelectualidade, durante muito tempo, não era um produto acessível a todas as camadas sociais. O quadro sociológico da capital piauiense, apontado por Luiz Romero, mostra a ausência de jovens leitores e participantes da agenda cultural de Teresina.

As mudanças aos poucos foram ocorrendo e como acrescentou o professor Luiz Romero, “quando fizemos o primeiro SALIPI, houve uma explosão, parecia que a cidade estava esperando esse tsunami e todo mundo abraçou o evento como se fosse dele, que ele estava fazendo o evento”¹⁰. A recepção do SALIPI foi positiva. A sociedade teresinense demonstrou

⁹ Entrevista realizada com Luiz Romero para esta pesquisa.

¹⁰ Entrevista realizada com Luiz Romero para esta pesquisa.

a necessidade de eventos culturais como a proposta do salão. Um misto de deslumbramento e carência de leitura por parte daqueles que frequentaram a primeira edição do Salão do Livro do Piauí apontou um quadro social que revelava uma certa deficiência no processo de formação de novos leitores no Piauí.

O processo de mudança no geral costuma ser lento e difícil, aos poucos, porém, entende-se que é lento porque é complexo, profundo, e no caso do surgimento do SALIPI, diz Luiz Romero: “precisávamos sociologicamente entender e passar para aquele que estava assistindo que o salão não era nosso, o salão é da cidade de Teresina e do Piauí.”¹¹. Percebe-se que, desde a primeira edição do SALIPI, a organização do evento sempre considerou o salão como um produto cultural que pertencia à sociedade piauiense.

A professora Jasmine Malta, membro da comissão organizadora do SALIPI, coadunando com Luiz Romero, acrescenta segundo a sua experiência, as dificuldades encontradas no período em que antecedeu a realização do primeiro SALIPI, nos idos dos anos 90 aos anos 2000. Segundo à Professora:

[...] o cenário que nós tínhamos de livraria de Teresina que eram as nossas livrarias clássicas, de famílias, que já era uma tradição familiar, eram muito voltadas para o livro técnico, então ou você tinha um aporte financeiro muito bom para viajar para fora para participar de eventos e trazer as novidades literárias, ou você ficava limitado ao mercado local.¹²

A questão financeira, realidade presente até os dias de hoje em grande parte da sociedade piauiense, era um dos principais empecilhos que dificultava a participação da comunidade no quadro cultural piauiense, sobretudo na capital Teresina. Aqueles que estavam à margem da sociedade, não tinha o mesmo acesso aos eventos culturais da época. Isso diz respeito também à aquisição de livros comercializados na época. A prática de leitura sempre foi uma realidade não tão boa como entre aqueles que possuíam um maior poder aquisitivo no Piauí.

Ainda considerando a fala da Professora Jasmine Malta em relação à organização da primeira edição do SALIPI, ela relata que

Na primeira edição do SALIPI, foi uma luta para a gente conseguir organizar os lançamentos de livros da editora da UFPI, porque eram poucos professores que estavam publicando naquele momento, que tinham livros disponíveis e ficaram receosos de contar com o público. O medo de levar o livro, falar sobre o livro e as pessoas não o lerem, não sabiam como conversar [...] tanto que foi pensado de o SALIPI ser uma bienal, e aí nós vimos que o público foi extremamente receptivo, o Centro de Convenções ficou lotado todos os dias em todos os horários. E as livrarias

¹¹ Idem.

¹² Entrevista realizada com Jasmine Malta para esta pesquisa.

despertaram: ou a gente se renova e traz esses títulos, ou vamos ficar pra trás em termos de mercado.¹³

Os esforços dos fundadores do Salão do Livro do Piauí foram exaustivos. Contudo, desde a primeira edição do salão, a recepção considerável por parte daqueles que frequentaram o evento durante todos os dias do evento mostrou que o SALIPI deveria ser uma atividade cultural cristalizada no calendário piauiense. Após a primeira edição, ficou claro que outras edições viriam. Junto a elas, grandes desafios.

Na trajetória do Salão do Livro do Piauí, ocorreram diversas mudanças, dentre elas, mudanças de espaços físicos. Nos bastidores do Salão, ocorreram também, fatos inusitados, como conta Cines Santos.

Véspera de uma das edições do SALIPI, eu estava uma pilha. Na conta da Fundação Quixote, não havia um centavo. Só tínhamos promessa, promessas de políticos... Meio-dia, sol a pino, cheguei à Oficina da Palavra na companhia do mestre Santana, de saudosa memória. Na entrada do prédio, uma senhora de meia idade esperava por mim. Pediu permissão para se aproximar e, sem se apresentar, declarou: Professor, no ano passado, ouvi o senhor afirmar que, às vezes, depende de ajuda dos amigos para oferecer o almoço a um dos convidados. Fez uma pausa, aproximou-se um pouco mais e afirmou: Foi aí que também decidi ajudar. Passei o ano inteiro juntando moedinhas neste cofrinho e trouxe para o SALIPI. Espero que dê para pagar o jantar de um convidado. De um saco plástico, retirou um cofrinho de cerâmica e me entregou. (SANTOS, 2022, p. 29,30)

O relato acima uma das inúmeras dificuldades enfrentadas pela organização do SALIPI. Em suas primeiras edições, o salão não teve apoio de órgãos públicos de grande porte, segundo depoimento do Professor Cines Santos. No entanto, o maior apoio advindo da comunidade piauiense que esperavam ansiosamente outras edições do evento, foi a principal motivação para continuar com o projeto do SALIPI. Santos (2022, p. 30), ao falar sobre os bastidores do SALIPI, afirma que “não temos o direito de desistir do Salão do Livro do Piauí”. Assim, o evento passou a fazer parte da cultura piauiense.

Segundo Santos (2022, p. 13-14), para as primeiras edições do SALIPI,

nenhum dos nossos convidados – todos amigos – cobrou um centavo de cachê. Vieram por amor à causa. E assim se fez a primeira edição do Salão do Livro do Piauí. Ao visitar o SALIPI, o escritor Edmilson Caminha, parafraseando um autor que desconheço, afirmou: Se os meninos soubessem que seria impossível, não teriam feito. (SANTOS, 2022, p.13/14).

Assim, sucederam-se as primeiras edições do SALIPI. O apoio dos palestrantes foi de grande valia para que o salão se fizesse possível sua realização. O objetivo não era apenas da organização do evento, mas de pessoas, que mesmo de longe, contribuíam para que o mundo

¹³ Entrevista realizada com Jasmine Malta para esta pesquisa.

da leitura se ampliasse e chegasse a todos. Uma rede de contribuinte se constituía durante o surgimento do SALIPI. Alberto da Costa e Silva, filho do Poeta piauiense Da Costa e Silva, e ex-presidente da ABL, é um exemplo de apoiador do SALIPI. Como palestrante convidado, participou das três primeiras edições do salão, de 2003 a 2005. Sem cobrar pró-labore, o escritor demonstrou ser um daqueles que se preocupa com a leitura no país.

Em 2005, o SALIPI ganha uma nova gestão. A comissão que organizava o salão decidiu criar a Fundação Quixote. A instituição teria por fim organizar o Salão do Livro do Piauí. Desse período até hoje, o evento é organizado pela fundação, que conta com o apoio de vários jovens voluntários que trabalham durante todo o evento. Hoje a Fundação Quixote é presidida pelo Professor Kássio Gomes, que começou a trabalhar no SALIPI desde sua primeira edição, em 2003, servindo café. Nas edições seguintes, Kássio já atuava na parte financeira do evento. E assim ele foi contribuindo cada vez mais para o sucesso do salão.

No decorrer de vinte anos, as mudanças de locais físicos, também aconteceram. Da primeira à sexta edição, o SALIPI foi realizado no Centro de Convenções de Teresina, correspondendo ao período de 2003 a 2008. O Centro de Convenções acolheu o SALIPI por seis edições. Nesse ínterim, o evento cresceu e o espaço físico tornou-se limitado para a magnitude do SALIPI. Havia ainda a questão de acessibilidade de transporte público que não oferecia a melhor comodidade aos que lá acorriam. Devido ainda a uma série de reformas na estrutura física do prédio, sem data predeterminada para ser concluída, a 7ª edição do SALIPI contou com um novo espaço.

A primeira mudança de local ocorreu na 7ª edição realizada em 2009. A Praça Pedro II, localizada no centro de Teresina, passou a ser palco do Salão do Livro do Piauí até a 11ª edição realizada em 2013. A partir da 12ª edição, realizada em 2014, o evento passou a ser realizado nas dependências da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *campus* Petrônio Portella, no espaço Rosa do Ventos, onde permanece até os dias atuais.

Para Santos (2022), a chegada do salão deve ser considerada uma vitória. Tal conquista custou um preço alto para os idealizadores. A cada edição um novo desafio. A cada edição, um aprendizado para a edição seguinte. Ao refletir sobre a trajetória do SALIPI, desde a primeira edição até a última realizada, Santos (2022) reflete:

Como chegamos até aqui. NEM MESMO O MAIS OTIMISTA DE NÓS poderia acreditar que chegaríamos tão longe. O Salão do livro do Piauí tem sido, acima de tudo, a vitória da união de um grupo de pessoas que se uniu com um único propósito: levar o SALIPI adiante. Seria impossível, portanto, chegarmos até aqui sem a participação indispensável de todas as pessoas e instituições públicas e privadas que, a cada edição, contribuem para que o SALIPI tenha a longevidade e a relevância que almejamos. (SANTOS, 2022, p. 67)

Com sucesso de um público fiel, o SALIPI hoje integra o calendário nacional de feiras de livros. Vale dizer que a história do SALIPI começa com um sonho de um grupo de professores: iniciar um evento literário com a finalidade de mostrar a cultura, bem como a identidade piauienses para todo o país, mas, não apenas com esse objetivo, o salão é visto como um projeto que contribui para a prática da leitura e formação de novos escritores.

Inúmeras festividades literárias se cristalizaram no Brasil ao longo das últimas décadas. Entrando nessa lista de feiras literárias, o estado do Piauí não ficou de fora. O SALIPI não é importante apenas pela sua estrutura, mas também pelo seu formato e pela sua periodicidade, assume o mesmo patamar de outros eventos literários de grande porte no Brasil, como a FLIP em Parati, a Bienal do Livro no Rio de Janeiro, Feira do Livro de Porto Alegre, dentre outros.

A cada edição do Salão do Livro do Piauí, a cultura e a identidade do Piauí ganham voos mais altos. A literatura piauiense circula pelo evento durante toda a sua programação, autores consagrados são homenageados. Isso faz com que os frequentadores do salão passem a conhecer mais sobre a produção intelectual do Piauí. Com temáticas voltadas para o mundo da leitura e a produção do conhecimento, a cada edição, o SALIPI impressiona seu público com cada proposta apresentada. É o que será discutido a seguir, no subcapítulo sobre as vinte edições do salão.

3.3 O SALIPI em suas Edições: uma história de 20 anos

Ao longo de 20 anos de existência, o SALIPI trouxe ao público piauiense várias experiências que contribuíram de forma considerável para o mundo da leitura, formação de novos escritores piauienses, promoção da cultura piauiense, acessibilidade para todos os públicos. São duas décadas de muitas histórias que devem ser reveladas para a comunidade piauiense em geral. Afinal, o Salão do Livro do Piauí é um evento que representa o estado.

Como já foi mencionado antes, tudo começou em 2003, quando o SALIPI foi apresentado ao público pela primeira vez. Sua 1ª edição ocorreu em julho de 2003, nas dependências do Centro de Convenções de Teresina. O escritor piauiense Mário Faustino dos Santos e Silva, mais conhecido como Mário Faustino, foi o primeiro homenageado do evento. Alberto da Costa e Silva, na época, presidente da Academia Brasileira de Letras, foi um dos convidados para contribuir com a programação do evento. A comunidade teresinense ficou encantada com o que Cineas Santos, Luiz Romero, Wellington Soares e Nilson Ferreira haviam criado como proposta de atividade cultural para o Piauí. O sucesso da 1ª edição atingiu um índice tão elevado, que parte do público pedia à organização para realizar o evento mais de uma vez por ano.

A 2ª edição do SALIPI aconteceu em 2004. Permanecendo no lugar de origem, no Centro de Convenções de Teresina. O evento trouxe como homenageado o escritor piauiense Hindemburgo Dobal Teixeira, conhecido artisticamente como H. Dobal. O evento fez sucesso de público e reconhecido por escritores renomados de tal forma, que mais uma vez, o escritor Alberto da Costa e Silva deu a honra de participar novamente. Em mais uma edição, a ABL se fazia presente no Salão do Livro do Piauí. E mais uma vez o SALIPI marcou história no estado do Piauí. De forma ainda tímida, o interior do estado começou a marcar presença no evento.

Em sua 3ª edição, realizada em junho de 2005, O SALIPI homenageou o piauiense Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho, conhecido como O.G. Rêgo de Carvalho. Nessa edição, o salão estava tomando um formato mais sólido, afinal, já acontecia a 3ª edição. A comunidade teresinense continuava a prestigiar o evento durante todo o período de sua realização.

A 4ª edição aconteceu em 2006, tendo como homenageado o escritor piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil, mais conhecido como Assis Brasil. O evento contou com a presença de Ariano Suassuna em sua programação. Nessa oportunidade, o escritor recebeu o Título de Cidadão Piauiense, concedido pela Assembleia Legislativa do Estado. Mais uma vez, o SALIPI foi sucesso de público.

A 5ª edição do Salão do Livro do Piauí ocorreu no ano de 2007. O homenageado da vez foi o poeta Torquato Pereira de Araújo Neto, conhecido como Torquato Neto. Em mais uma edição, o SALIPI se mostrou ao público como um produto cultural do estado do Piauí, que valorizava a cultura e a identidade piauienses. Eis um dos motivos de atrair um número considerável de público.

Na 6ª edição, realizada em 2008, o SALIPI homenageou o piauiense Antônio Francisco da Costa e Silva, conhecido como Da Costa e Silva, o príncipe dos poetas, o poeta da saudade. Nessa edição, o salão recebeu um público aproximadamente de 100 mil visitantes. O evento realizou trinta lançamentos de livros de autores piauienses. Foi nessa edição que o SALIPI trouxe as suas primeiras participações internacionais, com a presença dos escritores angolano José Eduardo Agualusa, do cubano Senel Paz e da portuguesa Ana Luíza Amaral. Mesmo sendo um evento de sucesso de público, a organização do evento se preocupava com a questão da acessibilidade ao SALIPI, por ser aberto a todos os públicos. Por esse motivo e pelo fato do Centro de Convenções de Teresina passar por uma reforma com tempo indeterminado de conclusão, em 2008, o espaço recebeu pela última vez o Salão do Livro do Piauí. As edições vindouras contariam com um novo endereço.

Realizada em 2009, a 7ª edição do Salão do Livro do Piauí transformou em um grande centro de arte, cultura e lazer, o Complexo Cultural da Praça Pedro II, localizada no centro de

Teresina. Com um novo endereço, a 7ª edição do SALIPI atraiu um público aproximado, de 200 mil pessoas, segundo o coordenador administrativo do evento, professor Nilson Ferreira, que atribui parte do sucesso do evento ao novo endereço. Essa edição trouxe como homenageado a escritora piauiense Alvina Fernandes Gameiro, conhecida como Alvina Gameiro. Com o número de público dobrado, o evento utilizou-se de espaços generosos como o Theatro 4 de setembro, o Clube dos Diários, a Praça Pedro II e o Centro de Artesanato Mestre Dezinho. Todos esses espaços são próximos um do outro. Segundo Nilson, o volume de negócios propostos na 7ª edição foi elevado nos estandes, de modo a estimular expositores de outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro a reservarem espaço para a 8ª edição do SALIPI.

A 8ª edição do SALIPI retornou à Praça Pedro II em 2010. Por estar estrategicamente no coração do centro de Teresina, onde passam milhares de estudantes e profissionais, a expectativa era sempre de superar o número de participação da edição anterior. Com o tema *“Quem ler vai além do infinito”*, o evento prestou homenagem ao escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, conhecido como Fontes Ibiapina. Além dele, os escritores Joaquim Nabuco e Rachel de Queiroz também foram homenageados pelos seus centenários de falecimento e nascimento, respectivamente. Nessa edição, o evento contou com a participação de convidados internacionais, como o moçambicano Mia Couto e o angolano Ondjaki autor premiado com experiência na área do teatro e da pintura. Além desses dois convidados, outros nomes nacionais participaram dessa edição, como Cristóvão Tezza, Milton Hatoum, Jose de Nicola, Marina Colasanti, Salgado Maranhão e Pedro Bandeira.

A 9ª edição do SALIPI, realizada em 2011, trouxe o tema *“Leio, logo existo”*, e homenageou o escritor piauiense Raimundo Nonato Monteiro de Santana. Na ocasião, foi comemorado o centenário de nascimento da escritora Dinah Silveira de Queiroz, e homenageado o escritor gaúcho Moacir Scliar (*in memoriam*). As discussões culturais, dessa edição, manifestações artísticas e diversas atividades de interação entre o público e autores atraíram um público estimado de 140 mil pessoas durante o evento. Entre as atividades dessa edição, estavam o Língua Viva - encontro de profissionais das letras, em que se discute os rumos da Língua Portuguesa; o Circo das Letras - voltado ao público infanto-juvenil, cujas atrações primaram pelo aprendizado lúdico da literatura e cultura e o Bate-Papo Literário – atividade dedicada à interação entre público e escritores, durante o lançamento de livros realizado pelos próprios escritores.

A 10ª edição do SALIPI aconteceu em 2012 nos mesmos espaços da edição anterior. Com o tema *“O fim do mundo é não ler”*, fazia alusão à previsão Maia de que o mundo acabaria

no mesmo ano da 10ª edição do salão. O homenageado da edição foi o teatrólogo piauiense Francisco Pereira da Silva. Durante o evento, comemorou-se ainda o centenário de nascimento do cantor Luiz Gonzaga, do dramaturgo Nelson Rodrigues e do escritor Jorge Amado. O evento contou com a participação internacional da escritora angolana Isabel Ferreira, da escritora cubana Roxana Pineda e da escritora portuguesa Ana Luisa Amaral. Os palestrantes nacionais convidados foram, Ignácio de Loyola Brandão, Cristovão Tezza, Bruna Lombardi, José Castello, Sônia Rodrigues, José de Nicola, Marcelino Freire e Sérgio Sant'Anna. Os autores piauienses que prestigiaram a edição foram Adriano Lobão, Antônio Noronha, Bárbara Olímpio, Cineas Santos, Graça Targino, Paulo José Cunha, Arimatã Martins.

A 11ª edição, realizada em 2013, homenageou o escritor piauiense Manoel Paulo Nunes, membro da Academia Piauiense de Letras, presidente do Conselho Municipal de Cultura na época e o primeiro nome do modernismo no Piauí. Foi a última edição do SALIPI realizada no centro da capital piauiense, Teresina. Segundo a organização do evento, a Praça Pedro II, local que sediava o evento, apresentava vários problemas, dentre eles a falta de segurança, problemas com a chuva, bem como a presença de um público numeroso. As edições vindouras passariam a contar com um novo endereço. Mais um ciclo na existência do SALIPI se encerra e outro se inicia.

Com um novo endereço, no ano de 2014, realizou-se a 12ª edição do Salão do Livro do Piauí. O novo espaço corresponde ao espaço Rosa dos Ventos, localizado dentro do *campus* Petrônio Portella da Universidade Federal do Piauí. Nessa o novo endereço apresentava um espaço mais amplo, bem como mais segurança para quem participasse do evento. A edição trouxe como tema “*Quem não lê não vê*”. Na oportunidade, homenageou-se José Gomes Campos, dramaturgo e filósofo, considerado o pai do teatro moderno no Piauí. Durante o evento, aconteceram outras homenagens, a saber: Jorge Amado, Luiz Gonzaga e Nelson Rodrigues. Lembrou-se ainda o centenário de morte do poeta brasileiro, Augusto do Anjos. Ainda na cerimônia de lançamento da 12ª edição do SALIPI, prestou-se homenagens a dois nomes ligados ao meio cultural piauiense, falecidos pouco antes da primeira edição do SALIPI na UFPI: o publicitário Marcus Peixoto e o professor de balé Helly Batista. Dessa vez, as participações internacionais foram os escritores Alexis Levitin (EUA), Sheryl Saint Germain (EUA). As atrações nacionais foram Fabrício Carpinejar (RS), Laurentino Gomes (PR).

A 13ª edição do SALIPI aconteceu em 2015, no mesmo espaço da edição anterior. O evento trouxe como tema “*A leitura nutre a inteligência*” (Seneca). O homenageado foi o religioso campo-maiorense Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, conhecido como Monsenhor Chaves. O clérigo era de grande influência no Piauí. Ainda nessa edição, prestou-se homenagem

ao escritor José Jacinto Pereira Veiga, um dos mais importantes romancistas e contistas brasileiros da ficção contemporânea, falecido em 1999, e ao poeta piauiense Hardi Filho, falecido no mesmo ano da 13ª edição do evento. Como participação internacional, a 13ª edição contou com a participação de Síría Emerenciana Nepomuceno Borges, do Centro de Estudos Superiores de Mação - ITM, Portugal. Como participantes nacionais estavam o Professor Clodo Ferreira, da UnB, a escritora carioca Thalita Rebouças, dentre outros nomes. Professores da Universidade Estadual do Piauí e da Universidade Federal do Piauí participaram de mesas-redondas e bate-papos.

A 14ª aconteceu no ano de 2016, tendo como tema “*Onde estou as palavras me acham*”, frase do escritor Manoel de Barros, um dos homenageados dessa edição, sendo o outro homenageado o escritor Virgílio Ferreira. O evento teve como patrono o escritor piauiense Álvaro Pacheco. O cantor Tico Santa Cruz foi a atração da edição, participando do Língua Viva. Outros nomes locais também contribuíram com as discussões que aconteceram durante o SALIPI de 2016.

Em 2017, realizou-se a 15ª edição do SALIPI, cujo tema foi “*Quem gosta de ler não morre só*” (Ariano Suassuna). Essa edição teve como patrono o historiador Odilon Nunes. Centenários marcantes foram lembrados e comemorados na 15ª edição, a saber: o da exposição revolucionária de Anita Malfatti, o da Academia Piauiense de Letras, e o da primeira edição da obra *Zodíaco*, do poeta Da Costa e Silva. Nessa edição, a EDUFPI, editora da Universidade Federal do Piauí, lançou mais de 40 títulos. Nomes nacionais como Jim Anotsu, Bruna Miranda, Samir Machado, Yuri Al’Hanati, dentre outros contribuíram com as discussões da 15ª edição. Thalita Rebouças também brilhou nessa edição.

Na 16ª edição do SALIPI, realizada em 2018, trouxe como tema “*Uma casa sem livros é um corpo sem alma*”. O evento contou como patrono o escritor piauiense Arimatéia Tito filho, conhecido como A. Tito Filho. Durante o evento, mencionou-se o centenário do nascimento do crítico literário Antonio Candido e de morte do poeta popular Leandro Gomes de Barros e de Olavo Bilac. Márcia Tiburi, Bráulio Bessa e Germano Dutra foram nomes nacionais que participaram do evento nos bate-papos. Nessa edição, a escritora e filósofa Márcia Tiburi lançou o livro *Feminismo em Ação*, proferindo uma palestra discutindo a mesma temática de seu livro. Roseana Murray e William Amorim fomentaram uma discussão sobre o tema *Exclusão, memória e inclusão*. O cineasta Germano Dutra, de Santa Catarina, proferiu uma palestra voltada para o público surdo, tendo como tema *Uma ideia na mão, uma câmera no olho, todos produzindo seus filmes*.

A 17ª edição foi realizada no ano de 2019, tendo como tema “*A leitura engrandece a alma*”. Nesse ano, o SALIPI homenageou a professora, poeta, historiadora, escritora e artista plástica piauiense Cecília Mendes. Foram lembrados ainda o centenário das obras: *Pandora* (1919), de Da Costa e Silva; *Cidades Mortas* (1919), de Monteiro Lobato e *Carnaval* (1919), de Manuel Bandeira. Dentre os palestrantes convidados para participarem dos seminários e bate-papos, filósofos e escritores como Djamilia Ribeiro, Paula Pimenta, Joice Berth, Marçal Aquino, Xico Sá e Chico José, dentre outros. Além da Feira de Livros, Bate-papo Literário, apresentações artísticas e culturais, dentre as novidades, destacou-se o Salipinho, espaço com atividades voltadas para o público infantil com contação de histórias, cineminhas, leituras, peças teatrais e muito mais. Na abertura da 17ª edição, foi lançado o I Concurso Literário em parceria com a EDUFPI, tendo como objetivo acolher textos inéditos de autores piauienses. A modalidade da edição foi o conto, e o vencedor do concurso ganhou a edição de sua obra pela Editora da Universidade Federal do Piauí. Atração cultural de encerramento da 17ª do SALIPI ficou por conta do cantor, violinista e compositor brasileiro, Geraldo Azevedo.

Após três edições realizadas no campus da UFPI, e adaptado ao novo espaço desde 2014, a organização do SALIPI enfrentou em 2020 contratempos jamais imaginados: a calamidade global na área da saúde com o surgimento da Pandemia Covid-19, que ceifou milhões de vidas humanas em todo o planeta. Em meio a um cenário que causou perplexidade, restringiu e imobilizou a muitos e a área de eventos mais severamente. Assim, em 2020 não houve a realização do Salão do Livro do Piauí em formato presencial. O grande desafio, porém, em 2021, foi programar duas edições em uma só. Com muita dedicação, realizou-se, uma grande festa: a 18ª e a 19ª edição do SALIPI, que ocorreram dos dias 13 a 19 de dezembro de 2021. O tema foi: “*Onde houver trevas, que eu leve livros*” (*Cineas Santos*), título alusivo ao momento sombrio e de perdas humanas por qual a humanidade estava passando. Na edição, homenageou-se a poetisa e professora Graça Vilhena, bem como o cantor e compositor Climério Ferreira. Entre os convidados, contou-se com a presença do escritor gaúcho, Fabrício Carpinejar, que apresentou a palestra “*Acreditar é Atrair: o que você precisa ter em mente para não sobrecarregar o coração*”. A programação do SALIPI edição 2021 contou com palestras, bate-papo literário, lançamento de livros, feiras e apresentações artísticas, como o músico maranhense Zeca Baleiro.

Com uma programação no formato híbrido, recheado de *talk show*, palestras, o Salão do Livro do Piauí contou com uma estrutura menor, de apenas 10% do número de estandes dos anos anteriores, o SALIPI retomou suas atividades transmitindo suas atrações por meio da plataforma da UFPI-TV e Fundação Quixote.

No primeiro dia do salão, após o encerramento da solenidade de abertura, dois piauienses lançaram seus livros: *Os segredos do sucesso de pessoas bem-sucedidas*, da escritora Dina Magalhães, e *Os gatos quando os dias passam*, de Thiago E. A atração musical de encerramento ficou por conta do cantor, violinista e compositor brasileiro, Geraldo Azevedo. A 20ª edição do SALIPI, realizada no campus da UFPI, contou com espaços já consagrados como o Seminário Língua Viva, Bate-Papo Literário, Estação Letras e Expressões, Arena Salipinho, Palco Marcus Peixoto, Palco de Dança Hely Batista, Espaço Liz Medeiros, Praça Assis Brasil, Espaço de Alimentação, Feira de Livros, Espaço Sebrae, Espaço TRT e Espaço APL.

Agregou-se ainda à 20ª edição do SALIPI novidades como a Arena Cordel, o curso de escrita literária. O evento aconteceu em formato híbrido, lançando uma edição comemorativa de vinte anos de existência do Salão do Livro do Piauí. O evento aconteceu no período de 03 a 12 de junho de 2022, e teve como tema: *“Ler é descobrir o mundo com palavras”* (Cineas Santos). Homenageou-se como patrono um dos seus fundadores, cuja escolha foi resultado de consulta pública, e o nome mais citado foi o do poeta, cronista, professor e escritor Cineas das Chagas Santos, mais conhecido como Cineas Santos, o mentor do Seminário Língua Viva. Comemorou-se ainda o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 e de nascimento de José Saramago e Lima Barreto. Outra personalidade da literatura brasileira homenageada na 20ª edição do SALIPI foi o escritor piauiense Assis Brasil.

A imagem a seguir ilustra uma das palestras proferidas na 20ª Edição do SALIPI, em homenagem a um dos mentores do evento, o poeta e professor Cineas Santos.

Figura 12 – Homenagem ao poeta Cineas Santos na 20ª Edição do SALIPI



Fonte: Acervo do pesquisador

Para a realização dessa edição, contou-se mais uma vez com a presença de convidados, grandes nomes do mundo das letras, tanto nacionais como internacionais. Estiveram presentes Mia Couto, que retornou e ministrou a palestra *“O mapeador de ausências”* e José Eduardo Agualusa, com a palestra *“A língua portuguesa no mundo, e as literaturas lusófonas”*, autores nacionais como José De Nicola (SP), Lucas De Nicola (SP) que também retornam pela terceira

vez. A palestra marcou a abertura do 25º Seminário Língua Viva, com o tema “*Modernismo, identidade nacional e centenários*”, como se pode observar na imagem abaixo:

Figura 13 – Palestra de José de Nicola e Lucas de Nicola no 25º Seminário Língua Viva



Fonte: Google imagens

O tema apresenta um momento posterior a Semana de Arte Moderna. Para Lucas De Nicola:

Discutimos uma questão que correu até a Semana de Arte Moderna, um pouco meio pelo subterrâneo, mas que aflora a partir de uma identidade nacional ou a tentativa de construir uma identidade nacional”, “Uma questão que norteou o trabalho que apresentamos hoje é que a Semana de Arte Moderna aconteceu em 22, exatamente no ano em que estava sendo celebrado o centenário da independência do Brasil e como estamos nos aproximando do bicentenário da independência, trouxemos esse tema do centenário justamente para pensarmos esse momento que vivemos no nosso país.¹⁴

Tema bastante oportuno não só por conta dos cem anos da Semana de Arte Moderna, vinte anos de criação do SALIPI, ou, pelo fato dos 200 anos da Independência do Brasil, mas, sobretudo, pensando o momento que vive o Brasil, a aurora dos duzentos anos de independência, refletindo ainda sobre aspectos políticos e históricos do Brasil atual. Temas confluentes estiveram conectados durante toda a realização do evento, despertando no público o interesse e a curiosidade para cada atração apresentada na 20ª edição do SALIPI.

Dentre outros autores nacionais convidados, Lília Schwarcz (SP), palestrou *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*”, como se pode observar na imagem abaixo:

Figura 14 – Palestra de Lília Schwarcz na 20ª Edição de SALIPI



Fonte: Acervo do pesquisador

¹⁴ Texto retirado do site oficial do SALIPI.

Dentre outras atrações, o escritor e jornalista Ignácio de Loyola Brandão (SP), por sua vez, ministrou a palestra: *O Brasil desconhecido que reage e resiste e a cultura não se deixa vencer*. Durante sua fala, Lília Shwarcz analisou o contexto político correspondente ao governo de do ex-presidente Jair Bolsonaro, de modo que a professora fez conexões entre pontos sociais e históricos.

Dos vários lançamentos no Bate Papo Literário, lista-se alguns autores piauienses que participaram da edição comemorativa de 20 anos do SALIPI. *Livro juvenil: estética, crítica e experiência literária* e *Livro infantil: arte, mercado e ensino* – ambos organizados por Maria do Socorro Rios Magalhães e Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha, *Mulheres antes da hora* - 2ª Edição – por Fenelon Rocha, *Francisca Trindade: o poder e a resistência da mulher negra* – por Assunção Sousa, Conceição Silva, Francisca Nascimento; Halda Regina Silva, Hortência Mendes, Lúcia Araújo, Lucineide Barros, Rosângela Amorim e Sônia Terra, *História e Memória da televisão educativa do Piauí* – de Diego Lopes e *A dança do Lili*, de Joseane Maia.

Figura 15 – Lançamento do livro *A dança do Lili*, de Joseane Maia



Fonte: Acervo do pesquisador.

O SALIPI, além de promover a prática da leitura e a propagação da cultura e identidade do Piauí, contribui ainda para a formação de novos escritores. O evento chegou a lançar aproximadamente 70 obras em algumas edições. Ao longo de sua existência, foram lançados mais de 1050 livros. Logo, percebe-se que o SALIPI é um evento que tem contribuído em grande escala para a cultura piauiense. Em suas 20 edições, o evento demonstrou interesse por um público bem diversificado, por meio de atividades para cada categoria. É o que será discutido no capítulo a seguir.

4 A ORGANIZAÇÃO DO SALIPI

Neste capítulo, tem-se o objetivo de discutir acerca do planejamento, organização e execução do Salão do Livro do Piauí. Para tanto, faz-se necessário conhecer os participantes, os entes de interesse do salão, sejam eles da iniciativa pública ou privada, que estão direta ou indiretamente envolvidos, como patrocinadores, apoiadores, voluntários, editoras, expositores, livreiros, bem como o público consumidor. Seguindo no processo de realização do SALIPI, trata-se do Concurso Jovens escritores, projeto realizado a partir de uma parceria entre a Fundação Quixote, Fundação Octávio Miranda, Sistema O Dia de Comunicação e iniciativas públicas e privadas e tem como público alvo crianças e adolescentes que se interessam pelo mundo da escrita. Em seguida, discute-se sobre o espaço infantojuvenil, sua programação específica de literatura ao vivo e de feição lúdica oferecida a todos os participantes do Espaço Salipinho.

Para escrever sobre o Salão do Livro do Piauí, sua organização e execução, em primeiro lugar, precisa-se compreender de maneira ampla a criação, história e os desdobramentos do salão em seus vinte anos de existência. Exercício que foi realizado ao longo do capítulo 3. Tal esforço equivale analisar, portanto, de que maneira se configura esse evento literário desde 2003 a 2022, da primeira à vigésima edição, levando em consideração sua trajetória.

Não sendo o bastante, para compreender a dimensão do SALIPI, faz-se necessário conhecer o planejamento, os percalços, a infraestrutura, o composto de comunicação, marketing, bem como sua relação com a sociedade piauiense para a sua realização, execução, avaliação, enfim, todo o esforço conjugado de relações com as instituições públicas, privadas e todos os recursos humanos envolvidos na gestão do evento.

Para o trabalho de planejamento e execução do Salão do Livro do Piauí, recorre-se ao olhar de Candido. Para o autor, a obra de arte recebe influências do meio que aparece na obra em diversos graus, uma vez que “a arte produz, sobre os indivíduos, efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais” (CANDIDO, 2006, p 30). Isso decorre da própria natureza da obra e independente da vontade do artista e dos receptores estarem ou não conscientes deste papel da arte na sociedade.

Dessa forma, faz-se necessário boa leitura para enxergar o contexto social em que o SALIPI está inserido, conhecer a subjetividade piauiense, sentir as demandas do evento, os pontos de manifestação de cultura e os aspectos estruturais a que o Salão do Livro do Piauí está inserido. Com isso, amplia-se a compreensão do evento enquanto fenômeno artístico e literário na lembrança e memória dos públicos, auxiliando na formação e construção da identidade sociocultural piauiense. Como alude Gaston Bachelard, “a lembrança pura não tem data. Tem

uma *estação*. É a estação que constitui a marca fundamental das lembranças” (BACHELARD, 2009, p. 111). “Estação” esta, atribuída ao SALIPI que poderá constituir-se em novas lembranças no futuro, arena de memórias que marca a vida dos piauienses, organizadores e frequentadores do Salão do Livro do Piauí.

Com o público cada vez mais crescente, a Fundação Quixote e a Universidade Federal do Piauí, mantenedoras e organizadoras do SALIPI, em um esforço de construção coletiva, primam por manter em cada edição uma programação que contemple nos dez dias do evento todas as linguagens de arte. O evento é organizado em torno de uma programação pensada de forma sistemática, considerando todo o arcabouço de informações que exige para sua realização, uma vez que o SALIPI é arquitetado para interessar todas as idades.

Assim, considera-se a análise de mercado em termos de livros que estão sendo mais divulgados, mais vendidos, autores em maior evidência no momento. Os segmentos de públicos de interesse que oxigenam o evento trazem movimento e vigor ao salão. Há uma preocupação em saber o gosto de leitura da comunidade. Para tanto, realizam-se consultas e análises para conhecer o que mais o público gostaria de ver. Os resultados dessas pesquisas influenciarão consideravelmente no planejamento da programação de cada edição do salão. As pesquisas são um norte para que a organização saiba quais os percursos a serem seguidos para seleção das temáticas de cada atividade do Salão do Livro do Piauí.

Conclamar à efetiva participação da sociedade, popularizar e fazer circular o livro, é quase uma obrigação dos organizadores. É um momento oportuno para se conhecer as novas obras lançadas e nomes da produção literária nacional e internacional. Participação que vem sendo conquistada ano após ano. Todos podem fruir das palestras, bate-papo-literário, exposições, exposições, concursos, apresentações artísticas, enfim, de todo clima e ambientação detalhadamente preparada para a festa literária.

O SALIPI é pensado não apenas para a comunidade acadêmica, por mais que seja realizado dentro da Universidade Federal do Piauí, mas para todo o público piauiense. Há uma preocupação em receber crianças, jovens, velhos, leitores assíduos, leitores, aqueles que não gostam de ler. É dentro do Salão do Livro do Piauí que o mundo da leitura ganha forma, transcendendo as páginas dos livros para o palco. É o que será discutido a seguir.

4.1. SALIPI: públicos de interesse

Inicialmente, é preciso definir um conceito de evento e, a partir de então, conceitos de públicos e segmentos de públicos. Os eventos se caracterizam como uma atividade dinâmica,

planejada e executada por uma ampla gama de profissionais e estudado por várias áreas. De acordo com Zanella (2003), “evento é uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em data e local especial, com objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos, e estabelecer contatos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica, etc.”. A junção de interesse e interessado permeiam uma atividade tida como um “evento”. O público consome, no sentido mais amplo da palavra, o que lhe é oferecido durante a programação.

Segundo Tenan (2002, p. 14), um evento pode ser compreendido como um “acontecimento especial, antecipadamente planejado e organizado, que reúne pessoas ligadas a interesses comuns. Eventos têm nome, local determinado e espaço de tempo predefinido”. Para se compreender a dimensão de um evento, faz-se necessário ter ciência de toda a sua estrutura, a começar pelo seu planejamento, bem como os sujeitos envolvidos. O que vai formar o público de um evento, são os interesses que os aproximam. Aqui, interesse se mostra em hemisférios diferentes, a saber: interesse da organização, interesse dos apoiadores e interesse do público. Em alguns casos, os interesses se coadunam, dependendo da proposta do evento.

O SALIPI, pelo seu porte e magnitude tem uma frequência de aproximadamente um quarto da população de Teresina, ou seja, cerca de 180 mil pessoas, o que é uma percentagem por demais relevante, e mesmo levando em consideração que o Salão atrai pessoas de cidades vizinhas, de outros Estados e países, este número ainda é bastante expressivo, o que demonstra a importância da realização do evento, tanto para o público visitante, quanto para os expositores. O salão ainda se faz de interesse para o poder público local, uma vez que a arrecadação de impostos se eleva durante a permanência do Salão.

O SALIPI é um evento do tipo cultural e busca ressaltar os aspectos da cultura nacional, regional, sobretudo local, para conhecimento geral ou promocional. O Salão do Livro do Piauí é caracterizado como megaevento por apresentar um número de visitantes de aproximadamente 180 mil por edição. Tal feito impacta aspectos tais como cultural, histórico, social, político e econômico do estado do Piauí. A esse respeito, o presidente da Fundação Quixote resalta:

O evento gera uma receita muito grande para o estado do Piauí e para Teresina em especial no setor hoteleiro, na questão do ISS, do ICMS, porque tudo gera receita porque eu contrato serviços e esses serviços tiram notas e as notas retornam. E o que se observa é que, o que o governo do estado dá e o município de Teresina aportam como financeiro para o SALIPI retorna em serviços através do ISS e ICMS e de outras receitas que são geradas pelo evento, sem contar que nós geramos ali em 10 dias algo em torno de 2 milhões de reais em movimentação do mercado livreiro; isso

corresponde ali, em dez dias cerca de algo em média de 40 a 50% do que uma livraria arrecadaria particularmente, durante um semestre.¹⁵

A contribuição do Salão do Livro do Piauí para a sociedade piauiense vai muito além do sentido considerado primeiro: conhecimento, desenvolvimento intelectual e sociocultural do povo piauiense por meio da literatura. O SALIPI, segundo o presidente da Fundação Quixote, movimenta a cadeia produtiva e de serviços essenciais de outros setores da sociedade que também são alcançados para dar suporte necessário à realização durante os dez dias do evento, introduzindo divisas econômicas financeiras para além do Piauí, dado o número significativo de pessoas que acorrem ao salão, vindos de diversos lugares diferentes.

Dos públicos de uma instituição e a determinação desses, geralmente são constituídos de grupos de interesse, de pessoas interessadas e de espectadores. Segundo França (2003), público é todo grupo que influencia ou é influenciado pela instituição, em algum grau, direta ou indiretamente. Nesse sentido,

Não se pode conceituar público como apenas um agrupamento de pessoas, mas é preciso especificidade ao determinar os níveis de interesse de cada um, nas suas relações com a instituição,” [...] “cada instituição tem seus públicos específicos que devem ser pensados particularmente, quando da realização do seu planejamento de comunicação. (FRANÇA, 2003, p.17)

Para facilitar o reconhecimento dos públicos, o SALIPI classificou e sistematizou os públicos principais e prioritários para as ações empreendidas, considerando os motivos institucionais desses relacionamentos. O presidente da Fundação Quixote, em entrevista para este estudo, assegura que o princípio destes relacionamentos se dá pensando no coletivo, a partir de uma escuta ativa, sobre o que cada público deseja. A esse respeito, o presidente afirma:

Se a pauta é sobre povos indígenas, traz-se Eliane Potiguara. Se a pauta contempla a temática LGBTQIA+, traz-se Rita Ravonte para falar. Quando o tema é trabalhar sobre a mulher, trouxemos Djamile Ribeiro. Vai-se falar sobre o Negro, ouviu-se Demetrio Galvão, que citou o nome de Ricardo Alejo para falar sobre a produção do negro. A pluralidade no SALIPI se dá pelo compromisso em ouvir, a construção do SALIPI é coletiva, no esforço maior para trazer convidados que todos gostariam de ver no evento. Todo ano a gente faz uma pesquisa por amostragem que é feita ali durante o SALIPI, tanto com os livreiros quanto com os que participam do evento. [...] a gente não podia contratar uma empresa, a gente contratou uma menina a Leide Kelly, uma menina que trabalhava com gente que sabia fazer as amostras direitinho, a estatística. Ela fazia essa pesquisa com uma equipe que ela colocava e ia fazendo pesquisas diretamente com as pessoas.¹⁶

Cada vez mais é preciso que a comunicação e a interação com os públicos sejam direcionadas e específicas, deixando clara a importância da relação, de modo a motivar e influenciar esses segmentos públicos no seu contexto ambiental, atendendo seus objetivos e

¹⁵ Entrevista realizada com Kassio Gomes para esta pesquisa.

¹⁶ IDEM.

expectativas. Para conhecer o quanto e em que grau esses determinados públicos contribuem para a constituição da organização e sua viabilização, França (2003) apresenta alguns critérios de relacionamento, por grau de dependência, como os colaboradores, clientes, acionistas, públicos essenciais; grau de participação, maior ou menor, públicos não essenciais; e os de redes de interferências. Segmentos de públicos buscados pelo SALIPI, e com especial atenção, tem-se o público infantojuvenil, por ser uma espécie de “público prioritário” em cada edição realizada.

Aguiar (1996) apoia o esforço em conhecer e confirmar o público leitor, o terceiro elemento da tríade que dá sentido e realidade à obra, visto que, como segmento da literatura, a Sociologia da Leitura

[...] tem como objetivo estudar o público como elemento atuante do processo literário, considerando que suas mudanças em relação às obras alteram o curso da produção das mesmas. Nesse sentido, pesquisam-se as preferências do público, levando em conta os diversos segmentos sociais que interferem na formação do gosto e servem de mediadores de leitura, bem como as condições específicas dos consumidores segundo seu lugar social, cultural, etário, sexual, profissional etc. (AGUIAR, 1996, p. 23)

Considerando o planejamento e organização do SALIPI, percebe-se, assim, tanto em França (2003) quanto em Aguiar (1996) que a classificação proposta dos públicos permite que o evento construa relacionamentos estratégicos e esclareça a razão de ser da relação e o que se pretende alcançar com ele. O foco é o tipo da relação e o seu objetivo.

O SALIPI, enquanto fenômeno lítero-cultural, possui uma diversidade de públicos de interesse que acorrem a cada edição prestigiando o salão com sua presença. Tal público, em articulação com os demais elementos que integram o espaço de funcionamento do evento, o faz acontecer. Diz-se, do público/leitor, que na extensão desse estudo tem papel igualmente ativo no processo de conhecimento, história e desdobramentos do SALIPI.

Elenca-se aqui parceiros, entes públicos e privados, apoiadores e patrocinadores imprescindíveis para a realização do Salão do Livro do Piauí, a saber: Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Tribunal Regional do Trabalho (TRT-22), Ordem dos Advogados do Brasil-PI (OAB), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Governo do Estado do Piauí, por meio das Secretarias de Estado de Cultura (SECULT), Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), Coordenação de Comunicação Social (CCOM), Prefeitura Municipal de Teresina, por meio da Secretaria Municipal de Comunicação Social (SEMCOM), Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), Sistema de Incentivo à Cultura do Piauí (SIEC), Câmara Brasileira do Livro (CBL), Academia Piauiense de Letras (APL), Salão de Letras da Mulher (SALEM), Feira de Livro da Diversidade (FLID), Colégio CEV, com o projeto imersão ENEM, Jornal O DIA, com o projeto Jovens

Escritores, Federação Espírita do Piauí, Agência de publicidade CJflash, responsável pela comunicação visual do evento, dentre outros.

Atrair os públicos de interesse e a população interessada à efetiva participação no SALIPI, bem como popularizar e fazer circular o livro é quase uma obrigação dos organizadores. É um momento oportuno para se conhecer as novas obras lançadas e nomes da produção literária nacional e internacional.

Firmadas as parcerias públicas e privadas, buscam-se os convidados, agentes alvos do SALIPI, como os livreiros, as editoras, os voluntários, os artistas, os escritores locais, nacionais e internacionais, imprensa, blogueiros, professores e alunos de escolas municipais, estaduais e particulares. Há, porém, um trabalho que a priori precisa ser realizado. Na taxionomia dos públicos para a execução do Salão, têm-se aqueles que, por motivos particulares e interesses profissionais, buscam o evento, como a imprensa, os blogueiros, livreiros, as editoras, e os que são buscados, selecionados pela organização do SALIPI como as escolas, os trabalhadores voluntários - agentes que fazem a roda do evento girar. Os livreiros, como explica a professora Edilva Barbosa, uma das coordenadoras do SALIPI, “É uma parte importante do evento porque os livreiros esperam para fazer negócios durante o SALIPI, e para o público também, que busca livros mais baratos durante o salão, já que sempre existem descontos e em contato com livros”¹⁷. A 20ª edição do SALIPI, realizada em 2022, contou com 70 estandes que dispuseram de livros dos mais variados temas, como ilustra a imagem a seguir.

Figura 16 – Estandes de Livros



Fonte: Portal O Dia

Disponível em: <https://portalodia.com/noticias/piaui/salao-do-livro-do-piaui-inicia-suas-atividades-nesta-sexta-feira-03-392662.html>

Agentes igualmente importante no evento, como dito acima, são as editoras e livreiros, que em um trabalho conjunto disponibilizam ao público os últimos lançamentos do mercado

¹⁷ Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/359198/salipi-inicia-hoje-com-livro-sobre-felinos-e-show-da-banda-validate-confira-programacao>

editorial piauiense, brasileiro e internacional. Os Livreiros cadastrados que acompanham o SALIPI trazem lançamentos com variados temas, além de artesanato, itens de papelaria dentre outros. Enfim, o Salão do Livro do Piauí aproxima o escritor do público ao tempo que contribui com a cultura livresca estimulando o hábito e a prática da leitura.

Para a professora Jasmine Malta, “os escritores gostam de estar ali no meio das crianças, então ele não vem só para o bate papo com o adulto, ele quer mostrar o livro dele pra criança, ele quer conversar, ele quer mostrar o trabalho”.¹⁸ O Salão do Livro do Piauí é permeado por um espaço onde escritor, livro e leitor se cruzam criando um ambiente confluyente de intelectualidade e cultura, como se pode observar na imagem a seguir, o escritor piauiense Assis Brasil autografando livro para seus leitores na 13ª edição do SALIPI em 2015.

Figura 17 – Escritor Assis Brasil no SALIPI



Fonte: Portal Acesse Piauí

Disponível em: <https://www.acessepiaui.com.br/noticia/7006/Leitores-tem-contato-direto-com-o-escritor-Assis-Brasil-no-Salapie-8207->

A arquitetura dinâmica, orgânica e envolvente do Salão do Livro do Piauí chama atenção dos participantes do evento. O SALIPI oportuniza visibilidade a todos. A própria Universidade Federal do Piauí (UFPI) ganha, ao promover a interação com a comunidade externa, ao abrir suas portas para a visitação da comunidade que pode conhecer a estrutura cedida (Espaço Rosa dos Ventos) onde ocorre por dez dias, a festa do livro. A EDUFPI, editora da UFPI, realiza lançamentos em todas as edições. A editora chegou a lançar algumas obras de autores piauienses que já foram patronos de edições do salão. Outra atividade do SALIPI que a EDUFPI participa é do projeto Jovens Escritores, que envolve jovens e adolescente no mundo não só da leitura, mas também da escrita. É sobre isso que o próximo subcapítulo discutirá.

¹⁸ Entrevista realizada com Jasmini Malta para esta pesquisa.

4.2 Jovens Escritores: novos escritores piauienses

Vigotski, a partir dos seus estudos, estabelece uma teoria de cunho psicológica pautada na concepção de aspecto marxista do homem enquanto sujeito. Para o citado estudioso, as mudanças históricas na vida material, perpassando a sociedade, bem como a cultura, produzem em momentos diversas mudanças tanto na consciência como no comportamento do indivíduo. Considerando-os como sujeitos sociais e elucidando a importância da sua história e da história dos grupos e classes aos quais estão inseridos, Vigotski ressaltou a linguagem em sua função mediadora e reguladora. Até então, estudos psicológicos sobre a linguagem apontavam para uma perspectiva centrada na cognição, na afetividade, na percepção e nos mecanismos psicofisiológicos.

Foi a partir da concepção de Vigotski que a linguagem foi colocada em um novo patamar, envolvendo em suas análises todos esses aspectos, de modo que a relação entre eles era também foco de análise, o que levou a linguagem a receber uma nova compreensão, sendo ela considerada uma produção cultural, artística e simbólica inerente a um sujeito histórico capaz de criar sentidos.

Para Kramer (1993), o desafio de Vigotski ao tentar compreender a linguagem como uma produção cultural e histórica remonta uma típica oposição oriunda do duelo antagônico entre sentimento e razão, entre intelecto e afetividade. Segundo Kramer (1993, p. 9), a linguagem deve ser compreendida como um “instrumento maior da atividade humana, ela permite não só o contato com o mundo exterior, mas também o contato ‘consigo mesmo’, exercendo uma função crucial no processo de formação da consciência.” Logo, compreende-se que a linguagem estabelece estruturalmente a consciência, com fins na organização da ação humana sobre a sociedade.

O indivíduo, aqui compreendido a partir da concepção de individualismo mesmo, em seu estado solitário e uno está isolado de toda e qualquer relação de troca de experiência. No entanto, é quase impossível que o ser humano viva na categoria de indivíduo, uma vez que ele está inserido na sociedade. Esse ambiente é dividido em subgrupos que o ser humano perpassa em vários momentos de sua vida. A cada grupo social que ele interage, a troca de experiência acontece. Há uma troca simultânea de conhecimento que vai desenvolver um certo grau de influência de um sobre o outro.

É assim que o indivíduo assume o papel de sujeito dentro da sociedade na qual está inserido. O sujeito, quando ainda criança, desenvolve a capacidade de se comunicar com o outro por meio da linguagem. Com o passar do tempo, com a aquisição das competências e habilidades da escrita, o sujeito infantil já detém a capacidade de organizar suas ideias na forma de texto

escrito. Posteriormente, ele compreende que é possível expor seus anseios por meio da escrita, de forma que seu pensamento saia do mundo da utopia para o papel. É assim que começa a relação da criança para com a sociedade na qual ela está inserida a partir da utilização da linguagem que está a sua disposição.

Crianças e adolescentes são detentores da capacidade de escrever, e por meio da criatividade, faz-se possível o exercício da escrita. É aí que surge o imaginário dentro dos textos. A criação aqui discutida, no entanto, não se reporta unicamente à escrita enquanto arte literária, uma vez que se faz necessário ampliar os conceitos de criação para que se possa envolver ao máximo a atividade criativa, que por sua vez, pode ser possível, e de fato é, à criança e ao adolescente, possibilitando-os narrar suas vivências pessoais, por exemplo. Assim, pode-se compreender a criatividade relacionada ao processo do pensamento produtivo, que se bem trabalhado, desenvolverá o senso crítico por meio da escrita.

A criatividade, em suas mais diversas formas de manifestação, faz parte da realidade de crianças e adolescentes. Se essa competência for bem aproveitada por parte da escola como parte do processo de solução dos problemas cotidianos, essas crianças e adolescentes desenvolverão a capacidade de sujeitos ativos na sociedade nas quais eles estão inseridos. Na perspectiva do que está se discutindo aqui, a criação artística perpassa também a arte literária. No entanto, isso não significa que a criança e/ou o adolescente deva, necessariamente, desenvolver a competência da arte literária, mas, de fato, que ele seja capaz de produzir um texto de forma criativa.

A escrita criativa, pode ser compreendida como aquilo que Luria (2002) denominou como pensamento produtivo, uma vez que o elemento artístico, bem como o gosto pela arte concerne a possibilidade que o sujeito tem ao seu dispor para trabalhar os seus sentidos e emoções. Sob esse olhar, quando se fala da educação artística dentro do processo de ensino da escrita, o SALIPI ganha destaque, uma vez que as manifestações artísticas ao longo do evento acontecem das mais variadas formas. Contudo, tudo gira em torno do universo da leitura. O livro é o centro das discussões que permeiam o Salão do Livro do Piauí.

Ao ensinar a Língua Portuguesa, bem como a arte, faz-se necessário despertar o aluno, por meio do estímulo, para a escrita. Assim, surge o campo da literatura, do ensino da gramática com base em textos, buscando o despertar do gosto pela poesia, pela linguagem lírica, pela ficção de forma geral, de modo que ele veja como é possível criar outras realidades a partir da prática da escrita. Mas para tanto, é preciso que se oportunize o contato do aluno com as letras, que ele tenha contato com as diversas modalidades de textos literários, bem como crônicas, poemas, romances, novelas, dentre outros.

O espaço da língua por meio da atividade artística precisa ser de acesso a todos os alunos a partir da infância, perpassando todas as faixas etárias. Para Teplov (1991, p. 138), “orientar as crianças para o trabalho criativo, favorece o desenvolvimento artístico geral e corresponde plenamente às capacidades e às possibilidades da criança, que lhe são, pode-se dizer, quase natural”. No entanto, o principal problema da educação artística, é que essa atividade não deve estar apenas entre os muros de ambientes escolares.

No caso da arte torna-se insuficiente uma motivação puramente escolar. É impossível compor, recitar ou pintar, limitando-se a empenhar-se na atividade exigida; parte do esforço artístico da criança tem que se encaminhar para criar um produto que tenha um efeito e que, simultaneamente, interesse a alguém, e isso implica uma certa consciência do seu potencial valor social. Se faltar este progresso do trabalho da criança, dar-se-á apenas o desenvolvimento de algumas capacidades formais. (TEPLOV, 1991, p. 142).

Assim, pode-se compreender o ensino, bem como a prática da escrita não deve ficar como obrigação apenas da escola. É preciso que o exercício da escrita faça parte da realidade da criança e do adolescente nos seus mais diversos momentos de sua vida. A produção textual deve e precisa, de fato, ser desmistificada como algo enfadonho e sem finalidade sociocultural.

Kramer (1993, p. 123), sobre a prática do ensino da escrita, seja ela em qual campo do conhecimento, faz a seguinte reflexão: “[...] parece-me talvez chegada a hora (não creio ser tarde demais), de nós, professores e pedagogos, linguistas e gramáticos – fazedores da e crentes dela como arma – ouvirmos os escritores, os poetas – fazedores da e feitos na linguagem dos sonhos”. Esses escritores devem ser despertados ainda em seu estado inerte no que tange ao mundo da criação artística. Esses escritores, em muitos casos, correspondem ao público infantojuvenil.

A citada autora ainda continua sua reflexão ao apontar os seguintes questionamentos direcionados aos educadores:

Refletindo sobre a aventura da leitura e da escrita, faço e refaço as mesmas indagações: “Que tipo de relação nós temos com a língua enquanto seres humanos que somos? Como aproveitar dos poetas e escritores em geral a lição de viver e falar também de sonhos como de uma busca incessante de sentido? Quando iremos perceber que – sem o sonho – agimos com as crianças e com os adultos que têm na escola a sua única chance de convívio com os livros, como se tivéssemos um canivete nas mãos?” (KRAMER, 2001, p. 111).

Pode-se considerar que é aí que surge como um bom recurso didático o uso das obras literárias, da poesia, da escrita que é arte, com vistas a despertar nas crianças e adolescentes o desejo pela escrita. Essa obrigação, como já mencionado antes, não deve ser de responsabilidade apenas da escola. Ela precisa ir para além, uma vez que os fatos sociais acontecem, na maioria das vezes, fora dos ambientes escolares. É sobre essa perspectiva e seguindo essa linha de raciocínio que o SALIPI, a partir de sua 3ª edição realizada em 2005, projetou o concurso

literário Jovens Escritores e que se cristalizou em sua programação perpassando todas as edições posteriores até a última realizada em 2022.

O Concurso Jovens escritores é um projeto realizado a partir de uma parceria entre a Fundação Quixote, Fundação Octávio Miranda, o Sistema O Dia de Comunicação e iniciativas públicas e privadas. O projeto tem como público alvo crianças e adolescentes que se interessam pelo mundo da escrita. A atividade tem como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento da escrita, bem como cultivar a prática da leitura, de modo a promover como produto final boas produções textuais das crianças e jovens de escolas públicas e privadas. Para participar, os candidatos devem estar cursando o ensino fundamental ou médio. As inscrições são gratuitas.

A iniciativa pensada pela Fundação Quixote como parte da programação do SALIPI tem por fim incentivar o surgimento de novos escritores. Esse tipo de trabalho envolve ainda a valorização do trabalho docente com as premiações. Para a fase final do concurso, são selecionados como finalistas 12 candidatos. Para cada nível escolar, são apontadas as categorias 1º, 2º e 3º lugar. As escolas que tiverem um candidato, cuja produção for premiada em 1º lugar, recebe uma placa de menção honrosa. Esse reconhecimento também reflete a participação docente durante as aulas de produção textual. O professor orientador que tiver um aluno premiado também é contemplado com uma premiação. Dessa forma, pode-se dizer que o trabalho é realizado de forma conjunta entre os pares envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A premiação acontece dentro da programação do Salão do Livro do Piauí. As produções premiadas são publicadas pelo Jornal O Dia. Assim, os textos ganham circularidade na sociedade, revelando novos talentos no mundo da escrita. Logo, vê-se que a leitura não está desassociada da escrita na perspectiva desenvolvida pela organização do SALIPI. Dois mundos complementares, leitura e escrita, estão entrelaçados ao longo de dez dias de programação, que não se encerra no último dia do evento, uma vez que a iniciativa reverbera positivamente no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

O projeto Jovens Escritores pode ser compreendido como uma iniciativa que impacta a educação piauiense. A partir de suas produções, as crianças e adolescentes falam sobre temas variados, discorrendo sobre assuntos relevantes, mostrando como eles podem interagir com a sociedade a partir da escrita. A notícia a seguir mostra o impacto do projeto para a sociedade, bem como para a educação:

Mais uma conquista para a Rede Municipal de Educação de Teresina. A aluna Paula Cristina dos Santos Vieira, do 8º ano da Escola Municipal Júlio Lopes Lima, conquistou o 2º lugar na categoria Fundamental Maior (6º ao 9º ano) no 15º Concurso

Jovens Escritores. O evento é uma realização da Fundação Octávio Miranda em parceria com a Fundação Quixote e tem como objetivo estimular a escrita e cultivar o hábito da leitura entre crianças e adolescentes.

Paula Cristina concorreu com os melhores alunos da rede particular de Teresina e se sobressaiu com um texto onde enfatiza a força do jovem em ações em prol da coletividade. “Eu citei o protagonismo juvenil e os impactos dele na sociedade, falei sobre a importância dos jovens na política e que eles podem participar de projetos que melhorem a vida em sociedade. O jovem é a nova geração”, afirma.¹⁹

Percebe-se que a adolescente que ficou em 2º lugar da 15ª edição do concurso Jovens Escritores realizado em 2021 revela a importância do projeto ao elucidar que a adolescente é consciente de como ela pode contribuir para a construção de uma sociedade melhor. Paula Cristina, por meio de sua produção textual, revela sua visão de sujeito ativo em meio a uma situação que desponta para uma realidade que ela mesma está inserida. Isso implica dizer que o público infantojuvenil é mais do que capaz de demonstrar sua opinião por meio da linguagem escrita, construindo bons textos. O que se precisa é algo ou alguém que saiba como despertar isso em cada criança/adolescente.

A iniciativa do SALIPI, por meio do projeto Jovens Escritores, oferece a cada ano às crianças e aos jovens a oportunidade de realizarem o sonho de tornar público suas produções textuais. Segundo o presidente da Fundação Quixote, Kassio Gomes:

O SALIPI é, para muitas crianças e jovens, a primeira grande oportunidade de mostrar os seus talentos no mundo da escrita literária. É o ponto de encontro com grandes escritores e com aqueles que estão iniciando a carreira. Esse intercâmbio desperta neles o desejo de escrever, afinal, o SALIPI tornou-se ao longo desses anos uma vitrine do autor piauiense (O DIA, 29/02/2020).

Segundo o presidente da Fundação Quixote, esse tipo de iniciativa é uma ação a mais que contribui de forma positiva para o ensino da prática de leitura e escrita em um contexto que, infelizmente, tais práticas ainda são consideradas mínimas. Assim, o SALIPI é um evento que não pode ser visto como uma atividade desassociada do mundo escolar. Logo, o salão se revela com um grande valor social para o estado do Piauí. Ademais, a realização de eventos literários, sejam quais forem, trazem sempre no seu bojo a urgente necessidade de educar. Como cita Vargas em entrevista para o jornal O Globo em 2015, ela apontou que,

Educar é e sempre será ensinar a ler melhor o mundo em vivemos. Precisamos considerar algumas questões concernentes à necessidade, no país, de mediadas que levem as pessoas a valorizar mais o ato de ler livros a ponto de compra-los, trazendo-os para o cotidiano como informação, formação, lazer. Certamente é na escola que essa valorização se dá. (O Globo, 2015).

¹⁹ Notícia retirada do site da Secretaria Municipal de Educação de Teresina. Disponível em: <https://semec.pmt.pi.gov.br/2022/06/13/aluna-da-rede-municipal-e-uma-das-vencedoras-do-concurso-jovens-escritores/>. Acessado em 24/02/2023.

A citação de Vargas é acolhida e confirmada por Carvalho (2011), ao apontar que a escola é a instituição que, para a maioria da população brasileira se constitui como a única mediadora de leitura que, teoricamente, tem entre suas funções a formação de leitores literários. É nela onde ficamos da infância à juventude mais tempo. É na escola que essa espécie de milagre pode acontecer. É lá, com bons mestres, bons educadores e condições de ensino/aprendizagem dignas que iremos nos tornar leitores para além do ambiente familiar.

Ao longo de duas décadas, o SALIPI tem desempenhado de maneira democrática a valorização de novos escritores infantojuvenis. Assim, a leitura e escrita vêm sendo trabalhadas desde cedo pelo SALIPI, a fim de mostrar para a sociedade os talentos literários que estão ocultos no estado. O público infantojuvenil tem sido o maior foco de interesse do SALIPI, uma vez que o salão tem observado essa faixa etária como um público promissor ao futuro da intelectualidade do estado do Piauí, consequentemente do Brasil. O subcapítulo a seguir, mostrará mais uma iniciativa do Salão do Livro Piauiense para o público infantil.

4.3 O Salipinho e a Programação Infantojuvenil

Nos dez dias de realização do Salão do Livro do Piauí, os segmentos de públicos que acorrem vão da criança à terceira idade, e todos são sempre bem-vindos. Em 2019, ano que aconteceu a 17ª edição do SALIPI, a Fundação Quixote decidiu criar uma programação voltada e arquitetada para o público infantil. Surge então o Salipinho, com a finalidade de inserir o público infantojuvenil no munda da leitura, a partir das mais variadas formas de leituras, bem como diferentes formas de manifestações artísticas. A imagem a seguir ilustra a 1ª edição do Salipinho.

Figura 18 – 1ª Edição do Salipinho (2019)



Fonte: SALIPI

Disponível em: <https://www.salipi.com.br/edicao2019/salipinho/>

O público infantil continua sendo a prioridade do Salão do Livro do Piauí. Para o professor Luiz Romero, um dos organizadores do evento, o principal foco do SALIPI é o público infantil. Segundo o professor, “quando você vicia a criança e você traz essa semente para o SALIPI, os que chegaram nas barrigas das mães, no primeiro SALIPI, já estão levando outras nas barrigas”.²⁰ O Salipinho é um evento infantil integrante da programação do SALIPI, que contempla o público infantojuvenil.

O Salão do Livro do Piauí possui uma programação versátil durante toda a sua realização. No Salipinho, a literatura, em seu caráter humanizador, ao vivo, em conexão com o “vivo”, aparece por meio de uma variedade de atividades lúdicas, como peças teatrais, teatro de bonecos, brincadeiras, jogos de estratégia, contação de histórias, oficina de artes, dobraduras, oficina de libras, origami, xilogravura, cinema. Esse rol de atividades pode ser amplamente experimentado por esse segmento de público específico, o infantojuvenil. Para a indelével fruição, porém, as escolas fazem prévio agendamento, para que uma programação logística de recepção seja criada e tenha-se como mensurar quantas crianças estarão presentes no evento.

Para que todas as crianças tivessem alegria e igual direito no acesso ao livro, firmaram-se parcerias com entes públicos, em que as crianças recebem um *voucher* no valor de R\$ 20,00 (vinte reais), subsidiado pelo governo do Estado em parceria com a prefeitura municipal de Teresina, com a finalidade de contribuir para que as crianças possam comprar livros de sua preferência a preço de feira. Para Kassio Gomes, “o SALIPI tem uma grande contribuição nesse sentido, primeiro, pela questão do cheque livro que é uma construção social dentro do SALIPI, uma das maiores contrapartidas sociais de inclusão.”²¹ Iniciativas como essas contribuem para que o direito à leitura e o acesso ao livro esteja ao alcance de todos, não importando a faixa etária. O cheque livro tem sido mais um atrativo que tem levado crianças para conhecerem o universo representativo do Salão do Livro do Piauí ao longo de toda a sua programação. A disponibilização do *voucher* contribui para a movimentação financeira do evento, aumentando a comercialização não só de livros, mas de outros objetos que são expostos a venda.

A professora Jasmine Malta, por sua vez, em entrevista para esta pesquisa, alude que,

[...] ainda no 2º SALIPI já começou com contação de histórias para crianças. No 3º SALIPI, já entrei pra coordenar o espaço criança, que era a visitação desse público às atrações, o acompanhamento deles e principalmente que não saíssem sem nenhum tipo material de leitura; aí eu sai arregimentando, garimpando doação para que as crianças pudessem levar; daí surgiu a primeira ideia do que hoje a gente chama de sonfoninha que é um impresso, uma dobradura e que tem uma antologia literária, antologia poética, outro com autor homenageado, sempre tem uma temática que vai sendo trabalhada. Pra quê? Pra que nenhuma criança saísse sem material de leitura.²²

²⁰ Entrevista realizada com Luiz Romero para esta pesquisa.

²¹ Entrevista realizada com Kassio Gomes para esta pesquisa.

²² Entrevista realizada com Kassio Gomes para esta pesquisa.

A dedicação e empenho dos organizadores é posto à prova em cada edição, visto que o grau de exigência atual do visitante do SALIPI exige dos responsáveis não apenas o pensar e o agir cortês por parte do atendente, senão a um nível superior de atendimento, contextualizado à realidade da vida contemporânea, plural, inclusiva e que pede, para além da ludicidade, da criatividade, atualidade nas ações propostas, o que envolve ainda mais o público infantil em sua programação.

O público infantil tem ganhado espaço dentro do Salão do Livro do Piauí, a partir de uma programação pensada levando em consideração aspectos do mundo infantil, desde a cultura até o mundo das letras. Afinal, o SALIPI circula entre textos, sejam eles verbais ou não verbais. Assim, a interação entre o público infantil e o Salipinho acontece de forma satisfatória desde sua primeira edição. A imagem a seguir ilustra parte da programação do Salipinho.

Figura 19 - Salipinho



Fonte: Google imagens

Em cada edição, cerca de dez mil crianças, visitam, apreciam e vivem o Salão do Livro do Piauí, incluindo ainda crianças do Maranhão. Um público ativo que faz com que a organização pense em uma programação que de fato o envolva nas atividades, sem que o interesse pela leitura seja deixado de lado. É com esse propósito e a partir da aceitação do público mirim que o Salipinho passou a ser um projeto consolidado na programação do SALIPI.

A literatura infantojuvenil se faz presente em várias atividades propostas na programação do Salipinho, a saber, teatro, músicas, dentre outras atividades que envolvem o livro como objeto de partilha de conhecimento. Diante desse pressuposto, vale evidenciar que a concepção de literatura infantil vai além de seu sentido exposto a partir da adjetivação, uma vez que, a partir dos estudos sobre esse tipo de literatura, trata-se de literatura como arte, e essa representação artística se dá por meio da palavra, como defende Meireles (1984, p. 32).

A literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança. ‘A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.’.

Partindo da concepção da literatura infantil como arte, como tal deve ser pensada a partir de aspectos que envolvam o mundo infantil. O Salipinho atende tais exigências desde sua nomenclatura, que, ao empregar o grau diminutivo “Salipinho”, remonta a ideia de algo voltado para o público infantil. Nesse universo, a criança se sente atraída pelo belo e encontra ao longo das atividades propostas aspectos que envolvem a literatura infantil.

Toda criança é criativa, logo, as atividades voltadas para esse público devem ser pautadas na ludicidade, de modo a atraí-lo, objetivando uma interação entre as partes, para que, de fato, haja a partilha do conhecimento. Para tanto, faz-se preciso que o imaginário permeie as atividades, remontando um mundo mágico, pois ela envolve pontos que interessam ao público infantil. Em ambos, o evento e o público, a criatividade se faz presente, criando um universo de possibilidade envolvendo o mundo da leitura. Logo, a literatura infantil surge como elemento facilitador no processo de formação de novos leitores mirins. A imagem a seguir demonstra a atividade de contação de história realizada no Salipinho.

Figura 20 – Contação de História



Fonte: SALIPI

Disponível em: <https://www.humanismocaboclo.com/post/a-leitura-engrandece-a-alma-livros-bate-papo-e-cultura-tiveram-encontro-no-salipi-2019>

Sobre a literatura infantil, pode-se considerar que ela “[...] é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas”. (FRANTZ, 2001, p.16). Nesse ínterim, o Salipinho se mostra a partir dos efeitos que a literatura

infantil possibilita por meio de suas narrativas, em suas mais diferentes manifestações semióticas.

Ao que tange às manifestações culturais que envolvem o público infantil, é válido lembrar que

[...] para ser literatura, a obra deve ter um encantamento trazido pelas palavras e pelas ilustrações: o uso de figuras de linguagem, como as metáforas, de linguagem poética, de coisas submetidas, de ludicidade, de duplo sentido, de repetições. Ou o texto deve ser sonoro. Com musicalidade, com ritmo. (PARREIRAS, 2012, p. 108).

Tais aspectos também são aplicados em toda e qualquer atividade voltada para o público infantil, inclusive aqueles que contam com o livro como objeto de partilha de conhecimento. Essa preocupação resulta na elaboração de uma programação voltada completamente para o público infantil, de modo a inseri-lo no universo da leitura, bem como lhe apresentando as mais variadas formas de leituras sobre o fantástico mundo encantado para as crianças.

Na imagem a seguir, ilustra-se a participação do público infantil na programação do Salipinho, na 20ª edição do SALIPI, realizada em 2022, no *campus* Petrônio Portella, da Universidade Federal do Piauí.

Figura 21 – O Público Infantil no SALIPI



Fonte: arquivo pessoal do autor

Na execução das muitas atividades do SALIPI, considerou-se deveras assertivo que, ao planejar o que oferecer aos diversos segmentos de públicos, na sua grade de programação, especialmente ao público infantojuvenil, preocupou-se com um ambiente rico, plural, não conservador e o alinhou à contemporaneidade no esforço de minimizar distanciamentos e relacionamentos hostis ainda existentes nas relações humanas que envolvem muitas crianças e jovens, nos ambientes escolares, por exemplo. Com um olhar voltado para o público mirim, o SALIPI ganhou um segmento a mais de público que, diga-se de passagem, é um dos que mais

movimenta o salão. Ao longo de toda a sua programação, encontram-se grupos escolares fazendo passeio com suas turmas pelos estandes de livros, participando da programação infantil, enfim, apresentando para o público infantil a dimensão do Salão do Livro do Piauí. Assim, o público infantil piauiense, sobretudo teresinense, tem sido cada vez mais inserido no mundo da leitura também a partir da colaboração do SALIPI.

Ademais, o público infantil, pelo Salipinho, passa a conhecer a cultura piauiense em suas mais distintas manifestações artísticas: a música, a pintura, a dança, a literatura, a história, dentre outras manifestações que envolvem o mundo da leitura. Sobre o aspecto da cultura piauiense, já foi discutido neste trabalho que a cultura piauiense assume lugar de destaque no SALIPI em todas as suas edições. O SALIPI traz uma ressignificação para a cultura piauiense e a lança para todo o Brasil quando, em sua própria nomenclatura, insere o adjetivo “piauiense” trazendo um discurso ideológico de origem e empoderamento a partir da representação cultural, histórica, geográfica e política do estado do Piauí. É sobre esse assunto que o próximo capítulo discutirá.

5 O SALIPI E OUTROS DESDOBRAMENTOS

Este capítulo tem por objetivo discutir sobre os desdobramentos naturalmente decorridos do planejamento e realização do Salão do Livro do Piauí em suas duas décadas de história e de manifestações culturais que vão além da feira do livro. Deu-se a conhecer a importância do SALIPI para a literatura produzida no Piauí, bem como à produção de escritores antigos e novos, forjados no período de duas décadas do salão. Reflete-se ainda a respeito dos muitos lançamentos de livros no Espaço Bate-papo literário, atividade de grande significado não só para o próprio evento em si, mas também para os escritores, leitores, bem como para a Academia Piauiense de Letras (APL). As manifestações de aclamação do SALIPI pela sociedade piauiense, influências e impactos culturais sentidos por entes públicos e privados, também são considerados neste capítulo.

Portanto, o capítulo apresentará o SALIPI como uma ressignificação para a cultura piauiense e como ele se lança para todo o Brasil, representando um discurso ideológico de origem e empoderamento a partir da representação cultural, histórica, geográfica e política do estado do Piauí. Para tanto, abre-se uma discussão a respeito da cultura piauiense no SALIPI, que por sua vez alude as manifestações da cultura piauiense nas mais variadas manifestações artísticas. Em seguida, apresenta-se a contribuição do SALIPI para a literatura piauiense, abordando a relação entre ambos, bem como a participação da Academia Piauiense de Letras no Salão do Livro do Piauí. Por fim, discute-se sobre a aclamação do SALIPI pela sociedade piauiense, mensurando a aceitação por parte do público desse evento que há duas décadas faz história na sociedade piauiense.

5.1 A Cultura Piauiense no SALIPI

Desde sua primeira edição, o SALIPI já assumiu o compromisso de acontecer de forma seriada, valorizando a cultura piauiense por meio da cultura do livro. Assim, o Salão do Livro do Piauí surge como um produto cultural que reverbera a identidade do estado do Piauí, bem como as manifestações artísticas, sobretudo literárias, que emergem dentro do cenário do evento. No ano de 2016, o Salão do Livro do Piauí foi considerado Patrimônio Cultural Imaterial de Teresina. A proposta foi de autoria do Vereador Antonio Aguiar, que logo foi acatada pelo prefeito municipal da época, Firmino Filho. A notícia foi compartilhada à comunidade de Teresina durante a solenidade de encerramento da 14ª edição do evento. Em 19 de junho de 2016, o chefe do Executivo, em seu pleno poder, firmou o decreto que outorgou o título ao evento.

Por sua vez, o presidente da Fundação Quixote, Kassio Gomes, durante a solenidade expressou sua satisfação ao dizer:

Sempre buscamos um salão melhor para o público, especialmente para as crianças, e esse título é um reconhecimento importante desse trabalho. Poderemos nos beneficiar com a inclusão do SALIPI no orçamento popular, o que vai permitir que nós façamos uma feira ainda melhor (CÂMARA MUNICIPAL DE TERESINA, 22/06/2019).

Para o presidente da Fundação Quixote, o evento continuará, nas demais edições a honrar com seu principal objetivo, contribuir para a formação de leitores e novos escritores no estado do Piauí, de modo que a cultura piauiense seja o pano de fundo da realização de cada edição proposta pela fundação mantenedora do evento.

Desde então, ficou decretado que o SALIPI faz parte da história e da memória social do município de Teresina, capital piauiense. Logo, segundo o pensamento de Pollak (1992, p. 202), pode-se compreender esse tipo de evento como “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. Pensado a partir de uma gama de atividades culturais, flexíveis, organicamente planejadas, o SALIPI acontece ao longo de duas décadas, tendo apresentado à sociedade piauiense 20 edições com atividades ricas no que diz respeito a representação e valorização da cultura piauiense.

Embora com uma história de contratempos e percalços, o “sonho” de quatro abnegados piauienses, professores de língua portuguesa e literatura, tem-se exitosamente concretizado. O Salão do Livro do Piauí acontece na cidade (Teresina), nacionalmente reconhecida desde 2005 por possuir a melhor educação municipal nas séries iniciais e finais do ensino fundamental, do Brasil, segundo o IDEB, e no ano de 2021 mais uma vez a capital piauiense recebe uma avaliação exitosa por parte do MEC apontando um avanço no IDEB do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. Em meio a esse contexto educacional, o SALIPI perpassa contratempos e percalços de percurso. Com 20 anos de realização, o evento se firma consolidado, sustentando a proposta inicial: incentivo à leitura e a formação de novos leitores, valorizando e ressignificando a cultura piauiense por meio de suas propostas de atividades socioculturais.

O Salão do Livro do Piauí tornou-se parte da cultura. Cineas Santos, sobre o impacto do SALIPI na cultura Piauiense explana da seguinte forma:

Eu não quero ser tão pretencioso, mas é certo que o SALIPI revelou jovens autores. O salão incutiu em algumas pessoas o interesse pelo livro, isso não é pouco. [...] o salão tem uma preocupação muito grande em prestigiar o público estudantil, notadamente as crianças, mas eu não sei até que ponto isso mudou a vida cultural em Teresina. Olha essa livraria, por exemplo, a do Leonardo, o salão deu um impulso

muito grande nessa livraria. Ele edita os autores piauienses e isso tem reflexos, evidentemente na vida cultural da cidade.²³

Em sua fala, Cineas Santos faz menção à livraria Entrelivros, uma livraria de Teresina que tem se dedicado em reeditar obras literárias piauienses já esgotadas. O SALIPI tem feito, ao longo de suas edições, uma parceria com a Entrelivros, de modo que já rendeu bons frutos para cultura piauiense: o acesso a livros de literatura piauiense que já não circulavam mais nas prateleiras das livrarias.

Por se tratar de incentivo à leitura e à formação de novos escritores, o SALIPI incute em sua programação a cultura piauiense das mais variadas formas possíveis, a começar pela escolha do patrono do evento. Sempre se escolhe uma figura que se destacou no cenário cultural piauiense, seja no âmbito literário, educacional ou histórico. O nome do patrono traz para o evento um recorte social e temporal que remonta aspectos culturais do Piauí em seu pleno desenvolvimento, ou até mesmo a busca por ele.

Considerando o pensamento de Cevasco (2003), pode-se dizer que há sim, nítida identificação, interesse e envolvimento do piauiense / teresinense com o SALIPI, como evento cultural, intelectual e espiritual local. Para Maria Elisa Cevasco,

Até o século XVIII, cultura designava uma atividade, era cultura de alguma coisa. Foi nessa época que, ao lado da palavra correlata “civilização”, começou a ser usada como um substantivo abstrato, na acepção não de um treinamento específico, mas para designar um processo geral de progresso intelectual e espiritual tanto na esfera pessoal como na social – o processo secular de desenvolvimento humano, como em cultura e civilização europeia. (CEVASCO, 2003, p. 9-10).

Quanto ao papel do Salão do Livro do Piauí para o desenvolvimento sociocultural piauiense, o escritor, poeta e compositor maranhense, um dos coordenadores do SALIPI, José Salgado Maranhão, coadunando com Cevasco (2003), de que cultura designa “progresso intelectual e espiritual”, afirmou que o salão desempenha importante papel de progresso e de continuidade de cultura, uma vez que “cultura é todo dia”. Nesse sentido, o evento tem um papel fundamental para a cultura piauiense. Segundo o poeta,

[...] nesses vinte anos de atuação, oxigenar a cultura piauiense, o pensamento, as artes e a continuidade dessa cultura através do tempo porque cultura não é uma vez só, você não pode dizer assim: eu me alimentei hoje, nessa semana, e agora só o ano que vem; cultura é todo dia. O SALIPI vinte anos, é o próprio exemplo da continuidade da prática da cultura livresca do Piauí, e esse SALIPI já se espalha por várias cidades do interior do Estado. (MARANHÃO, 2022).

Para além da cultura livresca, o Salão do Livro do Piauí oferece ao visitante um leque cultural completo, que pode ser aproveitado em todos os espaços que constituem o SALIPI:

²³ Entrevista realizada com Cineas Santos para esta pesquisa.

Seminário Língua Viva, Estação Letras e Expressões, Bate-Papo Literário, Palco Marcus Peixoto, Praça Assis Brasil, Imersão ENEM, Espaço do Cordel, Espaço Liz Medeiros, Espaço TRT, Espaço Salipinho, Curso de Escrita Literária.

O escritor e filósofo franco-argelino Albert Camus aponta que “Sem a cultura e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda criação autêntica é um dom para o futuro”. De tal modo, o SALIPI traz consigo a proposta de que “cultura é todo dia” manifestada na continuidade de autêntica obra coletiva piauiense que se espalha pelo interior do Estado disseminando a cultura do livro por meio dos salões e feiras.

O hábito de leitura e da economia do livro agrega outras formas de linguagens e manifestações culturais em torno do SALIPI, como exemplo, oficina de origami, oficina de argila, oficina de pintura, oficina de xilogravura, esta última, arte milenar, em que as crianças podem entender e experimentar no Espaço Liz Medeiros o que é essa arte, e por meio de materiais simples como isopor, palito e tinta guache, conseguem produzir as próprias gravuras. Tudo isso o SALIPI oferece para as crianças e para o público em geral. A iniciativa é do Núcleo de Gravuras e Pesquisa do Piauí (NUGRAPPI), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), para quem as crianças passaram a ser o público prioritário da oficina e que atendeu mais de seis mil crianças durante o 15º SALIPI em 2017.

De maneira análoga, o Salão acontece nos municípios do interior do Estado e o destaque é para o objeto livro, item mais procurado somado a um leque de vocações locais, próprias de cada município.

O Salão do Livro de Parnaíba - SALIPA, por exemplo, fez-se um misto cultural material e imaterial local, e, ao mesmo tempo recebe indiretamente valor agregado de todo saber fazer regional, como o artesanato a culinária tradicional típica de cidade litorânea com iguarias de frutos do mar de apreciado sabor, tanto pelos residentes como pelos visitantes. Preserva-se dessa maneira em um encontro literário características regionais, sociais e culturais diversas, típicas do município e do Estado do Piauí.

A depender do município, as manifestações culturais no SALIPI se apresentam conforme programado em planejamento para cada edição e traz para um só lugar atrativos locais, regionais e nacionais. Como já dito, um conjunto abrangente de manifestações em torno da arte e dos saberes de um povo. Eneas Barros, escritor piauiense, pondera e descreve sua percepção sobre o SALIPI em Teresina e diz:

O que assistimos foi um verdadeiro show de profissionalismo e entusiasmo. Os expositores moviam-se freneticamente para atender aos permanentes interessados em seus produtos. Crianças folheando livros infantis, adultos pesquisando temas,

escritores autografando seus lançamentos, pessoas descontraindo-se em bate-papos agradáveis – uma atmosfera positiva pairava sobre o SALIPI. Era essa a impressão de quem teve a grata oportunidade de fazer-se presente. (BARROS, 2009).

Na edição especial de vinte anos, como as de anos anteriores, o Salão Livro do Piauí trouxe mais uma vez o melhor da cultura piauiense, e, para além das palestras com grandes nomes da literatura local, nacional e internacional, inovou e deu assento à tradição gastronômica local no Espaço de alimentação. A literatura de cordel pela primeira vez no SALIPI ocupou o Espaço Cordel, específico para a manifestação da arte popular tipicamente nordestina, que, junto à vasta produção escrita em folhetos e disponibilizada na feira do livro, foi também apreciada na voz de violeiros, cantadores, repentistas em seus versos improvisados.

A cultura piauiense elencada no Salão do Livro do Piauí se manifesta para além das atividades literárias. A música piauiense é outra manifestação artística que ressignifica a cultura piauiense, como se pode observar na imagem a seguir que divulga uma das atrações musicais da 18ª e 19ª edições do SALIPI realizada em 2020.

Figura 22 – Banda Validuaté na 18ª edição do SALIPI



Fonte: Universidade Federal do Piauí

Disponível em: <https://www.ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/43906-teste-11>

A banda Validuaté é um grupo musical de expressão piauiense criada em 2004, em Teresina. Seu estilo musical traz marcas rítmicas com forte influência do rock, mesclando com outros estilos musicais. A banda Validuaté tem contribuído com o SALIPI em várias edições, tendo cadeira cativa no evento. Isso demonstra que a valorização da cultura piauiense não está apenas na literatura, mas também nas demais manifestações artísticas que compõem a programação do Salão do Livro do Piauí.

O Salão do Livro do Piauí, conta ainda com o Palco Marcus Peixoto, espaço dedicado a apresentações musicais. Com uma programação intensa durante os dez dias do evento, acontecem a partir das 18h apresentações com variedade de estilos musicais; o visitante pode fruir da música clássica ao forró, do reggae ao cordel, do rock ao folgado, MPB, blues, dentre outros. O objetivo, no entanto, é que o Palco sirva também para divulgar a música produzida no Estado do Piauí. Assim, o SALIPI está construindo e fortalecendo identidade coletiva cultural ao valorizar e oportunizar a presença do artista piauiense junto a sua arte.

A cultura piauiense tem sido um ponto forte ao longo das 20 edições do Salão do Livro do Piauí. Pois das mais variadas manifestações artísticas, a cultura piauiense tem feito do SALIPI um evento literário que lança para o Brasil afora a potencialidade do evento enquanto produto do estado do Piauí. São duas décadas valorizando a cultura piauiense, trazendo para o Piauí intelectuais nacionais e internacionais. A troca de experiências se faz em cada atividade do salão, no qual a leitura e a escrita se fazem desde a palestra proferida até o público ouvinte, perpassando pela mídia.

Assim, a cultura piauiense, bem como a literatura piauiense estão mais que internalizadas no Salão do Livro do Piauí. A literatura piauiense, no SALIPI, está para além das homenagens. Ela se faz também na idealização de novos escritores piauienses, de modo a formar uma nova geração da literatura contemporânea piauiense. É sobre a relação do Salão do Livro do Piauí com a literatura piauiense que o próximo subcapítulo discutirá.

5.2 A Importância do SALIPI para a Literatura Piauiense

A magnitude do Salão do Livro do Piauí alcançada na trajetória de duas décadas de existência contribuiu, por certo, para colocar ainda mais em evidência a arte literária de expressão piauiense. O evento fomentou e continua a fomentar manifestações ligadas à cultura e à promoção do livro por meio de ações como contação de história, cursos, oficinas, cinema, apresentações musicais, palestras com escritores nacionais e internacionais, lançamentos, também por meio de concurso “Jovens Escritores” que estimulam a escrita e cultivam a leitura, dando maior visibilidade para Academia Piauiense de Letras (APL) e seus membros.

À medida que vão surgindo novos autores, dinamiza-se o mercado editorial, a produção cultural e simultaneamente a expressão intelectual piauiense se torna mais conhecida, porquanto é vista e testemunhada na realização do SALIPI nesses 20 anos de história, contribuindo social e culturalmente para o estado do Piauí por meio da produção e divulgação de diversos lançamentos. Fernando Pessoa (1966) assegura de que,

A literatura de um povo é, na sua vera substância, o que esse povo pensou de si mesmo, e do universo, da sociedade, e do indivíduo, através de si-próprio. Por isso a história de uma literatura é, na realidade bem entendida, a história da significação que tiveram as diferentes interpretações que esse povo deu a si-mesmo. (PESSOA, 1966, p. 48).

Com esse entendimento, pode-se acreditar que o Salão do Livro do Piauí, no seu percurso, reuniu a essência, a ‘vera substância’ do povo piauiense que “adonou-se do salão” desde seu surgimento no Centro de Convenções no início dos anos 2000, com a realização da 1ª edição em junho de 2003, até a 20ª edição, junho de 2022. Nesse tempo, vozes diversas ecoaram em toda sua extensão, em todos os espaços que constituem o Salão.

Em 20 edições de SALIPI, a literatura piauiense entrou, mais uma vez, como tema em rodas de bate-papos, palestras, oficinas, mesas-redondas, até mesmo e principalmente com nomes de patronos do evento. A seguir, apresenta-se a cronologia de escritores piauienses que já foram escolhidos como patrono do salão:

- 2003 – Mário Faustino – 1ª Edição
- 2004 – H. Dobal – 2ª Edição
- 2005 – O. G. Rego de Carvalho – 3ª Edição
- 2006 – Assis Brasil – 4ª Edição
- 2007 – Torquato Neto – 5ª Edição
- 2008 – Da Costa e Silva – 6ª Edição
- 2009 – Alvina Gameiro – 7ª Edição
- 2010 – Fontes Ibiapina – 8ª Edição
- 2011 – Prof. Raimundo Santana – 9ª Edição
- 2012 – Francisco Pereira da Silva – 10ª Edição
- 2013 – Manoel Paulo Nunes – 11ª Edição
- 2014 – José Gomes Campos – 12ª Edição
- 2015 – Monsenhor Chaves – 13ª Edição
- 2016 – Álvaro Pacheco – 14ª Edição
- 2017 – Odilon Nunes – 15ª Edição
- 2018 – Arimathéa Tito Filho – 16ª Edição
- 2019 – Profa. Cecília Mendes – 17ª Edição
- 2021 – Graça Vilhena – 18ª Edição / Climério Ferreira – 19ª Edição
- 2022 – Cineas Santos – 20ª Edição

Todos esses autores correspondem a personalidades que se destacaram no mundo da ficção piauiense ou da educação piauiense. São nomes que refletem uma forte influência sobre

a história, bem como a cultura do estado do Piauí. Não desmerecendo os demais autores, mas aqui chama-se atenção para a 20ª edição do SALIPI, realizada em 2022. Nessa edição, o patrono foi exatamente o escritor e professor Cineas Santos. O idealizador do Seminário Língua Viva, evento que gerou o SALIPI. Na edição comemorativa de 20 anos, nada mais justo que homenagear a pessoa que primeiro se preocupou na qualificação de professores para atuação no mundo das letras, tornando-se mais tarde um dos conselheiros do Salão do Livro do Piauí.

Na visão do professor Dr. Daniel Castelo Branco Ciarlini, da Universidade Estadual do Piauí, que apresenta em núcleos, o cenário para os autores teresinenses publicarem suas obras, além dos saraus com projetos alternativos, a Academia com a formação de pesquisadores, há “a Academia Piauiense de Letras, que não deixa de estar promovendo com propriedade a literatura piauiense”. Ou seja, a APL está fomentando a economia do livro, com os lançamentos de livros, como sete, da *Coleção Centenário*, da Academia Piauiense de Letras, lançados na edição/2022. Confirmou a Assessoria da APL, que,

As obras compõem um acervo de mais de 30 livros que foram editados ou reeditados pela APL entre 2020 e 2021. Foram lançados nos SALIPI os volumes 62. Roteiro do Piauí – Carlos Eugênio Porto, com apresentação do acadêmico Fonseca Neto; 75. Curral de Serras – Alvina Gameiro, com apresentação da acadêmica Socorro Rios Magalhães; e 88. Do Rio de Janeiro ao Piauí Passando pelo Interior do País – Nogueira Paranaguá, com apresentação do acadêmico Nelson Nery. Também foram lançadas no mesmo ato os volumes 115. Mário Faustino Revisitado – Carlos Evandro Martins Eulálio; 137. Piauienses Notáveis – Reginaldo Miranda; 147. História e Vida Literária: Atas da APL – Elmar Carvalho; e 149. O Morro da Casa-Grande – Dilson Lages, com apresentação dos autores, além do romance Histórias de Évora, de Elmar Carvalho, publicado pela *Coleção Século 21*. Os lançamentos ocorreram no Bate-Papo Literário, com a presença de acadêmicos, escritores, professores, estudantes e outros participantes do SALIPI. (APL, 2022).

No entanto, a parceria entre a Academia Piauiense de Letras e o SALIPI nem sempre aconteceu de forma proveitosa. Segundo o presidente da Fundação, Kassio Gomes. Em entrevista para esta pesquisa, ressaltou sobre a ligação entre a APL e o SALIPI da seguinte forma:

Eu acho que sobretudo na gestão do Zózimo, ele deu um *up* muito grande na APL. Hoje você percebe a APL muito mais dinâmica: APL está com o chá das 5, está participando dos projetos externos a ela e quando ela deixou de ser uma casa das celebridades e dos grandes intelectuais para ir mais perto do público e, certamente, o SALIPI foi uma dessas portas para que isso ocorresse. Veja bem, quando a APL no SALIPI, sobretudo nessas últimas edições, ela chegou com estande e com espaço voltados para os próprios autores, com espaço na programação, participando ativamente, isso faz com que os jovens conhecessem um pouco mais da própria APL, então eu acredito que o SALIPI tanto ajudou a APL quanto a APL ao SALIPI. Acho que foi um trabalho de mão dupla, a várias mãos, uma construção de uma nova identidade para as duas instituições.²⁴

²⁴ Entrevista realizada com Kássio Gomes para esta pesquisa.

Sobretudo, a aproximação da APL com o SALIPI tem sido pública e notória nos últimos anos. Mudanças na gestão da Academia de Letras têm resultado em mudanças nas atividades da instituição. A sociedade teresinense tem se aproximado mais da APL assim como a APL tem se aproximado mais da sociedade. Nas últimas edições do SALIPI, a APL tem se mostrado mais presente dentro das atividades do Salão do Livro do Piauí.

A imagem a seguir demonstra a participação da Academia de Letras Piauiense em uma mesa-redonda na 20ª edição do SALIPI, realizada em 2022.

Figura 23 – Participação da APL na 20ª Edição do SALIPI



Fonte: Academia Piauiense de Letras

Disponível em: <https://www.academiapiaiensedeletras.org.br/2022/06/08>

A parceria firmada entre ambas as instituições tem também como fim o fomento da economia do livro, oportunidade que emerge a partir do SALIPI em sua programação. Assim, tanto a APL quanto o SALIPI agem na sociedade piauiense como instituições que promovem a cultura piauiense por meio da leitura e escrita a partir da ficção de expressão piauiense.

Escritores do interior do Estado do Piauí e de outros, especialmente das cidades onde ainda não se firmou a feira literária por meio do Salão do Livro do Piauí acorrem ao evento em Teresina para lançarem suas obras, como fez Márcia Evelin, de Oeiras, que lançou na 20ª edição/2022 o livro *“O menino do Congo”*. A obra conta a história dos Congos de Oeiras, primeira capital do estado do Piauí. A obra resulta do esforço realizado pela escritora, na função de pesquisadora, para manter vivo os laços culturais para além-mar, de modo a ser apresentada junto a outras obras piauienses no evento lítero-cultural - “Travessia das Letras” ocorrido na cidade de Oeiras, Portugal, em maio/2022. De igual modo, fez a empresária e professora Dra. Joseane Maia, que também lançou a obra infantil intitulada: a *“Dança do Lili”* que trata da manifestação popular da vida no interior, no município da cidade de Caxias, no Estado do Maranhão.

O Salão do Livro do Piauí traz na grade de sua programação o que o Piauí tem de melhor na produção cultural e riqueza literária atual objetivamente apresentada e experimentada, não apenas durante dez dias nas dependências da UFPI. A aclamação e recepção do SALIPI ocorrera também noutros espaços do interior do Estado dois anos após surgimento do SALIPI em Teresina. Por iniciativa do professor Kássio Gomes, da Fundação Quixote, cria-se em Valença, o SALIVA, Salão do Livro de Valença, em 2005, o primeiro do interior do Estado. Afirma Kassio:

Porque essa motivação pro interior? Por que nem todas as pessoas tem condições de sair com uma caravana pra passar 5, 6 ou mais dias em Teresina para o SALIPI, então o SALIPI vai até essas pessoas num formato *Pocket* mas com tudo o que o SALIPI oferece aqui em Teresina.²⁵

A expansão do SALIPI para o interior do Estado do Piauí foi confirmada por Cineas Santos e assegura que não era intenção do SALIPI Teresina. A idealização é de autoria de Kassio Gomes, atual presidente da Fundação Quixote.

Olha, essa multiplicação de Salões é mérito do Kassio Gomes, ele inventou o Salão do Livro de Valença, SALIVA, que foi o primeiro e deu muito certo. É um Salão que pode quase competir com o de Teresina; depois veio o de Picos, de Parnaíba e posteriormente o de Bom Jesus. Na verdade, quem comanda e coordena tudo isso é o Kassio, tendo como ponto de partida o SALIPI, mas é uma iniciativa dele, o SALIPI não tinha essa pretensão, quando surgiu. Era uma iniciativa do Kassio.²⁶

Alguns desses municípios são conhecidos pela produção literária, como o município de Parnaíba, com o Salão do Livro de Parnaíba (SALIPA), já na 8ª edição em 2022. Mas nem todos os Salões do interior prosperaram, diz Jasmine Malta:

[...] alguns deram certo e permanecem, como Parnaíba, o de Valença e o de Bom Jesus, o de Picos desmembrou completamente, porque nos levaram pra a ideia, para execução e tomaram de conta sozinhos; outros não deram certo, como o de Altos, só teve a 1ª edição.” Pedro II também só teve a 1ª edição. Estamos com a intenção de retornar o de Picos.²⁷

A expansão do SALIPI para o interior é, absolutamente, trabalho de desbravador, de voluntário incansável, ou mais, visto que os resultados esperados são intangíveis, a longo prazo, e é realizado eminentemente de forma coletiva; não basta haver população numerosa, em certa cidade, atrativos turísticos, vocações para leitura, livros, e ou requisitos a mais para o intento.

O Salão do Livro do Piauí e Academia Piauiense de Letras, engajados, alcançaram apoio, trocas, e influências mútuas percebidas a partir do Espaço APL, no SALIPI, cujo ponto de comercialização de livros permaneceu próximo ao espaço Bate-Papo Literário, durante a 20ª

²⁵ Entrevista realizada com Kássio Gomes para esta pesquisa.

²⁶ Entrevista realizada com Cineas Santos para esta pesquisa.

²⁷ Entrevista realizada com Jasmine Malta para esta pesquisa.

edição do evento localizado na chegada e saída do Salão, denotando para o visitante, duplo sentidos, o de comércio de livros e o de “poder simbólico”, considerando aqui a concepção de Bourdieu (1989) acerca da representação desse poder. Porquanto, como instituição, a APL representa um grupo de intelectuais (acadêmicos) das letras, ficando, portanto, explícito o lado comercial em segundo plano na participação da 20ª edição do SALIPI, como revelara o presidente Zózimo Tavares ao responder se valeu a pena em termos de custo benefício, estar a APL presente no SALIPI, como livreiro, ao que afirmou:

A Academia Piauiense de Letras se planejou pra vir pra cá, com este estande para o SALIPI; como ela não tem fim lucrativo, ela não está preocupada com viabilidade financeira ou não. Ela vem de qualquer jeito. Nós vamos acompanhar o SALIPI agora, para aonde ele for, a gente vai acompanhar.²⁸

Não obstante a isso, a Academia Piauiense de Letras, participou com um montante significativo de livros, além da literatura, ficção e poesia, também história, folclore, enfim, uma gama extensa e abrangente de temas. Acrescentou ainda, que no SALIPI

[...] o público leitor está atrás de novidades, naturalmente o consumo maior é de literatura infantil porque os meninos recebem um vale livro pra fazer essa compra, mas os adultos compram muito. Eu acho que sai muita coisa de autor piauiense por essa época, mas também sai esses autores da moda, esses que estão aí, que tem um bom marketing. Claro que só o marketing não vai garantir a sobrevivência do livro, mas sem o marketing é muito pouco provável que o livro consiga algum sucesso editorial. O livro, essa turma tem que entender que o livro é um produto como o sabão e como qualquer outro, ele precisa de marketing ele precisa ser apresentado. Ele só vai virar literatura depois que for lido, que ele for criticado, que ele for analisado, que ele for estudado. E é preciso que as editoras os autores compreendam esse passo anterior. Todo livro que ele foi bem vendido que circulou bem, ele foi precedido de um marketing.²⁹

Considerando, portanto, as palavras do presidente da Academia Piauiense de Letras, ficou claro que o SALIPI e a APL precisam prosseguir fomentando a economia do livro, uma vez que este só vai virar literatura depois que for lido, analisado e criticado. A interação e troca de influências entre as entidades, Academia Piauiense de Letras (APL) e Salão de Livros do Piauí (SALIPI), favoravelmente esperada para as partes, pelo que se percebe nas falas dos professores informantes, passa por um processo de gestão atuante, aberto, participativo e engajada por parte da presidência da APL com o meio social e com objeto que os une: o mundo das letras, o livro, a literatura, os escritores.

²⁸ Entrevista realizada com Zózimo Tavares para esta pesquisa.

²⁹ Entrevista realizada com Zózimo Tavares para esta pesquisa.

5.3 A Aclamação do SALIPI pela Sociedade Piauiense

É bastante visível, em todas as edições do Salão do Livro do Piauí a aclamação demonstrada na alegria e satisfação do piauiense em participar do grande acontecimento lítero-cultural do Piauí. Isso deixa entusiasmados não só os organizadores, mas também os patrocinadores. A recepção do salão, vista no número de visitantes que para lá acorrem nos dez dias de realização, confirma as palavras do cofundador do evento, professor Cineas Santos, quando diz: “o povo adonou-se do salão”; tomar para si o salão, sugere forte sentimento de pertencimento manifestando-se no desejo de, concretamente ver o que se percebera “crescente” na ambiência social teresinense no início do século XXI. Efetivamente o evento se materializou dando-se a conhecer naquele período, conferido na iniciativa e mérito da organização.

É importante registrar, porém, que para alegria e aclamação demonstradas pelos frequentadores do SALIPI houve muito labor, motivação e trabalho dos idealizadores do salão que na visão de Cineas Santos, “nasceu errado, absolutamente errado” dada as demandas econômicas, culturais e sociais desfavoráveis de então. Grandes dificuldades se impuseram em forma de resistência a parar com a ideia de realização do SALIPI. Alfredo Bosi (2002) conceituou resistência:

Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir o antônimo familiar é de/sistir_ (BOSI, 2002, p.118).

Segundo Santos, após cinco anos do Seminário Língua viva, os três professores resistiram, queriam mais, queriam o Salão. Assim, empenhados e imbuídos do sentimento coletivo não atentaram para as dificuldades, não as viram como empecilhos, ao contrário, reagiram com entusiasmo como afirma Santos (2022).

Contagiados pelo entusiasmo do Wellington Soares, decidimos tocar o barco adiante, apostando até o que não tínhamos. Transferimos o Salão para o mês de junho a fim de contarmos com a presença dos estudantes. Ganhamos em público; em receita, não. [...] nas cinco primeiras edições, nenhum dos parlamentares destinou emenda de um centavo para o SALIPI. Áspero tempo. No entanto, com todas as diversidades imagináveis, fizemos um belo salão. (SANTOS, 2022, p. 16,17)

O Salão do Livro do Piauí, desde a sua primeira versão atendeu o fato de Teresina e o Estado do Piauí necessitarem de eventos culturais consistentes, de porte nacional, pois até o surgimento do SALIPI, em 2003, tudo era muito mitigado, tudo simples, diz a professora e organizadora do SALIPI, Jasmine Malta:

Quando acontecia algum sarau na casa da cultura, por exemplo, Teresina não tinha um cenário que a gente tem hoje, de as pessoas irem pra esses ajuntamentos culturais sem medo, elas iam à vontade e desfrutavam de tudo; a gente está falando de anos 90 a 2000. Havia uma timidez. Ah, eu vou pro teatro com que roupa? Como me comporto no teatro, eu vou a uma exposição de arte na casa da cultura, eu me comporto como?

Posso pegar, é só pra ver, eu posso conversar com o artista? Eu vou pro sarau, pra uma conferência de escritor, nossa! É o escritor, então ainda tinha muita essa cultura de que a arte, a leitura, a literatura, o cinema, a pintura, não era para todo mundo.³⁰

Teresina, como descrito por Jasmine Malta, ensaiava, na época, os primeiros passos para eventos culturais de maior porte, constituído de elementos que manifestassem a riqueza da arte literária e o anseio do povo piauiense. Compartilhando do mesmo pensamento da professora Jasmine, o professor Kassio Gomes afirma:

Nós tivemos outros eventos, mas eram mais esporádicos não eram tão duradouros. Tínhamos o seminário de literatura na Universidade Federal, na estadual, seminário de literatura piauiense, mas nenhum evento que tivesse a duração em quantidade de dias quanto em quantidade anos e de duração, quanto o SALIPI. Acho que o SALIPI é um evento que deu essa cara para o Piauí e para Teresina especialmente.³¹

A necessidade de eventos de maior expressão cultural, no entanto, tem sido parcialmente suprida uma vez por ano com a realização do SALIPI naquilo que se propõe a oferecer ao participante: a oportunidade do contato direto com o universo literário, a partir do desenvolvimento de uma série de atividades voltadas para crianças, adolescentes e jovens. Tudo isso com a finalidade de sensibilizá-los sobre a importância do ato de ler para o seu desenvolvimento intelectual, emocional e social, de modo a possibilitar novos conhecimentos por meio de palestras, oficinas e contato direto com os próprios escritores.

O impacto positivo sentido do SALIPI pela sociedade piauiense se deu, sobretudo, com a 12ª edição em 2014, quando da parceria firmada com a Universidade Federal do Piauí (UFPI), instituição que acolheu o evento em suas dependências até os dias atuais, visto que este era resposta ao pedido da sociedade e leitores piauienses, antes mesmo do surgimento em 2003.

A aclamação do Salão pela Academia e sociedade teresinense/piauiense se deu não só pela quantidade de crianças e mediadores de leitura das escolas públicas alcançadas, quantidade crescente de visitantes cada ano na feira de livro, número de obras lançadas no Bate Papo Literário ou mesmo pelo volume de vendas realizadas nos dez dias do evento, dentre outras percepções, mas sobretudo, pela quantidade e qualidade das palestras ministradas, a valorização da cultura, bem como da literatura piauiense.

A satisfação e alegria de encontros de leitores com os escritores que admiram e destes receberem feedback do público, como os renomados autores nacionais Inácio Loyola, Djamila Ribeiro, Fabricio Carpinejar, e internacionais Mia Couto, José Agualusa, por exemplo, traduz

³⁰ Entrevista realizada com Jasmine Malta para esta pesquisa.

³¹ Entrevista realizada com Kassio Gomes para esta pesquisa.

o valor cultural e intelectual disponibilizados gratuitamente a professores, estudantes, estudiosos e a toda sociedade piauiense.

No SALIPI, respira-se cultura e arte, mas vai-se além da questão cultural, que, embora seja a mais importante, não é a única. Como já dito, o Salão do Livro do Piauí faz a economia do Piauí e da capital girar. Gera-se Impostos Sobre Serviços, (ISS), movimentam-se diversos setores da rede de serviços como: hoteleira, papelarias, floriculturas, transportes, alimentação, serviços de energia elétrica, serviços gráficos, serviços de saúde e tantos outros. Soma-se ainda pessoas contratadas e trabalhadores voluntários no evento durante toda a realização do evento. Pode-se afirmar que, dentre os muitos segmentos sociais beneficiados economicamente com a realização do Salão do Livro do Piauí, o primeiro a lucrar é o próprio Estado, com o volume de impostos arrecadados, sem falar do acúmulo de conhecimento internalizado pela população.

Entes públicos, por meio de políticas públicas afirmativas, contribuem para a realização do projeto SALIPI, pois entenderam e acreditaram na proposta de valor para a educação e cultura locais. Unidos, e, juntamente à iniciativa privada que também abraçou a causa, contribuem para com o SALIPI: o Estado, por meio da secretaria de Estado da Cultura (SECULT/PI); a prefeitura, por meio da Secretaria de Educação do Município (SEMEC), com recursos financeiros (cheque livros no valor de vinte reais, cada) no montante de duzentos mil reais, oportunizando cerca de 10 mil crianças da rede pública a transformarem suas vidas pelo acesso ao livro e demais produtos disponibilizados nos 10 dias de realização do Salão do Livro do Piauí.

Participar do SALIPI é um momento oportuno para se conhecer as novas obras lançadas e nomes da produção literária nacional e internacional. Participação que vem sendo conquistada ano após ano. Todos podem fruir das palestras, bate-papo-literário, exposições, exposições, concursos, apresentações artísticas, enfim, de todo clima e ambientação detalhadamente preparada para a grande festa literária. A festa é a expressão mais universal, uma vez que toda comunidade, diversas culturas possuem suas formas de festejar e de cultivar o tempo alegre ou o tempo festivo. Bakhtin assinala que é quase impossível definir e teorizar sobre as questões dos espetáculos públicos e da cultura popular sem generalizar; segundo ele:

A festa é a categoria primeira e indestrutível da civilização humana. Ela pode empobrecer-se, às vezes mesmo degenerar, mas não pode apagar-se completamente [...] A festa é isenta de todo sentido utilitário (é um repouso, uma trégua, etc.). É a festa que, libertando de todo utilitarismo, de toda finalidade prática, fornece o meio de entrar temporariamente num universo utópico (BAKHTIN, 2010, p. 241).

A festa permeia a existência humana, assim, importa-nos frisar a presença desse fenômeno durante a vida humana e mesmo isenta do sentido utilitário, a festa é vista com finalidades

diversas. Bakhtin diz que as festas possuem um conteúdo especial e exprimem sempre uma determinada visão de mundo. Para Generosa Souto:

[...] a festa é uma viagem, vai-se a ela e ali transita-se entre lugares. Por isso o desfile, o cortejo, a procissão, o enterro, a folia, [...]. A festa quer lembrar. Ela quer a memória do que os homens teimam em esquecer, e não devem, fora dela. Necessária, a “festa” quer jogar com os sentidos, o sentido, os sentimentos (SOUTO, 2004, p.6).

Como alude Souto, a “festa quer lembrar, quer memória”. Evento como salão literário, não obstante o lado prático, utilitário que traz é sempre um espaço festivo, regado de sentido, de sentimento participativo, de pertencimento, de identidade como percebido nos diferentes públicos e parceiros do SALIPI, “corresponsáveis” por fazê-lo acontecer, como dito por Santos (2022) na abertura do primeiro Salão do Livro do Piauí.

[...] no dia 30 de junho de 2003, abrimos festivamente o SALIPI, no Centro de Convenções de Teresina. Uma festa memorável, para dizer o mínimo. O público teresinense abraçou o Salão como se abraça um filho muito desejado. O governador do Piauí, Wellington Dias, e o prefeito de Teresina, Firmino Filho, compareceram à festa de abertura. Impressionada com o público a imprensa teresinense já nos cobrou a transformação do SALIPI em bienal do livro no Piauí. (SANTOS, 2022, p.12,13)

Por menor que seja uma comunidade, sempre haverá nela o momento do tempo festivo de celebrações, como as práticas festivas da igreja cristã que ocorrem em um determinado número de dias e mês do ano; de igual modo as do Antigo Testamento do povo de Israel a celebrar festa em Jerusalém três vezes ao ano, por ser Jerusalém, segundo a tradição o lugar determinado para adoração e celebração a Javé; prática também vista nos mais diferentes grupos e comunidades, religiosas, ou não, para cultuar ou simplesmente festejar, como faz Teresina / Piauí há vinte anos com a presença do Salão do Livro do Piauí.

A imagem a seguir do encerramento do SALIPI.

Figura 24 - Show de Enceramento – SALIPI (2022)



Fonte: <https://www.facebook.com/salaodolivrodopiaui/>

O SALIPI proporciona participação com arte, com a leveza de espírito do artista, e, sem preconceitos, expande-se do sério, do carrancudo, ao penetrável, à festa a céu aberto, ao acessível, à conexão com a realidade, com vida.

A mídia, por sua vez, tem um papel amplo e importante na realização do SALIPI. O composto de comunicação, marketing e relações públicas na função de informar, publicizar, tornar público e aproximar os segmentos de públicos de interesse na realização do Salão, envolvendo suas ações e quase tudo que acontece no antes, durante e depois, uma espécie de “tambor de ressonância”. O evento é pauta obrigatória na mídia local com matérias exclusivas e na participação de programas com chamadas ao vivo. Além das matérias em nível estadual, tanto na mídia impressa quanto televisiva e na internet, divulga-se o SALIPI nos portais de notícias, fazendo-se presente nas coletivas de imprensa, nas reuniões de preparação que antecipam o lançamento e abertura do evento.

O SALIPI conta ainda com o apoio profissional da agência JFLECH, empresa responsável pelo audiovisual e peças publicitárias. Junto à equipe que trabalha na organização do Salão do Livro do Piauí, está a Assessoria de Comunicação e o cerimonial da Universidade Federal do Piauí.

A imagem a seguir representa o SALIPI na mídia.

Figura 25 – Divulgação da Abertura do SALIPI



Fonte: Globoplay

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10635553/>

Sabe-se que o Salão do Livro do Piauí já é um evento cristalizado no calendário cultural que envolve as feiras literárias no Brasil. Para chegar a esse patamar, o evento precisou e conseguiu por meios de grandes desafios, conquistar a confiança do público piauiense, de modo que a audiência em cada edição se faz de forma bastante representativa, tornando-se um evento que representa a identidade e a cultura piauienses.

Com um público formado por diferentes faixas etárias, cada grupo é sucesso de público em cada atividade proposta pelo salão, a saber: Salipinho, concurso Jovens Escritores, Bate Papo Literário, Seminário Língua Viva, entre outras. O impacto sociocultural do SALIPI se auto confirma a cada edição, quando a cultura, a história, bem como a identidade do Piauí é colocado em lugar de destaque por meio da leitura, da escrita, ou seja, por meio do uso da palavra em suas mais distintas formas de manifestação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho surgiu com o intuito de compreender sobre o objeto de estudo, Salão do Livro do Piauí, SALIPI, sua história e desdobramentos em seus vinte anos de existência na capital Teresina; como esse se apresentava, como era visto e percebido pelo povo piauiense, teresinense e autoridades do poder constituído, estadual e municipal que também contribuem para a realização do Salão. Assim, passou-se a cogitar da possibilidade de estudar e pesquisar esse fenômeno cultural, plural.

Compreender a criação, história e desdobramentos do Salão do Livro do Piauí, bem como sua contribuição na formação sociocultural do Estado do Piauí e capital Teresina, foi o objetivo primeiro deste trabalho; a incursão de estudos permitiu visualizar a trajetória e história do Salão do Livro, seus percalços de caminho, com supervenientes e necessários desdobramentos nesses vinte anos de existência. Para isso, então, resgatou-se a pergunta norteadora que balizou o estudo, ou seja: com efeito, qual a efetiva contribuição sociocultural o Salão do Livro do Piauí, proporcionou no percurso de duas décadas de existência para o Estado do Piauí e capital?

Para que este estudo fosse desenvolvido, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, exploratória e de campo e contou-se com a contribuição de teóricos como Ecléa Bosi (2003); Gaston Bachelard (1993); Mirian Scavone (2005); Vera Teixeira de Aguiar (1996); entre outros. O estudo sobre o SALIPI partiu-se da premissa básica, conhecer o objeto e conceitos; na contribuição de Getz (1997, p. 28), por exemplo, que conceitua eventos como sendo uma “celebração ou apresentação de algum tema para o qual o público é convidado durante um tempo limitado, anualmente ou menos frequentemente”; na história, buscou-se a origem de literatura ao vivo, em (COUTINHO, 2008, p.24) que diz,

A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana (COUTINHO, 2008, p.24).

Coadunando-se com Coutinho, tomou-se o exemplo de literatura ao vivo, os salões de Paris, lugares de memória e sociabilidades da França moderna do século XVII e XVIII, no Antigo Regime - o do poder monárquico. Para o conceito de memória, apoiou-se em Ecléa Bosi (2003, p. 53) “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

No tocante à *metodologia* aplicada para coleta de dados, utilizou-se da abordagem de natureza qualitativa do fenômeno literário, SALIPI, objetivando compreendê-lo no conjunto do seu modo de operar suas interações com o macro ambiente social e públicos de interesse do

salão “tais como elas são” na prática; realizou-se entrevistas semiestruturadas a quatro depoentes, professores fundadores do Salão, sendo três do sexo masculino e um do sexo feminino que concederam relatos espontâneos sobre o objeto SALIPI; fez-se pesquisa documental e análise de material promocional escrito de divulgação do SALIPI na mídia impressa, audiovisuais e televisiva a partir dos objetivos da pesquisa no corpus de 2003 a 2022. Para tanto, pautou-se na metodologia bibliográfica exploratória buscando indicações a partir de sinais ainda remotos na própria literatura piauiense, validadores da contribuição sociocultural do Salão do Livro para Teresina e Piauí.

À vista do que se propôs compreender ao longo desta pesquisa a partir dos objetivos estabelecidos, fundamentação teórica, caminho metodológico, os achados no planejamento e modo de como é realizado o SALIPI, apontou-se objetivamente estas considerações: o estudo demonstrou que o Salão do Livro do Piauí, nos vinte anos de história contribuiu de modo decisivo para o hábito da leitura e inclusão de pessoas que não tinham acesso ao livro; revelou jovens autores; incutiu em algumas pessoas o interesse e gosto pelo livro, pela leitura, notadamente as crianças. O surgimento do SALIPI, despertou na virada do século XX, o teresinense para o comércio e a cultura do livro, visto que antes, Teresina possuía livrarias mínimas, bibliotecas mínimas, principalmente as públicas, que não tinham acervo atualizado. Constatou-se ainda, por meio de pesquisa realizada pela organização do evento, que as crianças são as mais motivadas no quesito levar os pais, são elas que convidam os pais pra irem para SALIPI.

Para a realização desta pesquisa, fez-se necessário relatar como se deu a criação, história, percalços e crescimento do Salão do Livro do Piauí, bem como conhecer os públicos de interesse do SALIPI, parceiros e alianças firmadas para a construção e realização do Salão do Livro do Piauí e elucidar os desdobramentos supervenientes na realização do Salão do Livro do Piauí, junto à comunidade local que acolhe e prestigia o Salão.

Algumas limitações existiram para realização deste estudo; por seu ineditismo, a pesquisa foi parcialmente limitada, especialmente, pela ainda, escassa produção bibliográfica escrita sobre o tema eventos literários e literatura ao vivo no Brasil. Outro fator limitante nessa pesquisa, foi o distanciamento social da turma, provocado pela Pandemia Covid 19, no sentido da impossibilidade de trocas de conhecimentos de forma abundante, entre docentes e discentes; também o uso de máscara como prevenção à saúde nas relações interpessoais com os informantes nos momentos de entrevistas em ambientes fechados.

Na sua obra, *Tempo da Memória*, Norberto Bobbio (1997, p.53) afirma, “Hoje alcancei a tranquila consciência, tranquila, porém infeliz, de ter chegado apenas aos pés da árvore do

conhecimento”. Chegar apenas aos pés da árvore do conhecimento, portanto, afirmativa que equivale dizer de que nenhuma pesquisa chega a seu término, à sua conclusão dada às muitas verdades que a busca do conhecimento suscita; tal foi esse estudo, que apesar de suas limitações procurou-se conhecer acerca do Salão do Livro do Piauí para compreender os aspectos pesquisados no recorte de vinte anos, de 2003 a 2022. Assim, espera-se, que, por não se concluir aqui, novos estudos sejam encaminhados na temática eventos literários que contribuam efetivamente na construção e fortalecimento da identidade sociocultural e intelectual piauiense, tornando-a mais forte, seja em continuidade a este estudo ou por meio de outros eventos litero-culturais.

REFERÊNCIAS

20º Salão do Livro do Piauí. SALIPI. 20. ed. Disponível em: <https://salipi.com.br/portal/>. Acesso em 02 jun. 2022.

Academia Piauiense de Letras. **Academia faz lançamento coletivo de livros no Salipi.** Teresina, 08 jun. 2022. Disponível em: <https://www.academiapiauiensedeletras.org.br/2022/06/08>. Acessado em 07 fev. 2022.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria da literatura. **Revista TB**, n. 124, p. 23-24, jan./mar. 1996.

ARENDT, H. Rahel Varnhagen: **uma judia alemã na época do romantismo.** Trad. Antônio Trânsito e Gernot Kludash. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação.** Formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011, p.317-318

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 2009

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:* o contexto de François Rabelais. 7. ed. São Paulo: Hucitec / UNB, 2010.

BARRETO, Lima. **Impressões de Leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARROS, Eneas. SALIPI dá show de profissionalismo. **Blog Piauí:** cultura, turismo e gastronomia. Teresina, 15 jun. 2009. Disponível em: http://www.piaui.com.br/turismo_txt.asp?ID=589. Acessado em 02 dez. 2022.

BLOM, P. *Os anos vertiginosos: Mudança e cultura no ocidente -1900-1914.* 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória:** de senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **A leitura: uma prática cultural.** In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura.** Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BURKE, Peter **Cultura popular na Idade Moderna:** Europa, 1500-1800. Tradução Denise Bottmann. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999. 385p.

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos.* 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011
CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade.* 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. As Transformações nas Sociabilidades dos Jovens em Teresina nas Primeiras Décadas do Século XX, 2006 / OPSIS - **Revista do NIESC**, Vol. 6, p.02. 2006)
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais** Editora: Boitempo Editorial, São Paulo, SP e 2003
- COMENIUS, J.A. **Didactica magna**: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Trad. e notas de Joaquim Ferreira Gomes. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DUARTE, Jorge (Org.). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**: teoria e técnica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- DUGGAN, Anne E. **Salonnières, furies and fairies**: the politics of gender and cultural change in absolutist France. Newark: University of Delaware Press, 2005. 288p.
- FILHO, Alcebíades, tese *A GESTAÇÃO DE CRISPIM: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade* (2010, p.45-50).
- FRANÇA, Fábio. Estudo de jornalismo e Relações Públicas, *São Bernardo do Campo*: Fajorp - Metodista, a 1. n^o 1, jun. 2003, p.17-31. Resumo: A resenha do artigo de *Fábio França*
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.
- GETZ, D. Event Management and Event Tourism. Cognizant Communication Corporation, United States, 1997.
- GOODMAN, Dena. **Salões de Iluminação**: A Convergência de Ambições Femininas e Filosóficas" Estudos do Século XVIII, vol. 22, No. 3, Edição Especial: The French Revolution in Culture (Spring, 1989), pp. 330
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 30.
- HASTINGS, Max. **Catástrofe 1914** - a Europa vai à guerra. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p. 40.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO; IBOPE INTELIGÊNCIA. **Retratos da Leitura no Brasil**. 2016. 4^a Edição da Pesquisa "RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL" - - - 2016 Realização: Instituto Pró-Livro – IPL
- KRAMER, S. **Por Entre As Pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.
- KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2001
- LAFARGE, Chantal, Horellou; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Trad. Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.
- LILTI, Antoine. *Le monde des salons*: Sociabilité et mondanité à Paris au XVIII e siècle. Paris: Fayard, 2005.568.p
- LURIA, A. R. **Desenvolvimento Cognitivo**. São Paulo: Ícone, 2002.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. São Paulo, Ática, 2002.

MARINHO, Josefa Janiele Cordeiro. **O caráter educador dos saraus poéticos: literatura marginal em foco.** *Revista Igarapé*, Porto Velho (RO), v.5, n.2, p. 250-264, 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/2689>> Acesso em: 25 Out. 2018

MATIAS, Marlene. **Organização de Eventos: Procedimentos e técnicas.** 4. ed. Barueri: Manole, 2007.

MEIRELES, Cecília, (1984). **Problemas da literatura infantil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

O DIA. Jovens escritores do Estado ganham o mundo no SaLiPi. **Jornal O Dia.** Teresina, 29 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.google.com/search?q=como+referencia+na+cita%C3%A7%C3%A3o+p%C3%A1gina+de+jornal&rlz=1C1GCEJ_enBR1025BR1025&oq=como+referencia+na+cita%C3%A7%C3%A3o+p%C3%A1gina+de+jornal&aqs=chrome..69i57j33i10i160.11358j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acessado em 13, fev de 2023.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças.** Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PESSOA, Fernando. **Páginas de Estética e de Teoria Literárias** (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966, p. 48. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1654>. Acessado em 12 nov. 2022.

PINHO, Wanderley (2004). **Salões e damas do Segundo Reinado.** São Paulo: Gumercindo Rocha Dorea

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: POLLAK, M. (Ed.). **Estudos Históricos.** 10. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 1992. v. 5.

PORTO, Walter. Feira do Livro no Pacaembu quer abrir São Paulo à literatura de grandes autores. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/feira-do-livro-no-pacaembu-quer-abrir-sao-paulo-a-literatura-de-grandes-autores.shtml#:~:text=%22Parece%20que%20a%20feira%20j%C3%A1,edi%C3%A7%C3%A3o%20nesta%20semana%20no%20Pacaembu>. Acesso em 15 set. 2022.

PROUST, Marcel. **Salões de Paris.** São Paulo: Editora Carambaia, 2018.

RIVIÈRE, Carole Anne. La spécificité française de la construction sociologique du concept de sociabilité. **Réseaux: Communication, Technologie, Société**, Paris, v. 123, n. 1, 2004, pp. 207-231. Disponível em: <[https://www.cairn.info/revue-reseaux1-](https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2004-1-)

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Cineas. **Bastidores do SALIPI: breves histórias do Salão do Livro do Piauí /** Ciness Santos -1. ed. – Teresina: Fundação Quixote, 2022

SCAVONE, Mirian. **Os saraus estão de volta**. Entre Livros, 2 ed., jun. 2005. Disponível em: http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/os_saraus_estao_de_volta_imp_rimir.html>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SOUSA, Maria Ester Vieira de, professora titular aposentada e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Email: teca.vieiradesousa@gmail.com, no seu artigo: As feiras Literárias, o Livro e o Leitor: “Plumas emaranhadas”.

SOUTO, Maria Generosa Ferreira. (Org.). **Festas populares: palavras em movimento**. Montes Claros: Unimontes, 2004.

SOUZA, F. Gralha de. *A Belle Époque carioca: imagens da modernidade na obra de Augusto Malta (1900-1920)*. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2008.

SUMAN, Katia; GRANDO, Diego. Literatura ao vivo: a experiência do sarau ELÉTRICO/Live literature: the sarau elétrico experience. **Revista Athena**, v. 13, n. 2, 201

TENAN, Ilka Paulete Svissero. *Eventos*. São Paulo: Aleph, 2002.

TEPLOV, R. M. Aspectos Psicológicos de Educação Artística. In: LURIA, LEONTIEV, A; VIGOSTKY, L. S. e outros. **Psicologia e Pedagogia II** – Investigações Experimentais Sobre Problemas Psicológicos Específicos. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

VARGAS, Suzana. **O que se festeja nas festas literárias?** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festas-literarias-15766932>. Acesso em: 08 de fev. 2019

Venda de livros cresce no Brasil com ajuda de eventos literários e pequenas livrarias. **Jornal Nacional**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/11/venda-de-livros-cresce-no-brasil-com-ajuda-de-eventos-literarios-e-pequenas-livrarias.ghtml> Acesso em 3 jan. 2023.

ZANELLA, Luis Carlos. *Manual de organização de eventos: planejamento e operacionalização*. São Paulo: Atlas, 2003.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **TRÊS AUTORAS FRANCESAS E A CULTURA ESCRITA NO SÉCULO XVII: gênero e sociabilidades**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012, 229 p. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27579/R%20-%20T%20-%20ZECHLINSKI%2c%20BEATRIZ%20POLIDORI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso 16 dez. 2022.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação, você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

O estudo intitulado “*SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ - SALIPI: história e desdobramentos*” têm como pesquisadores responsáveis o(a) Sr. José Barroso de Oliveira Filho, aluno do mestrado em Letras da UESPI, e a Sra. Raimunda Celestina Mendes da Silva, professora da Universidade Estadual do Piauí. O objetivo da pesquisa se destina a compreender a criação, história e desdobramentos do Salão do Livro do Piauí, bem como sua contribuição na formação sociocultural do Estado do Piauí e sua capital Teresina.

Sabe-se da importância social do Salão do Livro do Piauí – SALIPI e sua proposta de formação cultural de novos leitores. Assim, este estudo justifica-se a partir da necessidade de se compreender a profundidade e a extensão cultural do SALIPI, objeto de estudo desta pesquisa, envolvendo ainda sua história e desdobramentos no recorte temporal que vai de 2003 a 2022.

Ao final desta pesquisa, espera-se ter traçado uma análise da história do Salão do Livro do Piauí – SALIPI e sua contribuição sociocultural para o Piauí e Teresina nesses vinte anos de existência, alcançando as expectativas dos seus públicos de interesse, especialmente as crianças e jovens e demais frequentadores e apoiadores do Salão, naquilo que se considera relevante para o desenvolvimento da educação e da cultura, gerando impactos positivos perante a comunidade, meio em que está inserido.

A contribuição do participante do estudo se dará por meio de informações coletadas a partir de uma entrevista semiestruturada que discorrerá acerca da história das 20 (vinte) edições do SALIPI. A entrevista está pautada em um roteiro que engloba pontos que se julgam importantes para se conhecer a história da existência de uma feira literária reconhecida como patrimônio imaterial da capital piauiense. Para a realização da entrevista, você precisará dispor de um espaço de tempo de 60 (sessenta) minutos para que se colete as informações necessárias para a escrita da pesquisa.

Este estudo possui baixo risco no que diz respeito ao tratamento ético dos dados coletados com a entrevista. Tais riscos foram medidos previamente, de modo a evitar durante as entrevistas indagações que comprometam a dignidade tanto do SALIPI quanto do participante da pesquisa. Esse comportamento será mantido ao longo de toda a entrevista para minimizar qualquer risco ou incômodo ao participante. Caso algum tópico da entrevista possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa comentá-lo. Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre a realização do SALIPI ao longo das suas 20 (vinte) edições.

Sua participação neste estudo é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis. Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

É garantido a você o direito a ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo, conforme a Resolução 466/12, inciso IV.3, alínea “g” 510/16 Art. 17, inciso VII, bem como, ao direito a indenização em caso de danos nos termos da lei, conforme a Resolução 466/12, inciso IV.3, alínea “h”. Serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

Você receberá uma VIA deste documento como forma de assegurá-lo dos seus direitos que dizem respeito a este estudo e outra VIA ficará com os pesquisadores. Ao final da pesquisa, você também receberá uma VIA do trabalho concluído com vistas a conhecer a pesquisa concretizada, conforme a Resolução 510/2016 Art. 17, inciso VI, uma vez que tal pesquisa contribuirá para futuros pesquisadores que se interessarem a conhecer mais a fundo a história do Salão do Livro do Piauí – SALIPI.

José Barroso de Oliveira Filho

E-mail:

Universidade Estadual do Piauí

Rua João Cabral, Nº 2231 – Pirajá

CEP: 64.002-150 - Teresina – PI

Telefone: (86) 3213-2547 / 3213-7942

Raimunda Celestina Mendes da Silva

E-mail:

Universidade Estadual do Piauí

Rua João Cabral, Nº 2231 – Pirajá

CEP: 64.002-150 - Teresina – PI

Telefone: (86) 3213-2547 / 3213-7942

Teresina - PI, _____ de _____ de 2022

Assinatura do(a) participante da pesquisa

José Barroso de Oliveira Filho

CPF:

Raimunda Celestina Mendes da Silva

CPF:

APÊNDICE B

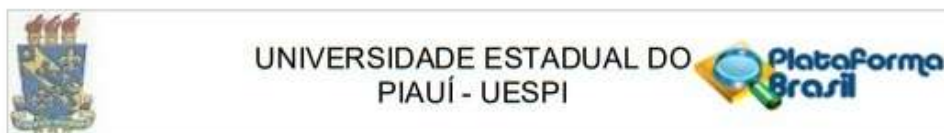
ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DE PESQUISA

ENTREVISTAS REALIZADAS COM KASSIO GOMES, DIRETOR DA FUNDAÇÃO QUIXOTE, E OS PROFESSORES LUIZ ROMERO, JASMINE MALTA E CINEAS SANTOS, COORDENADORES DO SALIPI, PERÍODO DE 10 A 23 DO JANEIRO DE 2023

01. Do quadro sociológico de leitores no final do Sec. XX, início do XXI, em Teresina.
02. Eventos culturais / literários existentes / recorrentes na primeira década do século XXI em Teresina.
03. Do Seminário Língua Viva (motivação original) para trazer à existência o SALIPI em 2003. Houve algo mais?
04. O surgimento da ideia do Salão do Livro do Piauí (Teresina) como um evento guarda-chuva para os salões do interior do estado (há interdependência...)
05. Apoio da Academia Piauiense de Letras ao SALIPI / influenciou a APL para um novo cenário.
06. A contribuição do SALIPI para a prática da leitura no Piauí.
07. Dificuldades encontradas na organização/execução do SALIPI.
08. A identidade cultural piauiense por meio do SALIPI.

ANEXO I

COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO À PLATAFORMA BRASIL



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ - SALIPI: história e desdobramentos

Pesquisador: Jose Barroso de Oliveira Filho

Versão: 1

CAAE: 67616222.5.0000.5209

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 017490/2023

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ - SALIPI: história e desdobramentos que tem como pesquisador responsável Jose Barroso de Oliveira Filho, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Estadual do Piauí - UESPI em 02/03/2023 às 09:38.

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335

Bairro: Centro/Sul

CEP: 64.001-280

UF: PI

Município: TERESINA

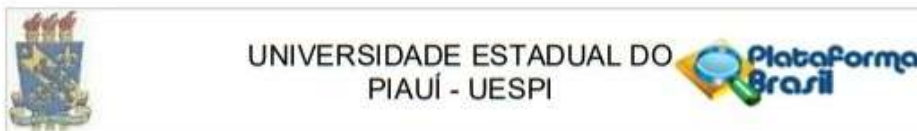
Telefone: (86)3221-6658

Fax: (86)3221-4749

E-mail: comitedeeticauespi@uespi.br

ANEXO II

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ - SALIPI: história e desdobramentos

Pesquisador: Jose Barroso de Oliveira Filho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67616222.5.0000.5209

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.024.472

Apresentação do Projeto:

O estudo intitulado "SALÃO DO LIVRO DO PIAUÍ - SALIPI: história e desdobramentos" tem como objetivo da pesquisa se destina a compreender a criação, história e desdobramentos do Salão do Livro do Piauí, bem como sua contribuição na formação sociocultural do Estado do Piauí e capital Teresina. Sabe-se da importância social do Salão do Livro do Piauí – SALIPI e sua proposta de formação cultural de novos leitores. Assim, este estudo justifica-se a partir da necessidade de se compreender a profundidade e a extensão cultural do SALIPI, objeto de estudo desta pesquisa, envolvendo ainda sua história e desdobramentos no recorte que vai de 2003 a 2022. Para a coleta de dados desta pesquisa, realizar-se-á entrevista semiestruturada com 4 participantes que correspondem à comissão organizadora do Salão do Livro do Piauí, os quais estão vinculados à Fundação Quixote, instituição responsável pela realização do Salão do Livro do Piauí, que acontece desde 2003 em Teresina – PI. Os dados coletados ajudarão a escrever a história do SALIPI, de modo a considerar fatos desde as primeiras edições até a última edição realizada no ano de 2022.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a criação, história e desdobramentos do Salão do Livro do Piauí, bem como sua contribuição na formação sociocultural do Estado do Piauí e capital Teresina.

Objetivo Secundário:

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335

Bairro: Centro/Sul

CEP: 64.001-280

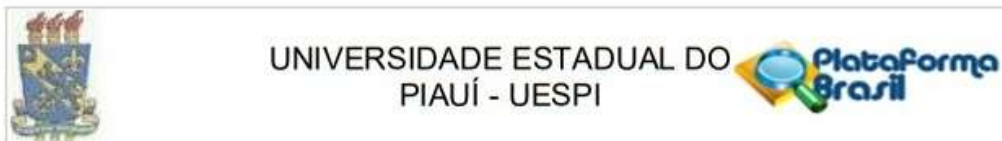
UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3221-6658

Fax: (86)3221-4749

E-mail: comitedeticacoespi@uespi.br



Continuação do Parecer: 6.024.472

Relatar como se deu a criação, história, percalços e crescimento do Salão do Livro do Piauí.

Conhecer os públicos de interesse do SALIPI, parceiros e alianças firmadas para a construção e realização do Salão do Livro do Piauí.

Tornar conhecido os desdobramentos supervenientes na realização do Salão do Livro do Piauí, junto à comunidade local que acolhe e prestigia o Salão

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este estudo possui baixo risco que diz respeito ao tratamento ético dos dados coletados com a entrevista. Tais riscos foram medidos previamente, de modo a evitar indagações que comprometam a dignidade tanto do SALIPI quanto do participante da pesquisa. Esse comportamento será mantido ao longo de toda a entrevista para minimizar qualquer risco ou incômodo ao participante. Caso algum tópico da entrevista possa gerar algum tipo de constrangimento, o participante não precisa comentá-lo.

Benefícios:

A contribuição de cada participante poderá ajudar no maior conhecimento sobre a realização do SALIPI ao longo das suas 20 (vinte) edições. Assim, será possível tornar público a história do SALIPI em seus 20 (anos) de existência, de modo a descrever a participação dos entrevistados na realização de um evento literário organizado pela Fundação Quixote.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa viável e de grande alcance social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

- Folha de Rosto preenchida, assinada, carimbada e datada.
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em linguagem clara e objetiva com todos os aspectos metodológicos a serem executados e/ou Termo de Assentimento (para menor de idade ou incapaz);
- Declaração da Instituição e Infra-estrutura em papel timbrado da instituição, carimbada, datada e assinada;
- Projeto de pesquisa na íntegra (word/pdf);
- Instrumento de coleta de dados EM ARQUIVO SEPARADO(questionário/entrevista/formulário/roteiro);

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335

Bairro: Centro/Sul

CEP: 64.001-280

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3221-6658

Fax: (86)3221-4749

E-mail: comitedeeticauespi@uespi.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PIAUÍ - UESPI



Continuação do Parecer: 6.024.472

Orçamento	ORCAMENTO.docx	02/02/2023 16:10:06	Jose Barroso de Oliveira Filho	Aceito
Outros	Link_do_lattes.docx	02/02/2023 16:09:01	Jose Barroso de Oliveira Filho	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.docx	02/02/2023 16:08:29	Jose Barroso de Oliveira Filho	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_da_instituicao_e_infraestrut ura.docx	02/02/2023 16:07:36	Jose Barroso de Oliveira Filho	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_do_pesquisador.docx	02/02/2023 16:07:17	Jose Barroso de Oliveira Filho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.docx	02/02/2023 15:53:58	Jose Barroso de Oliveira Filho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 26 de Abril de 2023

Assinado por:

LUCIANA SARAIVA E SILVA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335

Bairro: Centro/Sul

CEP: 64.001-280

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3221-6658

Fax: (86)3221-4749

E-mail: comitedeeticauespi@uespi.br